REVISTA

DE

PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

ABRIL, 1890

Summario:

		Pag.
I. OS FILHOS DE D. JOÃO I.	Oliveira Martins	433
II. O DISCIPULO	Moniz Barreto	449
III. TRADUCÇÕES DO ROMANCERO DE H. HEINE	José de Sousa Monteiro	466
IV. UM ROMANCISTA DA CALIFORNIA . . .	Izabel Leite	478
V. AS MINAS DE SALOMÃO	Rider Haggard	497
VI. NOVOS FACTORES DA POLITICA PORTUGUEZA	Um espectador	526
VII. AS FINANÇAS E A ADMINISTRAÇÃO DA DICTADURA BRAZILEIRA	Frederico de S.	542

LUGAN & GENELIOUX, Editores — Porto

Agentes em Paris:
AMEDÉE PRINCE ET Cie
36 — Rue Lafayette — 36

Agentes em Londres:
AMEDÉE PRINCE ET Cie
10 — Coleman Street — 10

Agente em Leipzig:
KARL W. HIERSEMANN
2 — Königsstrasse — 2

Volume II. Numero 10.

Summario do numero de março

Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do seculo XIX....	ANTHERO DE QUENTAL.
O Discipulo.....	MONIZ BARRETO.
A philosophia de Tolstoi.....	JAYME DE MAGALHÃES LIMA.
Os filhos de D. João I.....	OLIVEIRA MARTINS.
As minas de Salomão.....	RIDER HAGGARD.
Cartas de Fradique Mendes.....	EÇA DE QUEIROZ.
A dictadura no Brazil. Tratados diplomaticos e credito financeiro (Com dois mappas).....	FREDERICO DE S.

NOVAS PUBLICAÇÕES

NO PRÉLO:

Eça de Queiroz

CORRESPONDENCIA DE FRADIQUE MENDES

RIDER HAGGARD

AS MINAS DE SALOMÃO

VERSÃO REVISTA POR E. Q.

Thomaz Ribeiro

DISSONANCIAS

Egydio de Azevedo

RELIGIÃO E CRITICA

MATHIAS DA LUZ SOARES

MAXIMAS

CONSELHOS MORAES

PENSAMENTOS, MEMORIAS, SENTIMENTOS NOBRES

E PROVERBIOS

OBRA UTILISSIMA PARA A INSTRUCÇÃO DA MOCIDADE

Guiomar Torrezão

ALMANACH DE LEMBRANÇAS, PARA 1891

(EDIÇÃO DO BRAZIL)

THE J. PAUL GETTY CENTER

OS FILHOS DE D. JOÃO I [1]

Inclyta geração, altos infantes.
CAMÕES, *Lus.* IV, 50.

VIII

O REGENTE

D. Pedro largou então de Coimbra, cercado de muita fidalguia, com uns quatro mil homens de gente sua. Correu que iria de passagem a Alemquer para levar comsigo o rei. A mãe teve medo e destacou-lhe um emissario ao Alfazeirão. O infante descia a estrada que vem de Coimbra, pela Redinha, a Leiria, d'ahi á Batalha e Alcobaça. Ao enviado da rainha disse que não iria a Alemquer, e proseguiu, chegando ás portas de Lisboa. Acampou no Lumiar. Era principiado o inverno de 1439. Os da capital vieram pedir-lhe que tomasse a regencia, elle respondeu-lhes que esperassem pelas côrtes.

Com effeito, reuniram-se em Lisboa os tres estados do reino. A rainha recusava-se a tudo: a largar a regencia, a sahir de Alemquer, a consentir na vinda do pequeno rei a Lisboa. D. Pedro então, acompanhado pelos irmãos, D. Henrique e D. João, fez a sua entrada na cidade. As instancias de D. Henri-

[1] Continuado da pag. 372, do numero de março.

que obtiveram de D. Leonor a vinda do reisinho ás côrtes [1], que perante elle votaram a regencia de D. Pedro. O conde de Barcellos, com uma raiva que lhe escurecia a intelligencia, ainda propoz restricções, mas foi repellido; ainda reclamou o restabelecimento do arcebispo de Lisboa, seu amigo e cunhado, mas foi-lhe negado [2]. O seu despeito converteu-se em odio, vendo a partida inteiramente perdida.

Ao levantar da sessão um procurador do Porto lembrou-se de propôr que se tirasse o rei a sua mãe, porque, educado por uma mulher, ficaria fraco e além d'isso seria creado no odio a D. Pedro — e a nós, terminou dizendo. E vendo que a assembléa inteira concordava, D. Pedro pediu que parassem: não queria tal.

— Se o rei Affonso tivesse de morrer, diriam que o matei.

Os procuradores, todavia, insistiam. D. Pedro começava a ser mandado. Pediu que consultassem os irmãos, e estes opinaram que o rei devia ficar em poder do regente. Observou ainda que melhor seria andarem ambos, juntamente pelo reino, a rainha e elle; mas a isto oppoz-se D. Leonor, que durante os debates viera de Alemquer e estava em Santo Antonio do Tojal. Era, com effeito, humilhante demais para ella, andar assim, como aia dos principes, na côrte de D. Pedro, rei verdadeiro; mas a essa crueldade tinha sido levada, e a não se lhe submetter havia de forçosamente abandonar o rei. Preferiu outro extremo: não abandonou só o rei, abandonou todos os filhos, cinco creanças, a maior de sete annos, a mais nova de menos de um, D. Affonso, D. Fernando, D. Leonor, D. Catharina e D. Joanna. A infanta D. Philippa, mais velha dois annos que o rei, tinha morrido pouco antes em Alemquer. Deixou os filhos todos no Tojal, e partiu sósinha para Cintra.

Calculou que, com esse escandalo, provocaria a guerra civil e que os seus irmãos de Castella, uma vez liquidadas as pendencias que lá os tinham retidos, viriam defendel-a. De Cin-

[1] Dez de dezembro.

[2] Pina, *Chron. de Affonso V*, XLV a IX.

tra, n'uma excitação aguda, partiu para Almeirim: estaria ahi mais perto da fronteira, cuidava ella que para receber os soccorros, quando foi para caminho do exilio. Todas as instancias, todos os conselhos paternaes de D. Pedro eram baldados. No intuito de a socegar, o rei e a côrte foram para Santarem, defronte, do outro lado do Tejo. Em Almeirim conspirava-se abertamente. O conde de Barcellos, deitando fóra a mascara, bandeára-se com a rainha, e instava com ella a que se recolhesse no Crato, cujo prior era fiel, cujo castello a defenderia, emquanto não chegavam os infantes de Aragão para a vingar. Publicamente se contavam com horror os tratos havidos entre o conde de Barcellos e os aragonezes; e D. Henrique, D. João, seu genro, seu proprio filho o conde de Ourem, ao lado de D. Pedro, exprobravam ao velho o desvairamento. Ainda que de Ourem diziam alguns que estava com D. Pedro, por ser de boa politica e mais seguro ficar o pae d'um lado e o filho do outro. D. Leonor, tambem por cautela, mandára á irmã as suas joias e dinheiros. E o prior do Crato, n'este côro de mentiras, mandava tambem o filho, a Santarem primeiro, prestar a sua homenagem ao regente, e depois a Almeirim, combinar a fuga da rainha.

Essa loucura consummou-se, por uma noite fria de outubro (1440), escapando-se D. Leonor com um pequeno grupo a cavallo pelas vastas planicies do sul do Tejo, como bando de ciganos foragidos. E quando na villa soou a noticia, a gente saltou das camas espavorida, gritando em choros: «Fugir, fugir! do infante D. Pedro que vos vem prender». Foi um panico atroz e ridiculo. Mal vestidos, entrouxando as roupas, soltavam-se a correr pelas charnecas fóra, como bando de ovelhas tresmalhadas. No seu desvairamento, muitos acreditavam que a carreira só havia de parar em Castella. A mulher e o filho do senhor de Cascaes, velho guerreiro já tropego, que da cama se deitára no chão, rebolavam-no para que fugisse tambem, n'uma afflicção aguda, sacando-lhe dos braços, pedindo-lhe por misericordia que se salvasse.

— Deixai-me comer a esta terra que me creou e a que

não fui nem sou traidor. Não me desterreis sem culpa, a este corpo, nem lhe deis sepultura em terras alheias [1].

Levaram-no aos tombos. E quando a manhã levantou de sobre a terra o manto escuro da noite, a charneca appareceu deserta e muda na sua immensidade. Aqui, além, um farrapo, um mantéo, perdidos, accusavam o exodo tumultuoso da côrte da rainha que se fortificava no Crato.

É de vêr que ao regente não assustavam em demasia inimigos d'estes; receiára porém um conflicto com Castella [2]. Entrando na maioridade, o rei João II, em 1420, entregára o governo ao favorito D. Alvaro de Luna, que o infante D. Pedro tratára muito em Valladolid, quando partia para a sua viagem. D. Alvaro, creado de creança na côrte castelhana, onde apparece pela primeira vez, como pagem, em 1408, era o encanto das mulheres e o favorito do rei desde a infancia. Poetavam ambos ao desafio, desmanchando-se o cortezão em hyperboles. Chamava a D. João II *columna de gentileza.* Musico além de poeta, escriptor ainda por cima, D. Alvaro, que fazia a apotheose do sexo feminino no seu tratado das *Virtuosas é claras mujeres,* era o que trovando chamava á sua dona *Corona de quantas Dios padre cria,* acabando por esta quasi blasphemia genuinamente castelhana:

Se Dios, nuestro Salvador,
ovier de tomar amiga
fuera mi competidor.

Tomando conta do governo, D. João II entregou-se nas mãos de Luna, e n'elle se consolidou a quasi instituição dos *privados del rey* [3]. A côrte mordeu-se de inveja, vendo esse trovador feito conde de San Esteban, com seis cidades e mais

[1] Pina, *Chron. de Affonso V,* L a LXV.

[2] *Ibid.,* LV.

[3] V. Ticknor, *Hist. litt. esp.,* na ed. Gayangos, I, 208. A Chronica, anonyma, de D. Alvaro de Luna, impressa pela primeira vez em Milão, 1546, é um documento celebre da litteratura castelhana. Amador de los Rios (*Hist. crit. litt.*

de setenta fortalezas. Distinguiram-se pela sua opposição ao governo os infantes de Aragão, irmãos da nossa rainha, e primos-irmãos do rei castelhano, quando em 1418, casando-se João II com a irmã de D. Leonor, os infantes se acharam cunhados do rei. A viuva do Aragão veio estabelecer residencia na côrte de Castella, junto da filha, com os dois rapazes que andavam em busca de fortuna, e a viam patente se conseguissem abater D. Alvaro e tomar-lhe o logar á frente dos fidalgos, junto do fraquissimo rei. Desde então, a Castella inteira se achou dividida em duas metades hostis que em guerra disputavam entre si D. João II; mas o rei, fiel á sua amizade, tanto mais se prendia a D. Alvaro, quanto maior eram as victorias dos seus inimigos [1].

N'esta situação, D. Pedro, quando a rainha, fugindo de Cintra para Almeirim, abertamente appellou para os irmãos, e o conde de Barcellos se bandeou com elles, encostou-se tambem á parte contraria, alliando-se a D. Alvaro de Luna e ao mestre d'Alcantara, D. Gutierres, seu socio na campanha e na protecção real, enviando-lhes logo um auxilio de tropas, com que poderam bater as dos infantes e libertar o rei que estes tinham captivo [2]. D'este modo se dissipava o perigo d'uma intervenção castelhana, porque os infantes não viriam, emquanto D. Alvaro, a quem o rei se conservava sempre fiel, os trouxesse por lá abarbados com a sua resistencia. Conseguiram apenas que de Castella mandassem uma embaixada no outomno de 1440, reclamando a regencia para D. Leonor; mas esse mesmo acto platonico era renegado pelo rei que, de accordo com Luna, secretamente mandava dizer a D. Pedro não lhe désse ouvidos. A embaixada, effectivamente, foi despedida com as cortezias do estylo logo que D. Leonor fugiu de Almeirim para o Crato [3].

esp., VI, 224-9) estudando-o, attribue-o a Alvar Garcia. O mesmo auctor analysa as producções de D. Alvaro, nomeadamente o seu tratado das *Virtuosas é claras mujeres;* ibid., 63,5 e 271 a 7.

[1] Ch. Romey, *Hist. d'Esp.*, IX, 17.

[2] Pina, *Chron. de Affonso V*, LV e VI.

[3] *Ibid.*, LXIII e VI.

O pleito da regencia estava pois liquidado. D. Pedro, senhor do governo, tinha o rei em seu poder: esse symbolo, essencial á auctoridade politica, era uma creança de oito annos. De facto, rei era elle; e no momento em que um homem sobe á eminencia do poder, é que a sua verdadeira natureza se revela. Antes, os actos podem ser simulados pelo plano que o dirige, ou pelo impulso inconsciente que o move; depois complicam-se inevitavelmente com a saudade da vida forte, com as reminiscencias e com as dependencias creadas no periodo culminante.

No alto do throno a que as circumstancias o forçaram a subir, D. Pedro via mais claramente ainda, porque do alto são mais largos os horisontes, essa inanidade intrinseca das cousas que lhe revelára a sua mente de poeta. O pessimismo subia com elle ao throno. De uma vez, em Coimbra, indo com o infante D. Henrique para a porta de S. Bento, que dava sobre a ponte do Mondego, e onde se viam as armas da cidade, uma mulher sobre um calix com uma corôa na cabeça e com um seio amamentando um leão, com o outro uma serpente, D. Henrique parou, e rindo, a olhar as armas, disse-lhe:

— Bem se póde, senhor irmão, comparar a vós esta figura, pois tambem de uma parte dais mantimento ao leão que é Castella, e da outra a Portugal que é a serpe do nosso timbre.

— Verdade é, respondeu D. Pedro scismando; mas vêde-a melhor e considerai que está sobre um calix que significa sangue, em que mais claramente parece que de meus trabalhos, serviços e beneficios, esse ha de ser meu galardão... [1]

De outra vez, em Lisboa, o povo da cidade queria levantar-lhe uma estatua em reconhecimento do beneficio que lhe fizera abolindo dentro d'ella o serviço da aposentadoria, um dos mais vexatorios que a Idade-Média teve. Pela aposentadoria os povos eram obrigados a aboletar a côrte e as embaixadas, fornecendo-lhes camas, roupas, louças e todos os utensilios e al-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, LII.

faias necessarias á hospedagem [1]; e com os habitos de deslocação constante das côrtes, e com a frequencia das embaixadas, antes do estabelecimento de legações permanentes, este serviço era onerosissimo, mórmente nas terras como Lisboa, que se iam tornando capitaes. D. Pedro, em 1439 [2], ordenando a abolição da aposentadoria, dotou a obra do paço dos Estáos, destinado a receber as embaixadas, porque a côrte tinha em Lisboa o seu paço de apar S. Martinho, detraz da Sé, depois substituido pelo da Ribeira, onde viveu D. Manoel [3].

Pois quando vieram dizer a D. Pedro, já regente, que lhe queriam levantar a estatua sobre a porta dos Estáos, elle «com o rosto carregado de tristeza e pensamento» recusou a licença:

— Se a minha imagem alli estivesse esculpida, ainda virão dias que em galardão d'essa mercê que vos fiz e d'outras muitas que com a graça de Deus espero de vos fazer, vossos filhos a derribariam e com pedras lhe quebrariam os olhos. E portanto, Deus por isso me dê bom galardão, que de vós emfim não espero senão este que digo e porventura outro peor.

Já vimos como D. Pedro traduzira todos estes sentimentos em verso. Shakespeare, o genial adivinhador do homem na Renascença, pintou no seu Hamlet o prototypo d'esse estado extrinsecamente contradictorio, apparentemente doido, que resultava para a consciencia humana do subito desannuvear dos horisontes intellectuaes. Estonteada, como uma ave ainda implume a quem furtaram o ninho das crenças infantilmente protectoras, a alma esvoaça, geme e afinal expira. Hamlet portuguez, o regente previa o seu fatal destino no calix que signi-

1 Viterbo, *Elucid.* V. Aposentadoria.

2 V. a carta régia de 9 de junho fixando a dotação para o paço dos Estáos, em Oliveira, *Annaes do mun. de Lisboa*, I, 320. Pina, XLIX, data o acto das côrtes de dezembro, o que se vê não ser exacto. D. Pedro era ainda sómente Defensor, e decerto esse acto lhe augmentou a popularidade na capital.

3 Os Estáos de D. Pedro eram o edificio em que no Rocio, em 1584, se installou a Inquisição; reconstruido depois do terremoto de 1755, em 1820, supprimida a Inquisição, foi palacio da Regencia; em 1826 serviu á camara dos Pares, em 1833 foi para lá o Erario, e por fim ardeu em 1836. No seu logar está hoje o theatro de D. Maria II.

fica sangue. O poder não o satisfazia: provava-se que não fôra um ambicioso, agora, quando podia dar largas aos seus desejos. Era no throno o mesmo philosopho precursor do pessimismo, mais poderoso ainda no alcance da vista do que o irmão, precursor tambem, do utilitarismo já hoje talvez em principio de decadencia.

*

* *

Com a fuga da rainha para o Crato declarou-se um simulacro de guerra civil. D. Pedro enviou uma carta-manifesto a todas as villas do reino, carta que foi lida depois da missa, no dia de todos os Santos. Escreveu outra vez a D. Leonor, admoestando-a, e, por não haver outro remedio, dispoz os preparativos da guerra. O infante D. Henrique foi para a comarca da Beira, o infante D. João para a d'entre Tejo e Guadiana. Ao Porto mandou-se um enviado especial, e ordens foram dadas para o Alemtejo, afim de que ninguem fornecesse para o Crato mais mantimentos do que os necessarios para o sustento da rainha e vinte pessoas de sequito.

O Crato era um d'esses velhos castellos fronteiros levantados n'um mar de charnecas, campos desolados por seculos de combater incessante. O ferro e o fogo tinham talado sem piedade essas planicies, e só de longe podia vir-lhe o mantimento. As ordens do regente equivaliam a um cêrco, pois ainda antes de irem tropas contra o castello já lá dentro havia fome. A pobre rainha pedia de mãos postas ao infante D. João que lhe acudisse; elle respondia-lhe que sahisse do Crato, cujo prior, mais a familia, não gosavam da melhor fama. N'este ponto correu voz de que os rebeldes tinham contractado gente em Castella, e era verdade. Tornava-se indispensavel acabar esse nucleo de resistencia; e no meiado de dezembro (17) as tropas do infante entravam em Belver, e publicavam-se editos de dez dias para se submetterem todos os que seguiam o prior, sob pena de morte e confisco.

Assentou-se o cêrco, e á fome juntou-se o terror dentro do Crato. Repetiam-se os prognosticos funebres. A imaginação, assustada pela consciencia da felonia, via pavores no ar. Reparou-se n'uma aguia que por tres vezes desceu sobre um ninho de cegonhas pousado na torre da casa do prior, e depois de levar os dois filhos, levava pelos ares nas garras o pae... talvez o prior! A bala de pedra do primeiro tron de um quartão dos sitiantes bateu em cheio n'um escudo d'armas, despegando-o, sem o partir, das mãos de dois anjos que o sustinham, e ao cahir por terra então se fez em hastilhas; o segundo tiro matou um homem, o terceiro foi despedaçar-lhe o cadaver já mettido no seu esquife...

O cêrco estreitava-se. Nas immediações do Crato havia ligeiras correrias, mas pelo reino não bolia uma folha. Chegaram com effeito alguns troços de castelhanos pagos com as joias e baixellas da rainha, e, não havendo outro meio de a convencer, o regente, com o infante D. João e os cunhados, Ourem e Arrayolos, filhos do conde de Barcellos, marchou para o cêrco. Nos ultimos dias de dezembro entravam em Aviz; e a rainha, vendo que nem Barcellos, nem os infantes de Aragão, nem os conjurados da liga de Torres Novas, ninguem vinha em seu soccorro, abalou, passando a fronteira, para Albuquerque de Castella, com o prior do Crato, o senhor de Cascaes e outros que, seguindo-a, acabaram emigrados. O Crato entregou-se, rendendo-se o castello com os oitocentos castelhanos que o guarneciam [1]. E assim terminou a guerra civil.

O conde de Barcellos não se levantára pela rainha, os seus filhos acompanhavam o regente; mas estava longe de ser seguro que elle se lhe submettesse. Que andava fazendo pelo norte, em grande parte seu, esse velho astuto e insaciavel? A sabel-o, e a vêr se o congraçavam, partiram para Traz-os-Montes, em fevereiro de 1441, D. Pedro e D. Henrique. O conde estava em Mesão-frio, a cavallo sobre o Douro, para lhes embargar a passagem. Villa-Marim, Mesão-frio e Cidadelhe, nas cumiadas

[1] Pina, *Chron. de D. Affonso V*, LXVI e LXXIV.

agrestes das serranias do norte do rio, que cahem abruptas e selvagens n'um leito de schistos terrosos, coroadas por pavorosas erupções graniticas, eram ainda behetrias, moleculas espontaneamente formadas, quasi republicas serranas da Idade-Média, que a necessidade da defeza obrigava a sujeitarem-se a um fidalgo, patrono ou senhor, mas que, com a isenção de montanhezes bravios, reservavam a eleição do protector. Essa eleição recahira no conde de Barcellos, que planeava porém confiscar as liberdades dos montanhezes tornando o beneficio hereditario na sua casa, como de facto conseguiu n'este proprio anno [1].

De dentro do seu ninho alpestre, como um falcão, o conde de Barcellos, receiando-se de que os irmãos viessem ajustar contas, mandára afundar os barcos do Douro; mas D. Pedro construiu uma ponte de toneis e passou. O conde de Ourem que vinha com elle, pedindo-lhe perdão para o pae, rogou-lhe licença para ir adiante convencel-o. Foi e trouxe-o. Viram-se, abraçaram-se os dois irmãos. Ouve-se o que as bôcas diriam; adivinha-se o que diriam os corações. O arcebispo de Braga D. Fernando, que era um pobre homem, malicioso porém, exclamava cheio de uncção ecclesiastica: «Ecce quam bonum et quam jocundum habitare fratres in unum!» D. Pedro «com bem na cara» impassivel de quem conhecia o interior aos homens, escutava a verbosidade contricta do conde de Barcellos, os seus protestos de obediencia, as suas affirmações de amizade e dedicação. Abandonava á sua sorte a rainha, encarregava-se até de a trazer á obediencia e amizade de D. Pedro; concordava no casamento do rei com a filha do regente; sómente pedia uma coisa: era que repozessem em Lisboa o arcebispo D. Pedro. Foi garantido; e separaram-se todos em paz, o regente para Lisboa, D. Henrique por Vizeu para o Algarve, e o conde para Guimarães [2].

Tratou-se logo do casamento do rei que tinha dez annos

[1] Fornellos, *Mem. hist. econ. do concelho de Mesão-frio*, as behetrias foram extinctas em 1550, com a reforma dos Foraes por D. Manoel.

[2] Pina, *Chron. de D. Affonso V*, LXXV.

feitos: houve côrtes em Torres Vedras e os desposorios effectuaram-se em Obidos no dia da Ascensão de 1441 [1]. Pouco a pouco, um por um, se iam desfazendo os nós. Faltava regularisar a situação da rainha que andava por Castella perseguindo os irmãos para que viessem restaural-a. O conde de Barcellos mandou-lhe com effeito um enviado, que chegou porém em má occasião. No anno precedente a rainha de Castella tinha conseguido que o filho, principe das Asturias, Henrique, casasse com a prima Branca de Navarra, cujo pae era um dos irreconciliaveis inimigos de D. Alvaro de Luna. Não pôde o condestavel impedir este casamento que todavia a fraqueza do principe lhe não permittiu consummar [2]. Mas a victoria da opposição accentuava-se e os aragonezes, omnipotentes, parecia deverem levar a melhor. Tinham cercado Medina del Campo, tinham-se apoderado outra vez do rei e batido as tropas de Luna e do mestre de Alcantara. D. Leonor estava com os irmãos em Medina, quando recebeu o enviado de Barcellos, e confiada no exito, repelliu-o. Em Portugal, o regente convocava as côrtes para Evora; e repellia tambem as successivas embaixadas castelhanas. Receiava um rompimento. Ceder seria fraqueza, insistir podia trazer a guerra. O voto das côrtes de 1442 foi porém de tal modo affirmativo, que se preparou para a lucta. Os *pedidos* que lançou, os armamentos que ordenou, foram unanimemente applaudidos; e esta unanimidade do reino contra a infeliz viuva, foi o argumento decisivo no conselho de Castella, reunido para tratar o caso de Portugal, a favor da não intervenção e pela paz, apesar dos rogos de D. Leonor e dos irmãos que assistiam ás deliberações da assembléa [3].

Pacificamente decorrera o anno de 1441 e o seguinte levava igual caminho, quando em outubro morreu de uma perniciosa em Alcacer do Sal o infante D. João que fôra o braço direito do regente no pleito do governo. Era o segundo dos filhos

[1] Pina, *Chron. de D. Affonso V*, LXXVI.
[2] Ch. Romeu, *Hist. d'Esp.*, IX, 17.
[3] Pina, *Chron. de D. Affonso V*, LXXVII a LXXX.

de D. João I que descia á cova, na flôr dos annos: tinha apenas quarenta e dois: e se Portugal perdia n'elle um dos caracteres mais inteiros que a sua historia apresentou, o regente perdia tambem o alliado mais prestimoso e mais fiel. A sua dôr foi immensa. Estava em Coimbra, e cahiu de cama enfermo ao receber a noticia. Transferiu logo para o filho do fallecido, D. Diogo, o mestrado de Santiago com todas as rendas que o pae tinha [1]; e para a filha proporcionou-lhe o futuro um destino brilhante.

O mundo é feito de compensações e equilibrios. Parecem pratos de uma balança que sobem ou descem alternadamente, revesando-se. Quando a dôr e a immensa falta de D. João sobrecarregavam o regente que perdia, ganhava o conde de Barcellos nadando em satisfação por se vêr afinal igual dos irmãos, tambem duque, o terceiro na ordem do tempo, mas primeiro de facto, porque os seus bens eram seus e não da Corôa, e porque o seu titulo ficava hereditariamente vinculado á sua familia quasi soberana. Em 1442 morrera o senhor de Bragança, D. Duarte, sem herdeiros. A côrte estava em Evora, e para lá foram correndo, pae e filho, Barcellos e Ourem, a reclamar a herança do morto ainda quente. Ourem chegou primeiro, pediu e obteve do regente o senhorio d'esse castello; Barcellos chegou depois, pediu tambem, mas D. Pedro disse-lhe que o déra já; de modo que foi do filho que o pae obteve a terra de que foi feito duque [2]. A desforra chegava tardia, mas vinha. A velhice indemnisava-o amplamente das amarguras passadas. Sentia-se subir, no prato da balança do mundo... O regente descia. Depois da perda do irmão, n'esse anno funesto de 1443, morria tambem no seu captiveiro o desgraçado D. Fernando, terceiro dos filhos de D. João I que descia ao tumulo, se é que era vida a sua existencia cruel... Morria tambem o filho do infante D. João, logo um anno após do pae. A um tempo vagavam dois

[1] Pina, *Chron. de D. Affonso V*, LXXXI.

[2] *Ibid.*, LXXXI; e Sousa, *Hist. Genealog.*, V, 37 e segg.

mestrados, o de Santiago e o de Aviz, com o cargo de condestavel que passára do pae para o filho de D. João. O regente recusou-o ao conde de Ourem que o reclamava para si, e deu-o ao proprio filho. Allegava Ourem a supposta hereditariedade do cargo na linhagem do grande Condestavel, cujo neto era; dizia que o infante D. João fôra condestavel, não por ser infante, mas por ser casado com a neta de Nunalvares. Contestava o regente não existir doação nem diploma que provasse a hereditariedade, e senão, que lh'o mostrasse; que á morte de seu pae, e não podia alongar-se muito, ficava duque, tres vezes conde: para a estreiteza de Portugal, bastava; tivesse paciencia [1]. — Desesperado, o conde de Ourem partiu, jurando vingar-se. Renascia-lhe na alma o appetite insaciavel do pae. E D. Pedro, considerando as coisas, reparava como se iam realisando as suas previsões. Enumerava as perdas soffridas, com a sua melancolica philosophia, resignada ou indifferentemente: a morte de D. João, o engrandecimento do conde de Barcellos, e agora o odio do conde de Ourem. A vida cada vez lhe parecia menos digna de amor.

Em Castella, a triste rainha, perdidas todas as esperanças com a victoria de D. Alvaro de Luna (Olmedo, 1445) que *libertára* o rei, pondo por uma vez termo ao poder dos aragonezes, retirára-se para Toledo, onde vivia pobremente das esmolas que de cá lhe mandavam. Afinal negociava-se um accordo por via do conde de Arrayolos, quando repentinamente chegou a noticia de que morrera [2]. Envenenada? Corria que sim, pelo condestavel D. Alvaro, inimigo figadal dos aragonezes. O facto é que aos quinze dias morria tambem, repentinamente, a rainha de Castella [3]. Vencidos os irmãos, Luna via-se livre das irmãs, e senhor absoluto do rei. O regente de Portugal mandára-lhe novos reforços, com o proprio filho, condestavel, que aos deze-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, LXXXII, III.

[2] 19 de fevereiro de 45. *Ibid.*, LXXXIV.

[3] Ch. Romey, *Hist. d'Esp.*, IX, 17.

seis annos fizera as suas primeiras armas em Olmedo [1], para acabar de exterminar os infantes, dos quaes um, Henrique, morria no combate, emquanto o outro se recolhia vencido aos Pyreneus.

Mas — dir-se-hia que para confirmar as conclusões do seu pessimismo — esta fortuna do regente voltava-se contra elle, ferindo-o na sua reputação, porque a alliança com os castelhanos reclamada pela paz do reino fazia-o solidario dos actos de Luna, e para alguns cumplices nos seus crimes. Essa idéa aggravou-se com o erro que ambos commetteram, D. Pedro e D. Alvaro, casando a filha do infante D. João com o rei de Castella, viuvo. D. Pedro imaginou pagar assim a divida á memoria do irmão querido. D. Alvaro pensou ter na rainha portugueza um instrumento docil. Enganou-se, redondamente. D. Izabel, obedecendo aos instinctos voluntariosos da raça, virou o rei, e ambos conspiraram contra D. Alvaro de Luna que em 1453 foi preso em Burgos e decapitado no anno seguinte em Valladolid [2]. Assim o destino inverte por vezes as tenções dos habeis. O homem põe, e Deus dispõe.

Entre o ajuste e as bodas, em 1446, consummou o regente a publicação das *Ordenações* que se ficaram chamando affonsi-

[1] O filho de D. Pedro, do mesmo nome, nascera em 1429. Foi n'esta expedição a Castella que conheceu D. Inigo Lopes de Mendoza, combatendo ao lado d'elle em Olmedo, d'onde Mendoza foi feito marquez de Santillana. De volta a Portugal, o condestavel, tão letrado como o pae, pedia ao marquez a collecção das suas *Canciones y dezires,* que este lhe mandava com a celebre carta que é um dos principaes documentos da historia litteraria do tempo. V. Amador de los Rios, *Hist. crit.,* VII, 80, I.

[2] Ch. Romeu, *Hist. d'Esp.*, IX, 17. — Os poetas celebraram a catastrophe de D. Alvaro, não poupando epithetos injuriosos para esse homem perdido, traça roedora, *gusano tragon,* etc. Guilleu de Segovia escrevia:

Tres delitos le pusieron
Grand crueza, tirania
et al rey segunt sintieron
ocupar la señoria.

V. Amador de los Rios, *Hist. crit.,* VI, 185.

nas; e sendo o primeiro codigo civil portuguez, foram o mais decisivo golpe no systema politico da Idade-Média, e o alicerce do poder soberano da monarchia, a caminho de uma definição completa. O compilador Ruy Fernandes, instado desde o dia em que D. Pedro tomára conta do governo, concluira afinal o trabalho de coordenação das leis do reino, dispersas em cartas, decretos, alvarás e regimentos dos seus reis successivos [1]: as *Ordenações* eram a biblia, o livro por excellencia, da nova religião civil da monarchia.

Em 1447 partiu para Castella uma D. Izabel, emquanto a outra casava com D. Affonso v que completára quinze annos. A neta do duque de Bragança, e a filha do regente, Izabeis ambas, subiam simultaneamente aos thronos de Castella e Portugal [2]. No verão, em julho, D. Pedro viu-se forçado a retirar para Coimbra, ao eremeterio da sua familia, dos seus livros. Os ambiciosos deviam estar satisfeitos, e tambem satisfeito o regente por ter evitado a anarchia no reino e a guerra estrangeira. Todavia não era assim, porque na realidade as cousas procedem de outro modo. Diz o ditado que quanto mais se faz, menos se merece: o mundo é com effeito uma ondulação cega, uma ambição vaga, para um norte indefinido; e os que mais se lançam n'essa corrente são exactamente aquelles que mais soffrem as consequencias do tumulto, e essa propria ambição, que alguns fabricantes de systemas chamam progresso, é tanto mais dolorosa e cruciante quanto é mais activa e energica.

Emigrando para Coimbra, D. Pedro, ia vergando ao peso, não do remorso, porque estava innocente, mas das cogitações

[1] D. Pedro logo em começo do seu regimento mandou ao dito doutor (Ruy Fernandes) que proseguisse a dita obra quanto bem podesse e não alçasse d'ella mão por nenhum caso até que com a graça de Deus a puzesse em boa perfeição. Figueir., *Synopsis chron.*, I, 34.

[2] A rainha de Castella teve o dote de 100:000 florins aragonezes, que pouco custou a pagar pois se encontrou nas despezas da expedição auxiliar de 1445. Houve grandes festas em Lisboa á partida da rainha. O casamento de D. Affonso v fez-se em Santarem sem fausto. — V. Pina, *Chron. de Affonso V*, LXXXVII.

que no seu espirito provocava o espectaculo da injustiça e da contradicção constitucional do mundo. Nem a sua philosophia nem a do tempo, davam para comprehender que essas contradicções são inherentes á propria realidade; e o seu pessimismo, como todos os pessimismos, provinha de não entender que a ordem, a paz, a justiça e a belleza estão apenas na luz diaphana da nossa razão que, voando livre, apaga os aspectos confusos das coisas para se vêr n'ellas a si propria como n'uma phantasmagoria. Talvez fosse agora, tornado á solidão do lar domestico em Coimbra, que o amigo de D. João de Mena, em tempos bem differentes seu correspondente litterario, rematasse as estrophes mais amargas do seu poema do *Menosprezo das cousas do mundo*. Deposto da regencia, accusavam-no de cumplicidade com o condestavel de Castella no envenenamento provavel das duas rainhas; accusavam-no, e com verosimilhança agora, depois da comedia do principio de 1446 (que logo contaremos) de querer usurpar o throno ao sobrinho — quando elle apenas quizera, apenas queria, dar paz, socego e felicidade a um povo, não por amor em que ardesse por elle, mas por assim lh'o prescrever a sua consciencia justa e sabia. Passava por ambicioso, nas linguas que deglutiam com ambição incessante, elle que sabia o valor mesquinho de todas as vaidades do mundo! E com este agitar de idéas que não podia resolver, esvaía-se-lhe a cabeça, e a razão começava a allucinar-se-lhe.

Oliveira Martins.

O DISCIPULO [1]

POR

PAUL BOURGET

III

Em contraste frisante com esta figura de decadente surge em seguida o vulto do conde André de Jussat. Esboçada em quatro traços, n'um escorço d'um vigor incomparavel, esta physionomia de official e fidalgo estampa-se na memoria. Um homem de estatura mediana, de construcção athletica, mãos e pés nervosos, uma testa quadrada n'um casco de cabellos pretos, bôca cerrada e firme, um queixo de córte resoluto e olhos castanhos muito chegados ao nariz aquilino dando ao perfil um vago aspecto de ave de rapina, eil-o quanto ao physico. A curteza de idéas, a energia da vontade, a pontualidade exacta, o desprezo do soffrimento e da fadiga, o horror da mentira e da covardia, eil-o quanto ao moral. Um soldado, em toda a extensão d'esta bella palavra, é o termo que resume esse caracter. A vida de bivac e de quartel, com o seu rigor chronometrico, a sua forte jerarchia, a severidade dos seus codigos, a sua fraternidade cimentada pela presença do perigo, e o estoicismo duro adquirido no habito das privações e no espectaculo

[1] Continuado da pag. 328, do numero de março.

da morte physica, produz este conjunto de sentimentos viris que se designa pelo nome de honra militar. Ajunte-se que este official é um fidalgo de velha rocha vivendo sob a terceira republica. D'ahi o seu nojo da canalha, o seu odio á Allemanha, e a sua firme convicção de que depois da guerra da 70 e do golpe de mão democratico, para um francez que se preze, o unico logar decente é — o Exercito.

Carlota de Jussat, a irmã do conde André, está esboçada com a delicadeza de toques com que Paulo Bourget costuma traçar as suas figuras femininas. É sabido que o grande romancista allia a extrema finura ao vigor da analyse e que as suas creações de mulheres se recommendam duplamente pela subtileza casuistica na pintura dos sentimentos e pela firmeza de mão com que desmonta as peças d'essas interessantes machinas. Ajunte-se que o seu estylo tem uma elegancia, um acabado, uma sciencia dos cambiantes, um mimo de graça e discrição, uma arte de insinuar sem frisar, verdadeiramente inexcediveis, e que essas phrases ditas a meia-voz deslizam com esse rumor de sêdas arrastadas que se exhala da prosa de Renan. Todos esses dotes encontram um emprego conveniente na historia d'essa nobre e infortunada creatura. Carlota de Jussat não era bella, se se entende por belleza a solidez fundada na proporção, a pureza vigorosa dos contornos, o esplendor da tez e a magestade do porte, em summa a robusta harmonia de fórmas que faz d'um corpo humano a encarnação visivel do Canon. Pequena e franzina, com os seus cabellos castanhos e os seus olhos pardos, a fragilidade dos seus pés e das suas mãos, a expressão de modestia da sua physionomia, e a graça miuda dos seus passos e gestos, ella não se impunha á admiração de quem a via pela primeira vez. E essa solidez de raça dominadora que no irmão permanecia intacta e se manifestava com tanta nitidez, parecia ter-se obliterado passando através de tantas gerações até essa franzina herdeira dos velhos invasores francos. Mas o destaque nobre do pescoço corrigia com um toque de altivez o mimo demasiado fragil da sua estatura. E na immobilidade frequente do olhar, um observador attento leria a ten-

dencia para a idéa fixa, como na linha firme do queixo acharia o indicio d'uma vontade inabalavel nas resoluções uma vez tomadas. — Sob esse delicado involucro se abrigava uma alma de donzella d'uma nobreza acabada. Dois traços distinguiam essa alma. O primeiro era uma bondade extrema, derivada de disposições nervosas especiaes que no pae produziam a hypocondria, e na filha se manifestavam por uma sensibilidade quasi morbida. Essa sensibilidade profunda que se exprimia em presença de certos aspectos da natureza ou de certos casos da vida por longos silencios sem causa apparente, tinha a sua expressão mais perfeita no dom divino da compaixão. O segundo traço, derivado em parte do primeiro, era o gosto do romanesco. Não que o abuso da leitura de romances tivesse falseado o seu espirito, levando-a a vêr a vida através d'um véo de chimeras. Mas essa sensibilidade demasiado viva fazia-a evitar com repugnancia o contacto directo da realidade tão rude para as naturezas delicadas. Seu pae era um velho em que a hypocondria se manifestava pela preoccupação perpetua e egoista da propria conservação; sua mãe uma senhora activa e exemplar dona de casa, mas em quem essas qualidades eram compensadas por uma materialidade de vistas e sentimentos perfeitamente vulgar; seu irmão um simples animal de combate. A dôce creatura tambem era demasiado differente dos seus e não podia vêl-os ou mostrar-se a elles na realidade da sua natureza sem soffrer com isso. Mas esse sentimento da differença que, alliado á lucidez da analyse, produzia em Roberto a frieza de coração e um desdem quasi impio, tivera por effeito n'essa alma affectuosa e inexperiente leval-a a formar sobre aquelles com quem vivia, um conjunto de juizos illusorios, e mantel-a no habito de não vêr as coisas e os homens senão através das chimeras dos seus desejos. D'ahi resultava que Carlota permanecia n'uma ignorancia perigosa do seu proprio caracter e do caracter alheio, ignorancia que poderia ter consequencias funestas nas eventualidades e collisões da Vida. Mas reflectindo na energia intima do seu caracter, e no orgulho patricio que herdára com o sangue, poder-se-hia prevêr que, qualquer falta

em que a sensibilidade exaggerada ou a inexperiencia dos verdes annos a precipitasse, ella saberia resgatal-a por uma determinação resoluta da vontade.

IV

Dados os caracteres desenrola-se a acção. A acção mesmo não é mais que a resultante das influencias reciprocas dos caracteres, combinando-se com as influencias dos meios ambientes e das circumstancias eventuaes. Na exposição concreta d'esse jogo de caracteres, na pintura d'esses meios ambientes, na escolha e transcripção d'essas circumstancias eventuaes, Paulo Bourget mostrou-se tão grande escriptor como perfeito analysta. Ha uma arte consummada de narrar e descrever n'essas paginas singulares em que todos os recursos d'um artista de primeira ordem são postos ao serviço do rigor consciente do critico. E o que lhes duplica o valor é que essas paizagens desenhadas com um colorido tão intenso e tão sobrio, essas scenas tocantes ou tragicas que se encadeiam e precipitam n'um crescendo irresistivel de interesse, não estão compostas n'um méro intuito decorativo ou dramatico, mas são o resultado d'uma selecção intelligente de factos que manifestam ou explicam as leis do Espirito. Essas leis do Espirito, taes como as investiga, n'este momento, a diligencia infatigavel de operarios innumeros, e as coordena a capacidade synthetica de vinte homens superiores, nenhum romancista francez contemporaneo as possue como o auctor do *Disciple*. Que imagens apparecem no interior d'uma dada cabeça, que especie habitual de imagens constitue uma certa vocação ou resulta do exercicio d'um certo officio, como estas imagens se associam para constituir séries ou grupos, como estas imagens excitam emoções ou são evocadas por emoções, que diversidade de recordações e sentimentos desperta em diversos espiritos o mesmo aspecto de paizagem ou de vida, como as emoções se ligam ás idéas e originam os actos desde os gestos até ás crises de consciencia, como toda esta popula-

ção interior está coordenada na unidade viva d'um caracter, como este caracter esculpe o corpo e cunha o rosto á sua imagem, como o homem interior é feito, e como elle é expresso pelo homem exterior, eis os problemas que ataca e resolve pelo esforço combinado da Sciencia e da Arte este analysta insigne. Psychologo e viajante, homem de livros e homem do mundo, completando voluntariamente a observação interior pela observação exterior, era preciso essa intensidade de cultura e esta experiencia da vida para colligir e pôr em acção a quantidade de verdades psychologicas que estão contidas n'este livro. Era preciso ainda os recursos d'um grande escriptor, a quem doze annos de critica desvendaram todos os segredos da technica, desde a architectura do livro até á urdidura da phrase, para revestir com a roupagem d'uma prosa tão colorida e flexivel os productos da reflexão obstinada, e ajuntar á força das deducções logicas o prestigio d'um estylo em que a fluencia iguala o esplendor.

Para verificar a verdade d'este juizo, para medir a exactidão de cada uma das phrases que deixo escriptas, é necessario lêr o romance. Á falta d'esse exame directo do texto, que o leitor se contente com a exposição que vou fazer, reduzindo essa longa e viva narração á concisão d'um resumo e á secura de uma analyse.

O enredo é como segue:

Roberto vai servir de preceptor em casa do marquez de Jussat, nobre de antiga linhagem, que exercera um papel importante sob o segundo imperio, e que considerações d'ordem economica levavam a passar um anno no seu castello d'Aydat perdido no fundo das montanhas do Auvergne. A familia compunha-se do marquez, velho hypocondriaco e doente de seisma, da marqueza excellente e diligente dona de casa, e dos seus tres filhos, o conde André, Carlota e o pequeno Luciano, o pupillo de Roberto, creança indolente e pouco esperta. Roberto entrára n'esta casa resolvido a passar os doze ou quatorze mezes do contrato inteiramente dedicado aos seus deveres de preceptor e aos seus estudos predilectos. Esses estudos eram como

fica dito os que têm por objecto os phenomenos do espirito. As pessoas entre as quaes ia viver durante um anno, e das quaes o afastava a condição social e a sua propria innata incapacidade de sympathisar, não seriam para elle mais do que materia d'exploração intellectual, simples exemplares offerecidos á curiosidade do investigador. Um caderno em branco esperava as notas que o psychologo contava tomar sobre os caracteres que ia observar de perto. Uma existencia puramente estudiosa, toda de meditação e analyse, estranha ás ambições e prazeres de ordem material, tal era o programma de vida que Roberto traçára, seguindo o exemplo do seu glorioso mestre. E a exemplo do seu glorioso mestre, um dos artigos d'este programma era a exclusão rigorosa do amor e da mulher. Mas para os que conhecessem o seu caracter, não seria uma surpreza que a acção das circumstancias o impellisse n'uma direcção totalmente opposta.

A primeira causa que operou n'este sentido foi a impressão produzida sobre o joven pelo conde André. Conhecidos os dois caracteres é facil de vêr que entre elles não podia formar-se nenhum laço de sympathia. Entre o soldado d'habitos viris e idéas estreitas, e o analysta d'alma complexa e nervos morbidos havia a distancia que separa dois typos oppostos. Tudo n'elles era differente: naturezas, gostos, opiniões, proveniencias, profissões, posição social, concepções da vida. Seria impossivel uma opposição mais completa na ordem moral e physica. Ora a differença gera o odio e a extrema differença o odio entranhado. Tal devia ser e tal foi o sentimento que o conde André inspirou desde o primeiro dia ao joven preceptor de seu irmão. E este sentimento não fez senão aggravar-se durante os dias que o conde se demorou no castello.

Mas n'uma alma tão complicada este sentimento não podia entrar e persistir sem perder este caracter de simplicidade ideal. Desde o primeiro momento a aversão foi acompanhada d'um sentimento de inveja ao mesmo tempo desdenhosa e admirativa. Não que o joven cubiçasse as vantagens de posição ou fortuna possuidas pelo seu contrario. Mas a presen-

ça d'esse homem d'acção, tão perfeito no seu genero, como Roberto o era no seu, veio a despertar no animo d'este o pensamento de que a vida intellectual era incompleta e que a plenitude da existencia humana só se obtem combinando o espirito de analyse e o exercicio da intelligencia, com o habito da acção e a experiencia das paixões. E que em resumo elle esquecia-se de viver á força de se preoccupar com a perscrutação das leis da vida. Ora dados a idolatria do eu, a falta d'escrupulos, a curiosidade criminosa, a intemperança de desejos e as tendencias sensuaes que lhe conhecemos não é difficil perceber como dentro em pouco a idéa de seduzir a filha da casa penetrou no seu espirito e manifestou-se por actos. Observe-se ainda que a continencia a que o sujeitava o seu programma de vida e a sua reclusão no castello, junto ao odio mortal que lhe inspirava o irmão da victima, collaboravam no mesmo sentido.

Mas o que constitue a originalidade d'esta intriga amorosa é a perfeita consciencia e o frio calculo com que foi planeada e conduzida a empreza de seducção. Os precedentes intellectuaes e os habitos de analyse manifestaram-se transformando a tentativa natural n'um joven para agradar a uma mulher moça e interessante, n'uma verdadeira operação psychologica deduzida de principios e apoiada em textos. Vencer todas as repugnancias que oppõem n'um coração de donzella nobre, o orgulho, o pudor, o sentimento da honra, o temor do incognito ás solicitações que a levam a abandonar-se a um homem e a um homem de classe tão inferior á sua; vencer estas resistencias, descobrindo-as por meio da analyse, medindo-as por experiencias successivas, discorrendo com solidez sobre as leis que governam o coração feminino em geral e applicando-as judiciosamente á comprehensão do caracter da sua futura amante em especial; organisar um systema de mentiras habilmente preparadas e transmittil-as por meio de actos e de palavras; utilisar-se de todas as circumstancias favoraveis no interesse do seu plano de seducção; fazer servir esta criminosa experiencia para o enriquecimento do seu proprio eu sentimental e para os progressos da sciencia a que se votára: tal era o projecto já de-

cidido no espirito do joven e que sorria particularmente ao seu orgulho intellectual e á sua curiosidade analytica. Era o programma methodico da vivissecção d'uma alma. A expressão é de Roberto, e o pequeno monstro não podia encontrar outra mais exacta.

Essa empreza de seducção foi conduzida com tanto calculo como fôra concebida. Roberto começou por prender a attenção de Carlota affectando nas suas relações com ella uma subita attitude de reserva e profunda melancolia, attitude que contrastava com a cordealidade expansiva que nos primeiros tempos mantinha entre elles a sympathia de organisações delicadas e com gostos analogos. Esta attitude prolongada com insistencia na longa intimidade d'uma inverneira de montanhas, n'um interior abafado de castello solitario que o calor do fogão sempre acceso tornava enervante, emquanto lá fóra a neve cahia e cahia com narcotisante constancia, e cá dentro os dias se succediam interminaveis e monotonos, devia produzir um certo effeito mesmo n'um espirito menos predisposto. Foi o que succedeu, e Roberto apenas viu pelas provas de interesse recebidos que o seu artificio fôra bem succedido, resolveu continuar no caminho encetado. N'este intuito inventou e contou a Carlota de Jussat uma historia explicativa da sua melancolia, historia destinada a appellar para o seu coração como essa mesma melancolia tinha appellado para a sua curiosidade.

Para compôr essa historia elle partiu de tres principios tomados da *Theoria das paixões*. O primeiro consiste em observar que no phenomeno da compaixão ha um elemento physico que especialmente nas mulheres confina com a emoção sexual. O segundo significa que a maior parte das pessoas tem sentimentos só por imitação e que o amor por exemplo não seria para ellas como para os animaes mais que um instincto dissipado apenas satisfeito. O terceiro affirma que o ciume póde existir antes do amor e que portanto póde creal-o assim como póde sobreviver-lhe. Em harmonia com estes principios Roberto forjou uma historia de paixão infeliz e traição amorosa que appellava simultaneamente para o sentimento da piedade, para o espi-

rito de emulação e para o amor proprio feminino; coordenou habilmente esta historia compondo-a por escripto e á primeira occasião contou-a a Carlota de Jussat.

Mas para que uma tal audacia fosse possivel era preciso que a joven tivesse animado com provas de interesse um rapaz naturalmente timido. Não foram com effeito as sabidas combinações do psychologo que lhe ganharam a ternura da nobre creança. Carlota affeiçoára-se ao preceptor do seu pequeno irmão por motivos diversos e como de ordinario succede perfeitamente espontaneos. Arrastada pelo seu espirito romanesco ella fôra levada a fazer do seu joven hospede uma idéa inteiramente falsa. O ar de soffrimento que este apparentava resultante de estudos aturados, a finura de maneiras que lhe vinha de ter sido educado por sua mãe, a circumstancia de ter sido apresentado pelo velho professor que o recommendára como um moço de sentimentos nobres e costumes irreprehensiveis tudo concorria para fomentar e manter essa illusão. E de resto seria preciso uma perspicacia superior e uma experiencia do coração humano que a pobre creatura não podia ter, para vêr claro nos motivos e intenções que determinavam esse corruptor de vinte annos. Aproveitando d'essa inexperiencia e d'essa persuasão illusoria, Roberto porém proseguia na sua selvagem empreza de seducção comparavel á caçada d'uma alma. Depois de ter contado a sua fraudulenta historia, descobriu um novo instrumento de corrupção: os livros. Aproveitando com alacridade do ensejo que lhe deu o marquez convidando-o a fazer alguma leitura em voz alta para entreter a familia durante os interminaveis serões do inverno, Roberto apressou-se em pôr este novo instrumento ao serviço dos seus fins. Procedendo com a sua logica habitual começou por determinar qual a lei geral que preside ao phenomeno da entoxicação litteraria. Tendo achado que é a attracção do desconhecido da ordem da experiencia sentimental, applicou este principio geral, completando-o pela consideração do caracter particular sobre que ia operar. Carlota era fina, pura, affectuosa. Os livros a escolher deviam ser idyllios castos na fórma e ardentes no fundo,

capazes de irritar a sua curiosidade sem a revoltar, e de appellar para o seu espirito de imitação sem despertar as suas repugnancias. Primeira a *Eugenia Grandet*, depois a *Princeza de Clèves*, o *Lyrio no Valle*, os *Risebilder* de Heine, certas comedias de Musset, certas poesias de Sully Prudhomme e de Alfredo de Vigny, foram as obras offerecidas a essa imaginação de adolescente, com tanto mais facilidade quanto na meia intimidade da longa convivencia e no enfado da vida reclusa a pobre creança sentindo necessidade de se entreter com alguma leitura foi consultar o preceptor do seu irmão e pedir-lhe o auxilio da sua experiencia litteraria. Cada um d'esses livros, prestigiosos pela natureza do assumpto e pelo encanto da fórma, operava á maneira d'essas agulhas de injecções, joias mortiferas feitas de metal precioso e lavrado, cujas picadas homicidas conduzem-na através d'uma lethargia voluptuosa á destruição da vontade e á paz do tumulo.

Mas apesar de tantos calculos tão sabiamente combinados pelo moço psychologo, a esquivez do animal virgem e o orgulho da mulher nobre pareciam constituir um obstaculo insuperavel á satisfação dos seus desejos. Comquanto convencido pelo estudo do caracter dos seductores, e pela leitura da *Theoria das paixões* que a audacia e a familiaridade physica são os mais efficazes meios de exito junto ás mulheres, a propria timidez natural e um inexplicavel sentimento de respeito pela pureza da nobre creatura continham-no nos limites d'uma adoração platonica. E é provavel que não sahisse d'elles se circumstancias imprevistas não influissem na marcha dos acontecimentos.

D'entre estas circumstancias a primeira a operar foi a influencia physica do renascimento annual da natureza. Com a successão d'esses calculos urdidos e applicados dia a dia, a estação fria tinha passado e a primavera rompia em todo o seu esplendor. Após o duro inverno de montanhas, a resurreição da vida universal exerceu uma acção contagiosa e alliciadora sobre esse coração que se julgava resequido á força de estudo e analyse. E á medida que fóra se derretiam as neves e despon-

tavam as flôres, dentro do seu peito sentia Roberto desfazer-se como gelo o calculo e despontarem como flôres os sentimentos espontaneos. Toda esta psychologia está superiormente feita e o resultado total d'esta influencia omnipotente da natureza sobre uma organisação de adolescente foi quebrar a reserva da timidez receiosa, e levar Roberto, durante um passeio em que se encontraram a sós, a declarar os seus sentimentos a Carlota, e reconhecer pela perturbação d'esta que esses sentimentos eram correspondidos.

Mas comquanto fulminada pela inesperada revelação a joven encontrou no seu orgulho de raça e na sua nativa energia forças bastantes para afastar-se do logar a que o seu coração a prendia, e pretextando uma doença nervosa retirou-se para Paris. Então na solidão do castello, no meio da bravia paizagem, cujos mais pequenos pormenores lhe recordavam a ausente, Roberto viu com espanto e colera que tinha cahido nas proprias rêdes que armára, e que Carlota era indispensavel á sua vida. Esta certeza foi seguida d'um desejo vehemente de arrancar da alma esse sentimento que germinára ahi sem sua permissão. A mancira por que tentou conseguil-o é digna dos seus precedentes. Tratando a questão como um problema de psychologia pratica, partiu da definição do amor considerado como uma obsessão do sexo, e procurou destruil-o recorrendo successivamente á fadiga corporal, ao trabalho cerebral, á analyse do proprio sentimento, e á satisfação carnal dos sentidos. Toda esta operação está grandemente conduzida e seria preciso remontar até o Julien Sorel de Stendhal para encontrar um tal exemplo de engenharia moral. Mas apesar das marchas forçadas através dos escabrosos arredores do castello, e das duzentas paginas de Beaunis estudadas em quinze dias, apesar da minuciosa analyse com que pretendeu destruir a oppressão do sentimento encarando-o de frente, apesar mesmo d'uma noite passada em casa de Marianna, sua antiga amante, os seus esforços baldaram-se, e nada foi capaz de extirpar essa paixão subita, que a ausencia de Carlota transformava n'um appetite frenetico.

Uma nova circumstancia veio exacerbar essa paixão. Carlota, para quem a separação fôra um supplicio igual ao de Roberto, desesperando de arrancar do seu coração um sentimento que não podia conduzir senão á desgraça e á vergonha, resolvera pôr o irreparavel entre ella e o objecto da sua affeição, e aceitára a mão, que outr'ora tinha rejeitado, a um camarada e amigo do conde André. E Roberto viu ajuntar-se á agonia dos desejos impossiveis de satisfazer a tortura physica do ciume, complicado agora d'uma recrudescencia d'esse velho odio que votára ao irmão de Carlota desde o primeiro dia em que o vira, e que o casamento projectado d'esta, annuindo á vontade do conde, não fazia senão justificar.

Os factos porém não passariam d'ahi se a doença subita do pequeno Luciano não viesse modificar tudo. Recebendo em Paris a noticia da doença da creança, a marqueza e a filha tinham sem demora partido para o castello. E apenas a vira, Roberto percebera por uma intuição immediata toda a dolorosa historia do seu amor recalcado e do seu casamento ajustado. Esta intuição tivera como consequencia uma impossibilidade absoluta para dar um só passo no sentido de obter Carlota, elle que tão prodigo d'elles fôra outr'ora, tão activo e diligente na empreza de a seduzir. Então do fundo da sua alma atormentada e condemnada ao silencio levantou-se com uma força irresistivel o desejo da morte. N'um meio somnambulismo visinho da loucura, comprou o veneno libertador e dispoz tudo para o suicidio. Mas antes de morrer quiz marear a memoria de Carlota com a indelevel recordação do seu amor e mesmo vêr até que ponto era amado. E assim escreveu e deixou no quarto da donzella uma carta communicando-lhe a sua resolução. Carlota leu-a e após uma crise terrivel dirigiu-se ao aposento de Roberto. Occorre aqui uma scena d'um pathetico incomparavel que termina por a joven consentir no abandono da sua pessoa mediante a condição de morrerem juntos. Mas dissipada pela posse a nuvem de illusão produzida pelo desejo, accordada no seu espirito a obliterada vontade de viver tão forte aos vinte annos, despertada no seu coração a piedade por essa franzina creatura

que lhe acabava de dar uma tão grande prova de amor, evocado emfim no seu coração, pela idéa do conde André, um feroz sentimento de orgulho satisfeito e dureza desapiedada, Roberto recusa-se a cumprir as condições d'esse pacto do amor e da morte. E dias depois, a joven indignada põe termo á vida com o mesmo veneno que Roberto comprára, não sem ter procurado e encontrado nos papeis secretos d'este a verdade do seu caracter e sem ter communicado ao conde André os resultados d'essa pesquiza.

A acção entra aqui na sua crise final. Roberto é preso e accusado de ter matado Carlota. Todas as circumstancia collaboram para o convencer do crime. Elle mesmo recusa defender-se e encerra-se n'um silencio obstinado. Porque antes de morrer Carlota contou-lhe tudo; elle sabe que o conde André conhece a sua innocencia e quer forçal-o á cumplicidade d'um homicidio judiciario por um consentimento tacito. E além d'isso, ao seu orgulho repugna salvar a vida á custa d'uma confissão deshonrosa para a memoria da morta. Mas na desolação do carcere, na angustia do supplicio eminente e dos pungentes remorsos, vira-se para aquelle que fôra o seu pae espiritual, mestre e inspirador da sua alma: compõe para desafogar-se, e envia a Adrien Sixte sob promessa de inviolavel segredo, essas paginas resplandecentes de cynismo e de verdade que é impossivel lêr sem admiração e pasmo. Duas crises de consciencia que é preciso vêr no livro para apreciar toda a exactidão com que estão compostas, passam-se então nas almas do philosopho e do soldado. Cada um reage segundo a sua natureza intima. Adrien Sixte escreve ao conde appellando para a sua honra, e o conde após uma agonia de perplexidade dirige-se ao tribunal que ia condemnar Roberto e pelo seu depoimento heroicamente revelador determina a absolvição do réo. Mas na tarde d'esse mesmo dia faz justiça por suas mãos executando o seductor com um tiro de rewolver. E este drama do pensamento corruptor e da paixão sem freio termina dignamente por um acto da vontade justiceira.

V

Não direi senão duas palavras sobre a intenção geral do livro. Ella está manifesta no prefacio, em vinte passagens da confissão de Roberto, e sobretudo no admiravel capitulo intitulado *Tormento d'idéas*, que descreve a angustia do philosopho ao vêr os seus livros servirem de causas e instrumentos da corrupção mais cynica. O romance mesmo, na sua idéa essencial, não é mais que a historia das responsabilidades terriveis que assume um homem quando pega n'uma penna para formular idéas perante outros homens. O proprio titulo da obra annuncia e como que resume o pensamento que a constitue, e a palavra discipulo applica-se certamente com exactidão ao protagonista quando se pensa que a sua educação intellectual fez-se nos livros de Adrien Sixte, que foi dos livros d'este que tomou a sua concepção do mundo e da vida, que nas theorias d'este encontrou argumentos para cohonestar os seus appetites e desfazer os seus escrupulos, e que finalmente até das observações d'este recebeu subsidios para a sua criminosa empreza de corrupção. Tudo isto é verdadeiro e exacto. E se o romancista se limitasse a traçar o quadro d'estas influencias estaria ao abrigo da discussão e o critico não se veria obrigado a refutal-o depois de o ter admirado.

Mas não se limita. E no eloquente prefacio que antecede o livro, e em vinte passagens d'este, e no final da primeira edição, prejudicado nas edições subsequentes, parece querer significar que ha concepções do mundo antagonicas com os interesses da vida moral, que certas doutrinas atacam a faculdade de querer e amar, que o philosopho deve reflectir e muito nas consequencias praticas d'essas malfazejas theorias, que deve hesitar antes de as espalhar e mesmo abster-se de o fazer, e que além de tudo essas theorias são contestaveis, impossiveis de demonstração e mesmo falsas. Tudo isto é inconsistente e está antes disperso ao longo do volume do que conca-

tenado n'uma argumentação seguida. Por isso o critico hesita antes de emprehender a refutação d'este ponto de vista em attribuil-o francamente ao escriptor que critíca, e sente a necessidade de declarar que alguns dos argumentos mais valiosos que se podem apresentar contra este modo de vêr são adduzidos pelo proprio romancista. Mas espiritos menos versados na arte dos cambiantes e a quem a inferioridade é uma fonte de audacia, não hesitaram em proclamar o antagonismo entre a Sciencia e a Moral, em declarar subalternos os interesses da Verdade pura, e em concluir que não ha o direito de emittir certas idéas. E como esta conclusão é demasiado crúa, ajuntaram que essas certas idéas são falsas.

Ferdinand Brunetière, o critico a quem me refiro, encontrou adversarios que tentaram resalvar os direitos do livre-exame, e travou-se, em torno da questão levantada por *Disciple* uma polemica interessante, porém pouco instructiva. Com effeito, tornou-se visivel na maneira superficial e confusa por que foram conduzidos os debates, a ausencia d'um verdadeiro philosopho, capaz pelo rigor das definições, pela solidez das provas, pela perspicacia da analyse e pela plenitude das idéas geraes, de levantar o problema do terreno em que o manteve a incapacidade dos litteratos e a curteza dos especialistas.

E comtudo, para um espirito medianamente acostumado á pratica das operações abstractas, elle é susceptivel de discussão rigorosa e solução positiva. Tentemol-o, que o problema é vital e teremos concluido dignamente este longo exame d'um dos livros pelos quaes viverá o seculo.

E primeiro apprehendamos a these. Eil-a nos seus traços essenciaes. O pensamento moderno é levado, nos seus resultados finaes, a considerar o Universo como um conjunto de fórmas governadas por leis inflexiveis de producção e destruição. Esta fatalidade reina não só no mundo das coisas physicas, mas tambem na ordem dos sêres pensantes, e a Alma é como o organismo um automato. A liberdade é uma palavra sem sentido, e a responsabilidade esváe-se com a liberdade. Mesmo a existencia substancial da alma é contestada, a sua sobrevivencia ao

corpo negada e com ella o systema de penas e recompensas que compensariam as injustiças d'esta vida. Sobre o Universo, governado pela ferrea fatalidade, não paira nenhum Deus paternal ou justiceiro, capaz de satisfazer os nobres instinctos do coração humano. Esta doutrina é perigosa e as suas consequencias desastrosas na ordem pratica. Uma concepção tão terrivel e funesta não póde ser verdadeira. Não é verdadeira. É conveniente, é util, é licito affirmar com alguns pensadores contemporaneos que o pensamento não abrange toda a realidade, que ha uma região do Incognoscivel onde podemos pôr um Deus feito á nossa imagem.

Uma philosophia esclarecida responde com promptidão: É certo que o pensamento moderno affirma a fatalidade das leis naturaes e não precisava da experiencia moderna para a affirmar. É certo que o pensamento moderno contesta a existencia da alma independente do organismo, a sua sobrevivencia ao organismo, e a mythologia dos infernos e paraizos que serviam de complemento á impotencia das leis e de satisfação aos instinctos de equidade. É certo que supprimindo a liberdade supprime a responsabilidade. É certo que pela bôca dos seus mais illustres representantes ella retira a Deus a personalidade como incompativel com a infinitude, e a omnipotencia misericordiosa e justiceira como incompativel com o espectaculo das dôres e das iniquidades da Terra. Mas na sua fórma superior elle substitue a um paraizo chimerico o divino esplendor d'um universo que se desentranha em fórmas cada vez mais bellas, e a um Deus feito á imagem do homem a visão consoladora e formidavel d'um Universo que é a estupenda encarnação d'uma Razão viva. E que em resumo não faz mais que substituir um credo por outro.

E sobretudo não corrompe. Porque não ha doutrinas corruptoras. Aquelle que se abstem do mal com a mira no céo procede por motivos tão baixos como se se resolvesse por dinheiro. O diabo póde ser util, mas é um tão triste mestre de nobreza moral como o Verdugo. O justo determina-se pelo que é justo e não precisa para que o faça d'uma approvação exterior. A

moral não depende da metaphysica, nem o merito moral das concepções do mundo. Depois de Kant a questão está julgada.

Para os que negam a liberdade e supprimem com ella a responsabilidade, a questão é outra. Trata-se de manter a Ordem e fomentar o amor entre os homens, e isto por meios naturaes. Para esta empreza, a sciencia, nomeadamente a sciencia do espirito, é o mais poderoso instrumento. Se os sentimentos e os actos estão sujeitos a leis, indagar estas é aprender a produzil-os. As doutrinas que traçam limites ao pensamento para os transpôr logo em proveito dos seus preconceitos, e forjam um Incognoscivel para abrigar n'elle as suas chimeras, são meros expedientes de espiritos assustados, e expedientes sem effeito. Em vez de apoiar reacções baldadas e prolongar a dolorosa crise da consciencia moderna, mais vale entrar resolutamente n'esta gigantesca empreza do pensamento que depois de explicar a Natureza explicará o Espirito, e depois de manejar as forças da Natureza manejará as forças do Espirito, fundando em bases seguras a Pedagogia e a Politica, obras-primas da Industria humana.

Moniz Barreto.

TRADUCÇÕES DO ROMANCERO

DE H. HEINE

ADVERTENCIA PRÉVIA

Os conhecedores de Heinrich Heine nas edições allemãs, nas unicas, claro está, regulares e completas edições de suas obras, sabem que o *Romancero* se compõe de tres livros distinctos: o das *Historias*, o dos *Lamentos*, — em que se comprehende uma sub-divisão denominada *Lazaro*, — e o das *Melodias Hebraicas*.

Sob a designação commum, designação pedida á lingua da nação, que justamente se reputa o berço, e mais do que o berço, o throno do Romance, incluem-se, como o estão desde logo denunciando os titulos das tres partes indicadas, os mais estranhos, inesperados, e entre si desencontrados themas. Só o poder discricionario d'uma phantasia absoluta jungira, numerára, dispozera no mesmo livro, sob o mesmo titulo, trechos de indole e ser diversos, pasmados de assim se verem, inexplicavelmente, reunidos. E todavia é indubitavel que ainda nos na apparencia mais avessos á indole do rotulo que os designa e cobre a todos, se accusam linhas, traços, feições que explicam a sua inserção em volume de tal titulo.

É por isso que reputo o *Romancero* um dos livros mais

caracteristicos do Poeta, d'esse Poeta que é, com Poe e Hoffmann, uma das tres mais livres, originaes e creadoras phantasias d'este seculo, mas que possue, como nenhum, ainda nos mais soltos devaneios, uma intenção profunda e viva, um sentir seguro e são da Arte, que os informa, os subjuga e depura. Elle mais do que nenhum se avisinhou em seus versos do conceito ideal da plena liberdade, da independencia plena, sem as quaes não ha Poesia — assumido o termo na sua accepção mais lata — e da sujeição, espontanea e consciente, ás eternas leis da Natureza e do Espirito, sem a qual a Arte não existe.

As seguintes composições pertencem ao primeiro livro do *Romancero:* ás *Historias.* Não se verteram todavia quantas formam esse primeiro livro. Tambem se não encontram lá quantas aqui se lêem. É certo que, datando a primeira edição do *Romancero* dos fins de 1851, sem embargo de existirem tanto nos *Letzten Gedichte,* estampados em 1854, como nos *Nachlass-Gedichte,* impressos em 1869, composições que por intenção e indole, por tons e rythmos, se prendem intimamente ao *Romancero,* as não incluiram os editores nas ulteriores edições do livro. Escrupulisaram. As razões d'esse escrupulo colhem para elles. Para nós, não. Assim, algumas das composições hoje publicadas, as seis ultimas, não devem procurar-se no *Romancero,* mas entre os romances dispersos pelos outros volumes do Poeta. O leitor, curioso de nonnadas mais ou menos curiosos, achará as razões a que se allude em advertencia anteposta á edição de Hamburgo de 1875.

A escolha dos versos traduzidos determinou-se por motivos varios. O *Romancero,* sabe-se, abrange os mais estranhos e desvairados tons. E todos, desde o de sabor genuinamente historico ou lendario, o que creou a meia idade e consagrou a tradição, o a um tempo épico e lyrico, até o mais imprevisto e phantastico, em thema e côr, o em que só se presente, e a custo, o traço justificativo da sua inserção sob tal titulo, todos os tons se encontram nobremente representados. Procurou-se que nas versões todos elles se reproduzissem, preferindo-se os que eram menos familiares ao leitor portuguez.

*

A belleza e excellencia relativa deveriam ter sido razões determinantes de preferencia: não o foram sempre. O motivo é obvio de mais para apontar-se.

Attendeu-se seriamente a um ponto serio. Disse-se algures que traduzir Heine era empalhar luar. É, por certo, a engenhosa imagem menos verdadeira com respeito ao *Romancero*. Mas como, ainda applicada ao *Romancero*, não deixa absolutamente de ser exacta, colheram-se de preferencia do incomparavel luar septentrional os raios que obsequiosamente se mostraram menos resistentes á desastrada mão que os empalhava... Que o leitor os não haja de achar de todo extinctos, é o meu desejo e a minha esperança.

RHAMPSINITO

Quando el-rei Rhampsinito entrava um dia
ás estancias douradas
da filha, ria-se esta, ria, ria,
e damas e creadas;

eunucho e servidor, de bôca espumea,
tinham perdido o siso;
se até a sphinge augusta e a sêcca mumia
rebentavam de riso!

E a Princeza: — Cuidei que de repente
prendera o réo no Paço;
mas abalou deixando-me sómente
nas mãos um morto braço.

Já na manha atinei com que o malvado
se mette no thesouro,
ri de tranca e ferrolho e cadeado,
rouba-te joias e ouro.

Tem chavinha de encanto que a seu mando
lhe abre, por horas mortas,
as portas mais escusas, inda quando
são valentes as portas.

Não sou eu porta, que resista á brava,
de roble antigo e rudo.
Veio de noite e, quando eu vigiava,
roubou-me tudo, tudo...

Parte a rir a Princeza e corre á solta
e aos pulos pelo quarto;
aias e eunuchos torcem-se d'envolta
n'um rir convulso e farto.

Riu n'esse dia á larga Memphis todo;
e o proprio crocodilo
ergueu rindo a cabeça d'entre o lodo
do amarellado Nilo,

quando, ao som do tambor, o pregoeiro
do chanceller do Egypto
annunciou no caes ao povo inteiro
este real rescripto:

«Nós, Rhampsinito et cet'ra, pela graça
de Deus rei, co'o presente
enviamos saudar a egypcia raça,
vassalla e reverente.

Este anno o quingentesimo terceiro
antes da era de Christo,
de doze para treze de janeiro,
succede em Memphis isto:

Certo moço, finorio e mettediço,
n'um saltear matreiro,
roubou do erario em barda ouro massiço
e joias e dinheiro.

No empenho de alcançar o auctor do feito,
na mais visinha sala
a Princeza dormiu; pois o sujeito
logrou tambem roubal-a.

Para dar justo pago á gentileza,
e ao roubador discreto,
conceder-lhe as vantagens e certeza
do nosso augusto affecto,

havemol-o, de modo positivo,
por genro declarado
desde hoje e nosso herdeiro presumptivo
no egypcio principado.

E como inda ignoramos a morada
de genro tão egregio,
tal rescripto ser-lhe-ha prova provada
do nosso favor regio.

Cumpra-se o augusto mandamento. Dado
em o anno acima dito
aos dez de maio em Memphis. Assignado:
Nós el-rei Rhampsinito.»

Cumpriu o promettido. Fez seu filho
a discreta pessoa
que o roubára e morreu. O illustre pilho
cingiu a egypcia c'roa.

Não foi mau rei: as artes e o talento
mereceram-lhe agrado.
Se alguem roubou, roubou com muito tento
durante o seu reinado.

O ELEPHANTE BRANCO

O audaz Mahavasant, o siamez dynasta,
sob o aureo sceptro abrange a India remota e vasta.
Doze potentes reis das regiões mais varias,
além do Gran-Mogol, prestam-lhe preito e pareas.

Todo o anno, ao rebramar de trompas e atabales,
alastram plaino e serra, os pincaros e os valles,
caravanas sem fim, trazendo lentamente
ás portas de Sião as producções do Oriente.

Transportam sem cessar as recuas de camellos
montões de prata e de ouro. El-rei sorri de vêl-os.
Belisca uma só pena o augusto millionario:
arquetas e caixões não cabem já no erario.

E do thesouro regio as salas, todavia,
são, pela vastidão, salas e companhia.
Ficas-te áquem, por mais que na invenção te afoites,
fallaz papaguear das « Mil e uma noites ».

Por « Aureo Alcacer de Indra » embevecida a fama
ao refulgente burgo em toda a parte acclama.
N'elle, em lavor subtil de pedra e de ouro fino,
dos deuses vãos pompeia o côro peregrino:

Uns trinta mil, ao certo: omnimodas figuras,
fórmas descommunaes, horrendas cataduras,
cabeças, pés e mãos de extravagante geito;
brutos no vil semblante, homens no arcar do peito.

Na « Sala Purpurina » apinham-se os portentos:
resurgem de coral as arvores aos centos;
e, iguaes no talhe enorme a colossaes palmeiras,
curvam, rubente selva, a copa em mil maneiras.

O solho de crystal purissimo retrata,
com exacção perfeita, a acarminada matta.
D'innumeros faisões voa, de quando em quando,
de fronde para fronde o rutilante bando.

Um simio caro a el-rei, de gesto sério e grave,
traz presa de aurea fita ao collo a argentea chave,
que descerra, mas só nas mãos do austero mono,
as portas do salão sagrado ao regio somno.

De pedraria antiga estranhas maravilhas
alteam-se no solho, aos montes, como ervilhas.
Brilhantes, a fulgir chamma insistente e crua,
ostentam bojo igual ao de ovos de perua.

Na saccaria a impar de perolas costuma
espriguiçar-se el-rei, adormecer, em summa;
e, a pouco trecho, a par resfolga tal ressono
no leito senhoril repetenado o mono.

Mas do Grão Mahavassant o gaudio mais perfeito,
o que o enamora mais, e mais lhe enleva o peito,
porque esbofava alegre em derradeiro arranco,
sua vida, e gloria, e sol — é o elephante branco.

Para hospede tamanho, esplendido hospedeiro,
ergueu faustoso paço a peso de dinheiro.
O tecto, de ouro estreme, em capiteis assenta,
onde o lotus lascivo as petalas ostenta.

Uns trezentos heroes de espada e de alabarda,
de lança e murrião, fazem contínua guarda.
De joelhos no chão, submissos e quietos,
assistem-lhe, sem voz, centos de eunucos pretos.

O sapido jantar, a appetitosa ceia
em aureos pratalhões o bruto saboreia.
Trazem o vinho em celha argentea e temperada
co'o embalsamado ardor do cravo e noz moscada.

Ungem-lhe a pelle de ambre e essencias peregrinas.
Enleiam-lhe a cabeça em tranças de boninas.
Amantilham seus pés nos mais subtis, mais bellos
chales de cachemira, em guisa de chinellos.

Vive o excelso animal vidinha regalada.
Mas a ninguem no mundo o seu destino agrada;
sem se aventar porque, nem como, em farta escala,
atroz melancolia a passo e passo o rala.

Entre a perpetua festa, ante o porvir risonho,
consome-se por dentro o alvissimo tristonho.
Propõem-lhe distracções, el-rei no empenho insiste,
almeja-o distrahido, e elle sorido e triste.

Em vão por dar-lhe gosto em rondas feiticeiras
se esfalfam a dançar lascivas bailadeiras.
Em vão rufa o tambor, atroa a tuba ovante,
sempre na mesma, sempre, o triste do elephante.

De dia para dia o misero peora.
O coração d'el-rei sangra, soluça, chora.
Ante os degraus do throno, á pressa convocados,
acode o vão tropel de astrologos provados.

Ruge ao primeiro el-rei: « Meu sabichão mofino,
responde, quando não, por paga e por ensino,
vai-te a cabeça fóra: o que é que roe, tortura,
de meu branco elephante a alma sincera e pura? »

Tres vezes dá comsigo, em prova de respeito,
em terra o sabio e após prorompe d'este geito:
« Escuta o que eu presumo a tal respeito e observo.
Teu bel-prazer depois cumpra-se em mim teu servo.

Lá muito para o norte existe creatura
de talhe egregio e tez da mais nevada alvura.
Teu elephante é bello, é nobre, sem disfarce.
Pois a tal dama, ó rei, não póde comparar-se.

Ao pé d'ella pelo ar, no forte, no tamanho,
não passa o enfermo teu de alvo subtil morganho.
Iguala a colossal Bimha do Ramayana.
Tem a estatura audaz da scythica Diana.

As fibras de seu corpo armam por dôce modo
artificio carnal, cujo ineffavel todo
assenta a vastidão das fórmas singulares
no marmor sensual de dois gentis pilares.

Do Amor, do eterno Amor a magestade ignota
tem n'ella a Sé primaz, a Cathedral devota.
Como lampada a arder na paz da muda nave,
seu coração derrama um resplendor suave.

Os poetas debalde em ideaes paragens,
por explicar-lhe o alvor caçam subtis imagens.
Nem de Gautier traduz a frase tersa e pura
os implacaveis tons de tão nitente alvura.

Á vista de seu rosto a neve do Himalaya
em pardacento gris o intenso alvor desmaia.
Lyrio em que ella tocar — emulação ou zelo —
converte em flava côr a fina côr do gelo.

O nome que usa e tem a genial senhora
é de condessa Bianca, e desde infante mora
em Paris capital do grande reino franco.
Tal dama adora e quer teu elephante branco.

Em sonho unicamente a viu: a affinidade
electiva dispoz que em fórma tal lhe agrade
que de tão dôce ideal a triumphante vaga
o cerebro lhe inunda, a luz mental lhe apaga.

O intimo sêr lhe rasga e rala o desespero.
Elle, alma tão escorreita e coração tão fero,
em boreal Carlota, ingrata das ingratas,
noite e dia a scismar, — Werther de quatro patas!

Mysterioso encanto! Arcana sympathia!
Nunca a viu, sem embargo, á branda luz que envia
o dôce plenilunio, a passear sósinho,
pensa e diz entre si: — Se eu fosse passarinho!

Tem o corpo em Sião; a alma, na terra franca,
languidamente geme aos pés da amada Bianca.
Mas tal separação entre a alma e o corpo torna
muito aspera a guela, as digestões transtorna.

O mais fino manjar mal o ingeriu, damnou-se.
Só gosta de Ossian e de aletria dôce.
Anda enfezado e sêcco, e muito breve a tosse
lhe armará, co'a saudade, um tumulo precoce.

Se te propões, senhor, restituil-o ao mundo
da mammifera grei, vêl-o feliz, jucundo,
tens o remedio á mão: envia em breve termo
a Paris, capital do reino franco, o enfermo.

Se elle consegue vêr o luminoso aspecto
da mulher que provoca as ancias d'esse affecto,
em pouco o saberás tornado d'improviso
á antiga robustez, ao pristino juizo.

Onde seu labio ri, seu meigo olhar scintilla,
ha de impregnar-lhe a vida a morbida pupilla;
a sombra dissipar-se e o peito dôcemente
fulgir-lhe, como a noite á luz do sol rompente.

Da sua voz suave o tremulo feitiço
ha de saber curar-lhe as falhas do toutiço.
No renascido bicho exsurgirá reteza
a orelha hoje cahida á força de tristeza.

A vida é tão suave, a vida é tão serena,
na grande capital sentada a par do Sena!
Has de vêr e pasmar: sem ralho, sem pedido,
virá civilisado e muito divertido.

Mas para isso um conselho: o justo, o verdadeiro,
é, com mão larga, encher-lhe os bolsos de dinheiro,
e munil-o de carta, ó rei, que o acredite
junto á casa Rothschild e irmãos, rua Lafitte.

Quando menos, serão quinze milhões e meio.
O tal senhor Barão, ao recebel-o cheio
de financeiro garbo e espanto: Este elephante,
dirá co'os seus botões, é homem importante!»

Disse o sabio, e, segundo uso e preceito antigo,
tres vezes a seguir pregou no chão comsigo.
Despede-o el-rei por fim com fartos dons de pronto.
Foi-se depois deitar: quiz ruminar o ponto.

Pensou, pensou, pensou. O pensamento é duro
a quem rege nações com olhos no futuro.
O mono quiz pensar, a par d'el-rei deitou-se;
e ambos do meditar cahem n'um somno dôce.

Não sei da decisão. Faltou-nos o correio
das Indias; mas decerto a mala que não veio
chegada a Bombaim, em barco expresso e leve,
por via de Suez, deve chegar em breve.

José de Sousa Monteiro.

UM ROMANCISTA DA CALIFORNIA

Bret Harte é um dos escriptores que mais honram a litteratura americana. Não foi ha muito que, transpondo o novo mundo, a fama d'este fino e vigoroso contista se espalhou pela Europa. Mas desde logo a Allemanha porfiou, na publicação das suas obras, com os Estados-Unidos; a Inglaterra admittiu-o entre os seus auctores mais predilectos; e em França tem-se feito dos seus livros numerosas e interessantes traducções. Poeta e observador, as duas feições dominantes do talento de Bret Harte são o sentimento e o humorismo: os seus processos são extremamente simples, directos e sobrios; e o estylo, quando se dá ao cuidado de o trabalhar, apparece recamado de coisas delicadas e preciosas. Todos os seus assumptos foram colhidos n'uma experiencia propria de dezesete annos, durante os quaes, nas successivas condições de mineiro, de mestre-escóla, de typographo, de agente de caminhos de ferro, de empregado do thesouro, de jornalista e de professor, elle aprendeu a conhecer os homens e as coisas da California, que se devia tornar o *meio*, o fundo permanente, onde vivem as suas creações. D'estas as mais perfeitas, as magistraes, as que permanecerão como obras *representativas*, segundo a expressão ingleza, são as que se prendem com a vida mineira. Bret Harte póde-se dizer que nasceu litterariamente nos *camps*, nos acampamentos de mineiros, que

encheram a California, entre 1849 e 1855, quando foi a descoberta do ouro. De resto, parte da sua mocidade passou-se nos *camps*. E o seu organismo intellectual, já em plena florescencia, mas virgem ainda de impressões fortes e definitivas, recebeu as influencias d'aquelle viver aventuroso e pittoresco, e d'elle se impregnou para todo o sempre.

A California é um paiz de romance e de extraordinaria paizagem. Sobranceiras ao vasto Pacifico, renques e renques de serranias, *Las Sierras*, bracejam em todas as direcções, erguendo a sua massa grandiosa e rude para o céo remoto, que de dia é uma cupula dura de metal candente, e de noite uma transparencia onde as estrellas, através do ar excessivamente rarefeito, parecem enormes e frias. Á base dos montes, assentes n'um labyrintho de *cañons*, a natureza reveste um esplendor tropical: as grandes mattas de pinheiros, de cedros e de sequoias desenrolam a sua ampla espessura verde-negra: um pujante matto rasteiro amortece lá dentro os ruidos; os troncos altos e nús sobem como columnas até ás curvas musculosas dos galhos, que se entrelaçam em abobadas ou convergem em ogivas; o vento que a custo passa desprende da ramaria exhalações resinosas, que mais adensam aquelle ambiente crepuscular de nave. Á medida porém que se vai subindo, a vegetação escasseia; apenas as azinheiras, as sarças agrestes de *manzanita* e *chimisal*, cobertas de poeira avermelhada, rastejam á beira de precipicios medonhos, cavados pelo fluxo diluvial que o inverno despeja do alto das *sierras;* e logo depois começa a região de rochedos pardacentos ou rubros, onde a picareta do mineiro deixou assignalada a sua passagem devastadora.

Foi em 1849, logo depois da conquista e annexação da California, que a primeira onda de emigrantes exploradores veio bater a falda das *Sierras*. Homens de toda a condição, idade e cultura, commerciantes e camponezes, pastores e mecanicos, capitalistas e letrados, os sofregos de riquezas e os sedentos de aventuras, os impacientes das peias sociaes e os aggravados pela iniquidade alheia, os que fugiam ao mundo ou os que fugiam á justiça, toda uma desordenada massa humana se veio

arremessar sobre os filões reconditos das *Sierras*, ao saber que havia lá ouro. Aquellas nobres solidões assistiram então transidas de assombro durante annos a um espantoso referver de sonhos e de crimes, de intrigas e de paixões, de abjecções e de heroicidades. E por sobre a musica eolia do seu vento e as vozes multiplas das suas aguas, ouviram, mais forte e abafando-as, o estrepito da catadupa viva, feito de gritos de triumpho, de pragas, de risos, de cantares ebrios, de detonações de revolwer e do tilintar de ouro sobre as mezas de jogo.

Estas feições de violencia e desordem eram communs a todos os *camps*, — desde a pequena villa mineira orgulhosa das suas duas ruas symetricas, do seu theatrinho, do seu club, do seu hotel e *square* arborisado, até aos simples e rudes agrupamentos de cabanas feitas de madeira e matto ou cortiça, que, como edificios publicos, se limitavam ao inevitavel *bar-room*. De resto o *bar-room* (« café » ou « bilhar », como nós diriamos) era sempre o coração d'estes organismos rudimentares de vida social. Alli se faziam ou desfaziam as amisades, as associações e as reputações; alli convergiam as noticias; alli se originavam ou se decidiam as pendencias; alli se concluiam os negocios; alli se fundavam as instituições.

O frequentador do *Bar-room* (e quem o não era nos *camps?*) trazia sempre no bolso, em significativa alliança, a bolsa do tabaco, o revolwer e o baralho de cartas. Assim nol-o pinta Bret-Harte. E por pouco se não cifravam n'isso as suas posses. A mobilia das cabanas, habitadas por dois ou mais *partners* sob um regimen de communidade absoluta, comprehendia apenas no melhor dos casos a enxerga, a manta de agasalho, o sacco de farinha, a barrica de porco salpreso, a caçadeira, a vela, o lar e o armario. Os contos do nosso auctor estão cheios d'estes interiores. Havia n'elles todavia um arremedo de conchego domestico. E muitas vezes, na intimidade d'aquelle viver singelo e rude, formavam-se entre os homens que alli viviam, e eram uns aos outros unica familia e sociedade, amizades lentas, intensas, profundas, que, ou perduravam supremas através de todas as vicissitudes, ou se deturpavam e degeneravam n'esses odios

encarniçados, que a morte immediata do adversario não bastava a extinguir — como na *Illiada de Sandy-Bar.*

D'uma d'essas amisades nos dá Bret Harte um consolador quadro no seu *Camarada de Tennessee,* commovente de bonhomia e de fidelidade, ia dizer canina; bem como no admiravel episodio *Abandonado no monte de Lone-Star,* onde um veio de tão genuino pathetico deslisa sob o humorismo e a fina observação. Não são sómente estes varonis sentimentos os unicos phenomenos do semi-barbaro viver dos *camps* que se aproximam do nosso ideal do bem. Outras bellezas moraes se encontram entre os mineiros da California. Ao gozo pleno e franco da vida allia-se n'elles a maior equanimidade e valor no arriscal-a. Á rigorosa e implacavel justiça allia-se uma tocante protecção dada ao innocente e ao fraco. Todos esses lados luminosos os vai a penna de Bret Harte fielmente pintando. Mas a par d'elles, não esconde o *reverso,* os lados sombrios ou vis: os casos em que o bello gozo sadio da vida degenera na indolencia parasitaria; em que a coragem é posta ao serviço de causas futeis ou indignas; em que a facilidade no jogar da propria vida se applica fleugmaticamente á vida alheia; em que o desassombro dos valentes descamba no egoismo dos impunes; e em que o culto da justiça cede á adoração do successo.

Essa imparcialidade do artista, patente ao leitor despreoccupado, não a percebeu Freiligrath, traductor e admirador do nosso romancista, quando lhe emprestou a intenção systematica de « procurar, para o exhibir triumphantemente ao mundo, o ouro do amor, da fidelidade e da benevolencia que jaz até nos corações mais rudes e peccaminosos ». Que se lhe deparasse d'esse ouro, era inevitavel estudando homens; que o exhibisse, sempre que o encontrasse em condições artisticamente aproveitaveis, era natural, querendo fazer obra de artista; mas que apropositadamente accendesse a lanterna do trapeiro para esquadrinhar o monturo em cata de preciosas parcellas, destinadas a comprovar um systema de optimismo — não! Não está isso no seu espirito benevolamente sceptico.

Notemos que imparcial não quer dizer indifferente; Bret

Harte tem predileeções por certos caracteres, certos typos, mesmo certos estados da alma, que lhe é sempre grato reproduzir.

Uma aureola idealisadora aeompanha assim a frequente apparição e o transito, através da sua obra, de certas figuras, a quem, para nol-as tornar mais familiares e intimas, elle conserva os mesmos nomes, a mesma identidade, ainda em eontos de meios e épocas differentes.

É assim Juba Bill, o coeheiro, herculeo e temido, pavoroso praguejador, bom copo com mau vinho, exercendo sobre os passageiros um despotismo verdadeiramente oriental nos privilegios que contra todo o bom direito concede áquelles *que lhe calham:* — mas no fundo honrado, grande amigo do seu amigo, fazendo chegar a diligencia pontual e illesa ao seu destino através de perigos e emboscadas, protegendo sempre o fraco, dando-se por vezes o luxo d'uma boa acção. Heroe popular, se os ha!

Outro typo que Bret Harte inquestionalmente ama é o jogador. John Oakhurst e Jaek Hamlin, jogadores, são dois grandes favoritos seus. Ambos possuem a generosidade irreflectida e a frieza de animo profissionaes; ambos têm o habito de dominar, resultante de uma provada eompeteneia no revolwer e d'essa superioridade de edueação e intelligencia que seduz o vulgo, porque se emprega em o distanciar; ambos são de um asseio, de um apuro na roupa branea, positivamente insultantes no meio que habitam. Ambos são bellos, irresistiveis, universalmente queridos das damas — que, caso notavel! nunea vêm a pagar earo (que nos eonste por Bret Harte) essas paixões incessantes pelos dois *calaveras.*

Ao lado d'esses perfis attrahentes, usa frequentar as paginas do nosso auctor uma silhouette esplendidamente burlesca. Fallo do illustre eoronel Starbottle, pomposo, já maduro e obeso; duellista a pretexto de dignidade, e beberrão sob côr de observar os ritos do «hospitaleiro convivio»; eontando os minutos pelas apostas e as respirações pelas pragas; fatuo, adamado e casquillo, ex-militar e rabula actual. Se observarmos

que o coronel se ufana de «cavalheiro da antiga escóla», que detesta «o raio do yankee puritano, adorador de negros e roncador de psalmos», e que as suas conquistas, sem conta ou medida, pertencem invariavelmente ás «melhores familias», não estaremos longe de vêr n'elle uma insinuação caricatural do Americano do Sul, *the southern gentleman*, que Lowell tão franca e divertidamente satyrisou. A cada passo nos surge aquelle espadachim gotoso, offerecendo o seu prestimo como padrinho, arbitro, conselheiro ou interprete; declarando-se a torto e a direito «responsavel, pessoalmente responsavel!»; e desentranhando em anecdotas, qual d'ellas a mais extraordinaria, recolhidas na sua longa experiencia de parasita ambulante, explorador de muitas intimidades e garfo de muitas mezas.

Geralmente as figuras femininas d'essa interessante galeria de Bret Harte não se repetem através da sua obra como as dos homens. São meteoros que fulgem por momentos para logo se perderem recatadamente na sombra de onde o genio do artista as evocára. O que as distingue é que nunca apresentam um caracter sério e inteiriço. São naturezas muito complexas. Ha ainda nas mais nobres fraquezas que as humanisam; ha ainda nas menos irreprehensiveis sublimidades que as depuram. Em todas nos encanta alguma poetica manifestação de sensibilidade, de onde a intelligencia raramente é excluida. Differente das creações dos artistas que, no seu enthusiasmo pelo feminismo, por pouco não preconisam como uma superioridade feminina a ausencia do elemento pensante, as mulheres de Bret Harte são a intelligencia feita sentimento ou posta ao serviço do sentimento sob uma fórma commovente e gentil. Um traço commum a todas é a infracção occasional de certos recatos, em cuja apavorada veneração as nossas donzellas são educadas, como n'um dos seus mais victoriosos attractivos. Bret Harte aprecia como toda a gente a modestia n'uma mulher; mas julga «fraco villão, ou peor pedante, o que se não sente vibrar, deliciado, quando a modestia avança o lindo pésinho um tudo-nada além do limiar das conveniencias». E as suas heroinas executam a cada instante esse passo picante.

*

Sem embargo de nos saber interessar por uma mulher grotescamente feia, uma estupida e vulgar creada de hotel, como Peggy Moffat, a «herdeira de Red Dog», Bret Harte tem pela graça e pela belleza uma sadia predilecção.

Sobre qual seja o seu ideal da graça dá-nos elle uma noção nos seguintes audazmente heterodoxos periodos: «Jeff nada «sabia do ideal classico; não sabia que ha cêrca de mil annos «certos idiotas sensualistas infligiram ao mundo a personifica-«ção da mais forte, mais delicada, mais dominadora e subtil «paixão humana, sob a imagem de uma femea, sem expressão, «sem aspirações, sem talho de cinta, verdadeiro animal farto e «prospero, e que, a partir de então, milheiros de idiotas que-«jandos insistem em perpetuar o modelo a bem de um mundo «que passa a vida suspirando, ardendo, luctando e occasional-«mente fazendo saltar os miolos por amor de typos muito «afastados d'esse imbecil padrão. Portanto Jeff viu apenas «uma physionomia toda possibilidades e probabilidades, em-«molduradas em um oval delicado e pequeno; viu uma fragil «figura de mulher, ouviu uma voz grave toda brando orgulho «e fraqueza humana — e sentiu-se inerme.»

Apesar de que Bret Harte nunca reproduz os seus typos de mulheres ha dois estudos cujas figuras centraes nos affectam como variantes de um typo commum, talvez de entre todos o que elle estudou mais *con amore*, quer tivesse melhor ensejo de o profundar, quer entre essas naturezas e a sua propria existissem attracções mutuas. Independencia e desembaraço; dignidade arisca e melindrosa; veracidade, agudeza e, sob o exterior de selvageria, um coração apto aos grandes amores, á dedicação absoluta — eis as feições geraes d'essas adolescentes que vemos perpassando com agilidades de esquilo entre a densa ramaria aromatisada, ou perfilando contra o céo pallido, que reverbera o fulgor metallico do Pacifico, o seu garbo de nympha e a nuvem dos seus cabellos mais emmaranhados que cipós de floresta. *Mliss! — Flip!* — A musica dos nomes illustra o texto das indoles. Ha n'elles o quer que seja de leve, subtil e penetrante; um trinar de ave breve e incisivo; o pique de-

licioso e fugidio de um fructosinho silvestre. Essa ephemera delicia, esse perfume pungitivo e fresco, essa linha crespa e suave, Bret Harte soube-os fixar n'estas creações gemeas do modo mais intenso e seguro.

Flip! dôce creaturinha em que o sexo mal ainda se adivinha; crivada de pequeninas sardas fulvas que lhe invadem até o velludo dos grandes olhos cinzentos; aureolada de uma juba onde lampejam desde os louros alvacentos até o ruivo que tinge as barbas das espigas maduras; hamadryade yankee, «encarnação de um aroma de especiaria» — oh picante retrato, bem digno da estranha e impressionante passagem em que Bret Harte a faz mover!

Mas *Mliss* é superior.

Mliss era filha de um mineiro muito borracho de *Smith's Pocket*. Com tal pae, orphã de cuidados maternos, a pequena, desgrenhada, rota e suja, vagabundeava pelas mattas e vivia do que lhe davam nos *camps* por onde essas romagens a conduziam. A sua indole ingovernavel, as suas diabruras terriveis eram já tão proverbiaes entre os mineiros, como a borrachisse do velho Smith. E ganhára positiva popularidade pela maneira como guerreava o rapazio das escólas á força de acerada invectiva e á força de valente braço. Taes os antecedentes de Mliss quando certa noite ella se apresentou ao mestre-escóla, e fitando n'elle os seus grandes olhos pretos e destemidos:

— Vocemecê não é o mestre? pois ensine-me. O meu nome é Mliss, Mliss Smith, póde apostar a cabeça. Meu pae é o velho Smith, o odre do Smith, é o que elle é. Mliss Smith! E venho á aula.

A bondade que a acolheu foi o primeiro acto d'uma longa protecção, d'uma habil educação em que á força de affectuosa paciencia, de generosa confiança, de estratagemas carinhosos para obter a docilidade sem melindrar o amor-proprio, o mestre procurou cultivar a viva intelligencia de Mliss, amaciar-lhe as asperezas da indole nativa, e sobretudo habituar-lhe o coração á sympathia, á effusão, á dedicação pelos outros. O mestre não previra porém que o alvo d'esta sensibilidade affectiva

que desenvolvia na discipula viesse a ser elle proprio. Pois assim aconteceu. Mliss principiou por uma confiança e obediencia absolutas; depois vieram as bruscas explosões de colera sem razão, terminando em lagrimas sem motivo; depois as engraçadas represalias de ciume exercidas contra uma companheira que julgava preferida do mestre, a gorda e loura Clytie, tão correcta e semsaborona; depois a fuga desesperada pelo bosque «para *nunca, nunca, NUNCA* mais voltar», segundo ella declarava n'uma carta de despedida; depois o projecto de partir com uma companhia ambulante, ao suspeitar que o mestre ia deixar a aldeia; por fim a ameaça de se suicidar... Mas é necessario lêr em Bret Harte a intima evolução d'este puro e viçoso amor, as inquietações e contratempos que elle faz passar ao mestre. Até que um dia:

— Mliss, queres vir commigo? diz-lhe elle, tomando-lhe as mãos.

Ella atirou-lhe os braços ao pescoço e respondeu alegremente:

— Quero.

— Mas agora? já?

— Já.

E de mãos dadas partiram juntos.

Este singular e tocante idyllio, que a custo nos abstivemos de transcrever, pertence á famosa série de *Contos dos Argonautas*. Seria difficil conferir a um d'entre esses primorosos contos o premio de excellencia. Os mais citados sempre são: *Os Exilados de Poher Flat* e *O Luck of Roaring Camp*. Mas quanta belleza ainda em *Miggles*, *Brown de Calaveras* e *O Camarada de Tennessee!* Mesmo os mais passageiros esboços d'esse livro, como *O homem á toa* e *O nivel da cheia*, têm um cunho de rara e poderosa originalidade.

O *Luck of Roaring Camp* (a Fortuna do Campo Estridente) e os *Exilados*, são todavia superiormente dignos de mais

lenta attenção, pelo fino humor, a graciosa emoção, a elevação moral.

Publicados como folhetins, a estreiteza da moldura determinou-lhes o processo de composição. Um simples detalhe, um episodio em tres linhas basta por vezes a Bret Harte para suggerir o meio, iniciar-nos nos personagens. A acção vai tomando relevo e vida por meio de pinceladas curtas, quasi bruscas. A tela é avaramente aproveitada, para evitar excesso ou confusão. Ha tal caracter que se desenha todo n'um dito. Uma situação é indicada com um simples traço. D'aqui se avalia a difficuldade de resumir estes quadros, magistraes na sua singeleza.

Principiemos todavia pelos Exilados. A villa de Poker Flat, em seguida a varios assassinatos, roubos de cavallos e outras façanhas, deliberou expulsar a gente equivoca. Uma commissão secreta mandou *lynchar* dois individuos aos galhos de um sycomoro, e depôr quatro outros nos confins de Poker Flat, com ameaça de morte se voltassem: eram elles Mr. Oakhurst, jogador, o Tio Bill, notorio ladrão e borracho, e duas raparigas profissionalmente incorrectas, a mais fina de alcunha a *Duqueza*, a mais grosseira conhecida por *Mother Shipton*. A caravana acampára a meio caminho de Sandy-Bar, que era a povoação mais proxima, quando se lhes reuniu Tom Simson, conhecido como o *Innocente*, e que de lá vinha justamente, de Sandy-Bar, com Piney, sua promettida, para casarem e procurarem vida em Poker Flat. Simson conhecia e venerava Oakhurst, que, havia mezes, lhe ganhára ao jogo toda a sua pequena fortuna, e lh'a restituira depois, aconselhando-lhe que não olhasse nunca mais para um baralho de cartas.

Portanto alegrou-se immenso com o encontro e installou-se entre os mais. Trazia abundantes provisões. — «Piney póde ficar com Mrs. Oakhurst» — disse elle indicando a Duqueza, a quem, na sua qualidade de *innocente*, tomára por esposa do jogador. Certo pudor, certo respeito por tão tocante candidez, certa pena de alienar e assustar aquellas almas simples, fizeram com que Oakhurst (embora os dissuadisse de alli ficar) não ousasse desfazer o equivoco. As duas mulheres comprehende-

ram instinctivamente a intenção e os motivos, e entraram com ardor n'aquelle inesperado papel de mulheres honestas que elle lhes distribuia. Houve logo entre os exilados como o proposito tacito de *serem* (pelo menos por aquelles dias) *gente de bem.* Tanto que, quando no dia seguinte descobriram que o tio Bill fugira roubando as mulas, disfarçaram a deserção e roubo do malandro, dando uma explicação simples que tudo cohonestava. O peor é que principiára a cahir a neve. Os caminhos sumiam-se a olhos vistos sob a neve; a pé era impossivel continuar a marcha. Estavam prisioneiros da neve, talvez perdidos! Felizmente as provisões, guardadas em um casebre desmantelado onde dormiam as mulheres, poderiam, havendo prudencia, durar ainda dez dias.

Então começou para os Exilados um viver singular, através do qual se deu um singular phenomeno moral. Enclausurados no ermo, isolados das condições favoraveis aos seus vicios especiaes, desafogados do desconceito publico que mais que tudo separa do regresso ao bem os que já erraram, em contacto com aquelle par ingenuo, no meio d'aquella natureza austera, em face da morte possivel, os Exilados de Poker Flat identificaram-se inteiramente com o seu assumido papel de gente honrada! Nada leva a crêr que aquella regeneração se viesse a tornar definitiva: e é bem possivel que ao chegar a Sandy-Bar elles voltassem, talvez galhofando, á anterior dissipação. Mas chegariam elles jámais a Sandy-Bar? A neve cahia, cahia... E no entanto os Exilados iam-se engolphando deliciosamente na sensação, até ahi ignorada por elles, da virtude e da respeitabilidade.

Mulheres e homens, reunidos ás noites em volta da fogueira, conversavam, riam, cantavam hymnos. Piney punha a tratos um accordeon; e o Innocente encetou entre applausos uma exposição do enredo da Illiada em vernaculo de Sandy-Bar. Mas o sol enfermiço, que cada manhã os vinha espreitar dos céos, revelava sempre um estendal de neve, um mar de neve, sem rumo, sem pharol, sem esperança, alastrando as suas ondas immoveis, infindaveis, em torno ao pequenino promonto-

rio que os acolhera. Dia a dia o circulo de neve se estreitava. As provisões eram já pouquissimas. Mother Shipton, a mais forte, definhava. Á decima noite esta antiga peccadora chamou Oakhurst: — « Morro — murmurou ella com voz que já morria de fraqueza — mas não diga nada. Não acorde os pequenos (os *pequenos* eram o Innocente e Piney). Tire o embrulho que tenho á cabeceira e abra. » Oakhurst abriu. Dentro estavam as rações de Mother Shipton, dos ultimos dias — intactas.

No dia seguinte Oakhurst apresentou ao Innocente um par de alpercatas como as que os Indios do Canada usam para andar sobre a neve. Elle proprio as fabricára com uma das albardas.

— « Ha uma probabilidade entre cem de salvar a sua noiva, lhe disse elle. O unico soccorro está alli! » E indicava os telhados longinquos de Poker Flat.

— E o snr. Oakhurst, porque não vem tambem?

— Não, eu fico.

Os amantes despediram-se com um longo beijo.

— Tambem vai? — exclamou a *Duqueza* vendo que Oakhurst se preparava a partir.

— Só até alli abaixo ao *cañon*.

De repente voltou-se e beijou-a, deixando-lhe em chammas a face, toda ella tremula de espanto e emoção.

A noite desceu, mas Oakhurst não voltou. O temporal cresceu de furia, e invadiu a cabana. As duas mulheres pouco dormiram. E de manhã leram nos olhos uma da outra o destino inevitavel. Como os tições esmorecessem devagarinho, a Duqueza achegou-se a Piney e quebrando um silencio de horas: — Piney, sabes rezar? — Não, filha — respondeu a outra com simplicidade. A Duqueza, alliviada sem saber por que, pousou a cabeça no hombro da sua companheira e não tornou a fallar. Abraçadas, adormeceram... « E quando mãos piedosas lhes retiraram a neve de sobre as faces macilentas, tão igual e perfeita paz as saturava que a innocente se não distinguia da peccadora ». Mais longe, junto ao *cañon*, por baixo da neve « sob um epitaphio, escripto em uma carta de jogar, e fixo por

uma navalha a um tronco, jazia com uma bala no coração o mais forte, e todavia o mais fraco dos Exilados de Poker Flat. »

Transportemo-nos agora a *Roaring Camp* (o Campo Estridente), onde uma infima aventureira expira dando á luz um rapaz. Que parte coube no nascimento e na morte á pericia do improvisado cirurgião, o digno mineiro Stumpy, nunca o averiguou a multidão de mineiros, que, assentada em peso fóra da porta do casebre, esperava, fumando e apostando sobre o resultado, n'um recolhimento excepcional. Uma salva de revolwers saudou o primeiro vagido do orphão. E « Jinny, uma jumenta, unico sêr alli existente do sexo e condições da defunta, foi immediatamente installada nas funcções de ama. O *camp* foi então processionalmente admittido dentro do casebre. No beliche o cadaver da mãe estirava-se já rigido, por baixo do cobertor; perto sobre uma meza de pinho, o menino embrulhado n'uma flanella escarlate repousava dentro d'um caixote de velas. Ao lado d'elle Stumpy, na qualidade de expositor, guardava um silencio solemne. O cortejo desfila, fazendo commentarios bem caracteristicos. E as contribuições lançadas n'um chapeu, para ajuda da educação do orphão, não o eram menos: dinheiro em papel e metal, uma bolsa de prata para tabaco, um revolwer com armação de prata, um lenço de senhora formosissimamente bordado (do jogador Oakhurst), um annel e um alfinete de brilhantes, uma Biblia (contribuidor desconhecido), um especimen aurifero, uma espora, uma colhér de prata (as iniciaes gravadas não eram as do dador), etc. O pequeno em seguida foi unanimemente adoptado como filho do acampamento. Não havendo todavia lá uma mulher decente, e tendo-se tomado a inesperada e estupenda resolução de « não consentir alli das outras », o orphão foi definitivamente entregue aos cuidados de Stumpy e de Jinny.

— Eu e ella temos-te sido pae e mãe, dizia Stumpy apostrophando o embrulhosinho de flanella. Vê lá que nos não saias ingrato!

Roaring Camp não pôde dar ao *seu menino* uma aia, mas desforrou-se no enxoval.

— Traga do melhor, ouviu? recommendavam todos ao recoveiro, mettendo-lhe na mão um sacco de ouro em pó. Rendas, filigranas, rufos!... E o diabo leve a despeza!

A creança vingou. Tendo Oakhurst declarado que ella trouxera a sorte (*the luck*) ao *camp*, Stumpy baptisou-a solemnemente da maneira seguinte: «Eu te proclamo Tom Luck, segundo as leis dos Estados-Unidos e as da California, e assim Deus salve a minha alma!» Formula decerto absurda, mas em que o nome de Deus foi pela vez primeira proferido no *camp*, sem acompanhamento de blasphemias. E não pára aqui a reforma de costumes de que o pequenino ia sendo o instrumento involuntario. A cabana de Stumpy, consagrada ao Luck, exhibiu logo symptomas de asseio hygienico, depois de positivo conforto, e finalmente de verdadeira ornamentação. Como isto agradasse aos que visitavam Luck, a mercearia fronteira, estimulada, arriscou a extravagancia de um tapete e depois de dois espelhos; devido aos espelhos, bem como ao rigoroso asseio exigido pelo zeloso Stumpy nos que desejassem pegar ao collo no Luck, a *toilette* dos cidadãos principiou decididamente a melhorar. Sendo tambem ponto de fé que o Luck passava a vida n'uma tentativa permanente de repouso, foram prohibidas algazarras nos arredores da cabana; e como diante de Luck, por um tacito accordo não se rogavam pragas, este desabafo passou de moda no «campo estridente». A musica vocal era permittida por se lhe attribuirem propriedades calmantes; e uma cantiga do *Couraçado Jack*, marinheiro da Australia, ganhou voga como *berceuse*. Era uma narração lugubre das proezas do «Arethusa, 74», n'um tom menor abafado, terminando cada estrophe pelo estribilho «a bo-o-o-ordo do Arethusa» em estirada agonia de cadencia. Coisa digna de vêr-se era o bom do Jack, com o Luck ao collo, balouçando-se como em um navio, e ribombando a naval cantilena. Ou fosse o balanço especial de Jack, ou o comprimento da poesia (era de noventa estrophes e levada com terrivel consciencia até á dolorosissima conclusão), a *berceuse* ge-

ralmente sortia o effeito adormentador, e outros ainda: os homens, estendidos debaixo do arvoredo, na suavidade do crepusculo estival, sugavam nos cachimbos, absorviam a melodia; e uma certeza vaga de que aquillo era felicidade pastoril começou a correr entre os mineiros.

Nos longos dias de verão o Luck era levado para a séde da tarefa mineira e alli accommodado á sombra, n'um cobertor, sobre um montão de caruma. Ora um, ora outro deixava occasionalmente o trabalho para lhe trazer um feixe de azaleas ou madresilvas, um seixo bonito, um fragmento de mica ou quartzo variegado. Era incrivel a quantidade de thesouros fornecidos pelos bosques para Tommy brincar. E Tommy parecia contente, e Roaring Camp prosperava. « Ha uma rua em Roaring — contava algures o recoveiro — que deita a um canto a melhor de Red Dog! Ha vinhas e flôres em volta das casas, e os homens lavam-se duas vezes por dia!... » Mas — chegou o inverno de 1851, que será sempre lembrado nas collinas de ao pé das Sierras. A neve cahia ás camadas, cada riacho era um rio, cada rio um vasto lago. Red Dog, ao pé, já fôra duas vezes submerso, — terrivel prenuncio! « Foi a agua que aqui trouxe o ouro, dizia Stumby pensativamente, já cá esteve e ha de cá voltar. » E n'essa mesma noite, o North Forh galgou as margens e varreu o valle triangular em que Roaring Camp assentava... O fim do conto perde-se sob o silencio das aguas.

É opinião corrente que esta collecção dos *Argonautas* contem a nata das producções de Bret Harte. Uma d'essas inexactidões em que se incorre pela necessidade de fornecer ao publico um juizo summario e facil de recordar. Mas juizo que, de resto, se tornaria verdadeiro, se aos *Contos dos Argonautas* se juntarem outros, que igualmente nos levam á mesma paizagem das *Serras*, ao mesmo viver aventuroso e pittoresco, como — *Uma herdeira de Red Dog, Pastoral de Monte-Flat, Abandonado no monte de Lone Star, Um cavalheiro de Laporte, Como St. Claus veio a Simpson's Bar.*

A poucos dos seus trabalhos, com effeito, seria descabida a denominação geral de *Contos dos Argonautas*. E é ainda esse mundo tão original que elle nos mostra nos seus dois livros de grande folego, nos seus dois romances, *Gabriel Conroy* e *Cressy*.

N'este ultimo romance Bret Harte estende, com sabio e gradual desdobramento, uma trama delgada e finamente colorida, em que os amores de Mr. Ford, o mestre escóla, e sua discipula Cressy, se entrelaçam com a historia d'um d'esses odios ferozes ateados entre familias de *settlers* contiguos, e transmittidos como herança ás gerações que se succedem. A descripção da escóla e dos alumnos, das suas luctas, dos seus festejos, suggere a idéa de que este livro seja um retalho da experiencia pessoal do artista, e que foi elle que ensinou aquellas creanças e dançou n'aquelles bailaricos. O interesse principal do romance está porém menos no mestre escóla e no seu silvano santuario do A, B, C, do que nas admiraveis figuras da familia Mc' Kinstry: pae, mãe e filha. Imaginem primeiro um homem atarracado, de fallar pausado, gestos vagarosos, olhos azues e baços, palpebras adormecidas. O olhar desmente por vezes as affirmações do conjunto pachorrento; e os veios sanguineos que lhe raiam a pallidez das pupillas trahem os assomos do guerrilheiro, habituado a romper nós gordios á ponta de carabina e de navalha. Mas a expressão habitual é magoada, revelando uma d'essas dôres constantes e surdas, a que o povo eloquentemente chama uma *moedeira*. Ralavam-no com effeito cuidados — os cuidados pela má direcção que levava a filha.

— A pequena é mulher sem ter sido creança; faltou-lhe aquelle mimo, aquella pieguice que tão precisa é aos pequeninos, e que parece que nos cahiu do waggon quando emigramos do sul... Cá a minha velha, que é impagavel para o arranjo e para certas coisas (dizia elle ao mestre-escóla Ford, erguendo significativamente a mão ferida por uma bala) entende menos de raparigas de que o senhor ou eu.

Estas preoccupações, juntas ás quezilias que lhe dava a

criação do gado, e ás perpetuas escaramuças de fronteira com os odiados e odientos visinhos, faziam convergir todas as forças d'esta pobre alma para uma aspiração á serenidade, á calma — *kam*, chamava-lhe elle. Era como um surdo desejo de barbaro por uma fórma de vida superior, que lhe vinha não só do cansaço e do arrependimento, mas d'uma orientação nova, suggerida pelas deficiencias que elle via em Cressy e pela depurada educação que admirava no mestre-escóla. E na sua admiração por este, de boamente lhe daria por mulher a filha.

Quem via com pasmo e desprezo essa transformação era a senhora Mc' Kinstry, typo de mulher frequente no sudoeste do continente americano, mulheres que partilham estoicamente os trabalhos e soffrimentos dos seus, e friamente os mandam á *vendetta* ou ás sangrentas aventuras; se feridos, desvelam-se em cural-os para alimentar a rixa; se mortos, recebem-os de olhos enxutos e ardendo mais em vingança. — « É uma Rawlins » — dizia d'ella o marido — ella e o irmão foram os unicos sobreviventes d'uma rixa de vinte e sete annos com os Mc'Entees em West Kentucky! » Semelhantes disposições, ajudadas pela frequentação constante com os rudes jornaleiros do *rancho*, tinham masculinisado Mrs. Mc' Kinstry.

D'esta virago nasceu a linda e mui feminina Cressy, mixto de espontaneidade infantil e de consciente equilibrio, prompta e decidida sob uma ondulante languidez crioula, servida por uns nervos de aço que nada conseguia desorientar, conservando um criterio sempre vigilante no meio da mais desabalada garridice, do flartar mais indiscreto, e mesmo dos alvoroços d'uma genuina e unica paixão. Abandonando ao futuro a solução d'aquelles amores com o mestre-escóla (solução que ella presentia difficil, mas que, pela confiança que tinha em si, sabia que nunca seria desastrosa) Cressy vai tirando o maior partido possivel do presente e faz d'aquelle sentimento um refugio poetico no meio da selvageria ambiente, um cantinho de vida ideal, todo suavidade e venturas. De casarem nunca teve tenção; é ella quem altivamente o affirma, dando como razão a precaria fortuna do amante e a sua propria pobreza. Elle de resto tem

a honradez de não protestar. Mas esse estado não podia ser duradouro. Mal informados por um outro galanteador que Cressy desdenhava, os parentes e amigos dos Mc' Kinstry planciam vingança. Cressy, apenas vê o amante em perigo, corre a avisal-o que fuja. — Fugir! não; não te deixo. — Mas, Jack, se eu... eu... fosse comtigo? — E isso não seria justificar a calumnia?

Ella encolhe os hombros áquelles escrupulos que não comprehende e dispõe-se a partir com elle. Mas de subito volta, cinge-o n'um longo e frenetico abraço, e vôa d'alli a casar com Joe Masters, um dos seus innumeros adoradores. Feliz Masters! Assim o expediente de Cressy faculta ao mestre o permanecer *vivo* em Indian-Spring. Mas é de crêr que elle perdesse em breve todo o gosto pela sua pittoresca vivenda escolar!

Com todas as suas incoherencias, Cressy é encantadora. E ainda muito tempo depois de fechar o livro, ouvimos o ecco da sua voz musical, que desvulgarisa a giria de Indian Spring; respiramos o perfume subtil da sua presença; sentimos a caricia da sua longa trança loura; entrevemos lampejos do seu vestido branco, passando entre os medronheiros.

Gabriel Conroy (o outro romance do nosso auctor) é um bello gigante louro, cujo temeroso apparelho muscular esconde um coração de sensitiva e uma alma de creança. Simples até além da bonhomia; acanhado até ao ponto de exasperar quantos e sobretudo quantas lhe querem; completamente desprovido do senso do ridiculo; d'uma incompatibilidade comica com as elegancias do viver *genteel;* tendo sempre presente a idéa incommoda e intimidante da sua elephantina corpulencia, e offerecendo na expressão e nas maneiras uma perpetua desculpa por aquella *anomalia involuntaria...* Outro traço que o caracterisa são os seus dons de enfermeiro — a que o predispõem os membros amplos e bem almofadados, a mão forte e suavemente protectora, a dedicação completa, a compaixão infinita. Gabriel é o enfermeiro em *One Horse Gulch,* por tacita e unanime eleição popular... Eis-aqui o protagonista d'este romance — e eis tudo que se póde extrahir em resumo d'este romance,

que se compõe d'uma série d'acções differentes, todas igualmente desenvolvidas, todas igualmente importantes, e todas igualmente interessantes. Não deixa por isso de ser exacta a comparação que um critico allemão faz entre estas obras e uma vela de assucar candi: Gabriel representa de pavio, corpo estranho a que os crystaes adherem e se penduram, tendo cada um a sua fórma propria e o seu brilho proprio.

D'aqui alguns tiram a conclusão de que, á força de usar o conto, o talento de Bret Harte petrificou n'essa fórma d'arte, e se não póde mover harmonicamente dentro d'outra. *Gabriel Conroy* é com effeito uma série de contos entrelaçados. Mas *Cressy*, editada em 1889, mostra bem que o magistral miniaturista dos *Argonautas* possue tambem a arte das grandes telas. De resto, que importa? Qualquer que seja a fórma da arte — a arte de Bret Harte, pelo delicado *humour*, pela fina sensibilidade, pelo vivo sentimento do pittoresco, pela intima comprehensão da natureza, e pela propria belleza moral, é das que mais podem prender e encantar as almas.

Izabel Leite.

AS MINAS DE SALOMÃO [1]

(Romance de RIDER HAGGARD, traduzido do Inglez)

CAPITULO VII

O REI TUALA

Perante a estranha audacia com que lhe propunhamos para mostrar as nossas Artes Magicas matar um principe ou um boi, á sua escolha — Tuala ficou esgazeadamente perplexo. O seu olho coruscante ora se poisava em nós, ora no chão. Depois, n'um tom surdo:

— Bem, que enxotem uma vacca para dentro do pateo!

Dois homens, immediatamente, largaram correndo.

— Barão, disse eu ao nosso amigo, chegou a sua vez. Mate a vacca. Não quero que imaginem que só eu sei fazer as maravilhas.

O Barão tomou a carabina «express», e esperou, no fundo silencio que se alargára. Por fim, á porta da aringa houve um ruido; e vimos entrar por ella, correndo, enxotada, uma grande vacca russa. Ao avistar a multidão, o animal estacou, olhou estupidamente, deu uma volta lenta, e mugiu.

[1] Continuado da pag. 381, do numero de março.

— Agora! gritei ao Barão, vendo a vacca de lado e em bom alvo.

Bum! O tiro partiu, a vacca tombou, varada no coração. De toda a enorme soldadesca se exhalou um murmurio de admiração e terror.

— Então menti, rei Tuala? exclamei eu, fitando o monstro com altivez.

— Não, é verdade, rosnou elle.

Baixára o olho cruel, parecia atemorisado. Eu continuei, com soberana confiança:

— Escuta, Tuala! Na arte magica de destruir ninguem nos vence. Destruimos de longe a vida dos homens, e a vida dos animaes... E as proprias armas, os ferros mais duros, reduzimol-os de longe a estilhaços. Escuta! Manda cravar além no chão, com a ponta do ferro voltada para cima, essa lança que tens na mão, a tua propria lança, que nunca foi vencida, oh Tuala. Manda, e eu te mostrarei!

Espantado, o rei cedeu. Um soldado cravou no chão, ao fundo da aringa, a lança real, com a ponta faiscando no ar, sob um raio de sol.

— Bem, disse eu. Agora vê em que estilhas vai ficar a tua lança invencivel.

Apontei, disparei: — a bala bateu na folha da lança e separou-a em bocados. Um sussurro maior, de assombro, rolou através do terreiro.

Dei então um passo para o rei, com a carabina na mão.

— Tuala, este tubo magico que troveja e destroe é um presente que te fazemos. Se te mostrares leal comnosco ensinar-te-hemos o segredo de o usar e de vencer com elle. Mas se descobrirmos traição em ti, esse proprio tubo se voltará contra o teu peito, e serás como a vacca morta ou como a lança partida. Aqui tens.

E estendi-lhe a arma. Elle tomou-a, com desconfiança, com uma sêcca antipathia, e pol-a no chão, aos pés, devagar.

N'esse instante aquella figura estranha que o acompanhára, e que me parecera uma velha macaca, deu um guincho e

surgiu da sombra da cubata real, onde permanecera agachada. Muito devagar, muito devagar, vinha caminhando nas quatro patas: — mas quando chegou defronte do rei, ergueu-se subitamente, arrojou de si a longa cobertura de pelles que a envolvia, e mostrou aos nossos olhos attonitos um vulto extraordinariamente sinistro e quasi phantastico. Era uma mulher evidentemente, uma mulher velhissima, tendo passado todos os limites conhecidos da vida humana. A face que voltou para nós estava reduzida ao tamanho d'uma facesinha de creança, d'uma creança d'um anno, toda em rugas profundas, resequidas, duras e amarellas, como se fossem entalhadas em marfim. A bôca já se não via, de sumida, entre o queixo sahido para fóra e extremamente agudo — e a testa preeminente, livida, com duas sobrancelhas ainda espessas e todas brancas. A cabeça de facto pareceria a d'um cadaver curtido ao sol, se os olhos grandes não refulgissem com intenso fogo e vida. Mas a hediondez principal d'aquelle semblante estava no craneo, todo nú, pellado, liso como uma bola, e a que ella fazia mover e enrugar a pelle como as cobras contrahem e movem o capello.

Não se podia contemplar aquella creatura sem um arrepio de horror. Durante um momento, o estranho monstro permaneceu immovel — depois estendeu lentamente um braço descarnado, a mão sêcca de Parca, verdadeira garra armada de unhas longas e recurvas, e começou, n'uma voz silvante que regelava:

— Rei Tuala, escuta! Povo, escuta! Montes, rios, céos, coisas vivas e coisas mortas, escutai! Escutai, escutai, que o Espirito desceu dentro de mim e eu vou prophetisar!

As syllabas findaram n'um uivo longo e triste. Toda a multidão que enchia a aringa parecia gelada de terror. E eu mesmo, que vira tantas vezes na Africa os esgares e as declamações das feiticeiras, senti não sei que peso no coração. A velha era decerto terrifica.

— *Som de passos, som de passos que vem!* proseguiu ella, com a garra tremula no ar. São os passos da gente branca

que vem de longe! É a terra que treme sob os passos dos brancos. *Cheiro a sangue, cheiro a sangue!* São rios de sangue que vão correr. Eu já os vejo, já os sinto. Toda a terra está vermelha, todo o céo fica vermelho! Os leões lambem sangue por toda a parte! Os abutres batem as azas de alegria!

Parou um momento. Os olhos rebrilhavam-lhe como lumes. Depois soltou um grito longo, como uma ululação sepulchral.

— Sou velha! velha! velha! Tenho visto correr muito sangue. E hei de vêr correr muito ainda, e dançar de gozo! Que idade pensais vós que eu tenho? Os vossos paes já me conheceram; e os paes dos vossos paes; e os outros paes que geraram a esses. Tenho visto muitas coisas, aprendi muitas coisas. Já vi o branco, e sei o desejo que elle tem no coração. Quem fez a grande estrada, que desce dos montes? Quem gravou as figuras nas rochas? Não sabeis. Mas eu sei! Foi um povo branco, que estava aqui antes de vós virdes, que voltará e vos destruirá, e ficará aqui quando vos fôrdes como a nuvem de pó que passou!

E de repente, deu um passo, com os dois braços, as duas garras recurvas estendidas para nós:

— Que vindes aqui fazer, gente branca? Vindes das estrellas? Das estrellas! Ah, ah! Vindes procurar um como vós? Não está aqui. E o que veio, ha muito, ha muito, veio só para morrer. São as pedras que brilham que vós procurais? Eu conheço o vil desejo do coração do branco. Procurai, procurai! Talvez as acheis quando o sangue seccar. Mas voltareis vós ás estrellas, ou ficareis aqui commigo?

Depois com um arremesso terrivel, voltando-se para Umbopa, que as suas garras estendidas pareciam querer despedaçar:

— E tu, tu que tens a pelle escura, quem és, que procuras aqui? Não as pedras que brilham, nem o metal que reluz! Ah, parece-me bem que te conheço! Oh céos! oh montes! Serás tu?... Eu conheço, eu conheço pelo cheiro o sangue que tens nas veias! Desaperta essa cintura...

Um momento, ficou como esgazeada em face d'Umbopa.

E subitamente, batendo os braços no ar, cahiu no chão, como morta.

Um bando de raparigas surdiu da cubata, levou nos braços a feiticeira. Tuala erguera-se sombriamente. Todo elle tremia. Lançou um gesto: — e uns após outros os regimentos começaram a desfilar, até que todo o pateo ficou vasio e rebrilhando ao sol.

Então Tuala voltou-se para nós, com a face pavorosamente franzida:

— Gente branca! Gagula annunciou males estranhos! Está-me a parecer que vos devo matar.

Eu sorri, com superioridade.

— Oh rei, tu viste a vacca. Queres tu ser como a vacca?

— Oh gentes, vós ameaçais o rei! volveu elle, cerrando os punhos.

— Não ameaço. Digo só que tão facil é ás nossas Artes matar uma vacca como matar um rei. Pensa e treme, Tuala!

O enorme bruto levou os dedos á testa, reflectindo.

— Ide em paz! disse por fim. Esta noite é a Grande Dança. Vireis e vercis. Não tenhais medo que eu vos arme ciladas. E ámanhã decidirei.

— Está bem, Tuala, gritei eu, com um grande gesto.

E acompanhados por Infandós, recolhemos á nossa aringa.

Quando chegamos ás cubatas, depuz n'um escabello o revólver, e voltando-me para Infandós que entrára comnosco:

— O teu rei Tuala é um monstro, Infandós!

O velho guerreiro teve um suspiro.

— Ai de mim! Toda a nação geme com as suas crueldades, meu senhor! Vereis esta noite. É a grande caça aos feitiços; vem Gagula e *as suas farejadoras* farejar, adivinhar quem são, d'entre os guerreiros e o povo, os que meditam ou já commetteram feitiços e maleficios. Se o rei appetece o gado de um visinho, ou o detesta, ou teme que elle se lhe torne infiel, Gagula ou uma das *farejadoras* aponta para esse homem, e o

homem é logo morto... Quem sabe? Talvez hoje mesmo me chegue a minha vez. Até aqui Tuala tem-me poupado em respeito á minha experiencia das armas, e porque os soldados me amam. Mas quem sabe? Tuala é cruel, a terra toda soffre e está cançada d'elle!

— Mas, pela luz das estrellas, porque não depondes vós ou mataes essa féra?

Infandós encolheu os hombros:

— É o rei!... E o filho que lhe succederia, Scragga, tem ainda o coração mais negro, pesaria sobre nós com mais furor. Se Imotú não tivesse sido morto, e se Ignosi, o filhinho d'elle, não tivesse acabado tambem no deserto com a mãe, então havia uma esperança no reino! Mas assim...

De repente (e ainda me parece incrivel que eu tivesse assistido a lance tão romanesco, tão semelhante aos que se lêem nos contos de grande enredo) — de repente ergueu-se uma voz da sombra da cubata:

— E quem te diz a ti que Ignosi morreu?

Todos nos voltamos, espantados. Era Umbopa.

— Que queres tu dizer? Que tens tu a fallar, rapaz? gritou Infandós que, como velho chefe de sangue real, detestava familiaridades.

Umbopa deu para nós um passo lento:

— Escuta, Infandós. Não é verdade que o rei Imotú foi morto, e que a mulher e o filho desappareceram? Não é verdade que correu então voz de ambos se terem perdido e morrido nas montanhas?

Com um gesto, Infandós concordou.

— Escuta! Nem a mãe nem o filho morreram. Galgaram as montanhas, atravessaram as grandes areias guiados por uma turba errante, entraram de novo em terras de relva e agua, viajaram durante muitas luas, e foram ter a um povo dos Amazulus que é da raça dos Kakuanas. Escuta ainda! O filho cresceu, a mãe morreu. O filho cresceu, e serviu nas guerras dos Amazulus. Depois foi ao paiz dos brancos e aprendeu as artes dos brancos: trabalhou com as suas mãos, meditou den-

tro do seu coração: e sabendo que homens fortes vinham para o norte, tomou serviço com elles, atravessou outra vez as grandes areias, galgou de novo as serras de neve, pisou terra dos Kakuanas — e está na tua presença, Infandós!

E subitamente, arrancando a tanga que o cobria, ficou nú diante de nós, com os braços abertos, gritando:

— *Sou Ignosi, legitimo rei dos Kakuanas!*

Infandós precipitára-se sobre elle, com os olhos fóra das orbitas, a examinar-lhe o ventre onde corria, n'uma tatuagem azul, o desenho d'uma cobra que lhe dava volta á cinta e juntava a bôca com o rabo logo abaixo do umbigo. Esta tatuagem é a marca, o emblema real, que se grava a tinta azul, logo ao nascer, no legitimo herdeiro do reino. E a evidencia lá estava, certamente irrecusavel, porque Infandós cahiu sobre os joelhos, bradando:

— *Krum! Krum!* É o filho de Imotú! É o rei! É o rei!

Umbopa acudiu:

— Ergue-te, meu tio Infandós, que ainda não sou rei! Mas com a tua ajuda, e a d'estes homens fortes com quem vim, posso ser rei! Dize pois. Queres pôr a tua mão na minha e ser o meu homem? Queres correr commigo os perigos que haja a correr para derrubar Tuala o usurpador, o coração de féra? Dize.

O velho Infandós pousou dois dedos na testa e pensou. Depois tornou a ajoelhar diante de Ignosi, pôz a sua larga mão na mão d'elle, e murmurou, lentamente, como na formula d'um ceremonial:

— Ignosi, legitimo rei dos Kakuanas, ponho a minha mão na tua mão, e até morrer sou teu homem!

Nós, de pé, em redor, ficaramos verdadeiramente attonitos! O Barão e o capitão John só muito vagamente comprehendiam o maravilhoso lance. Tive de lhes traduzir, desenrolar os detalhes. E ambos exhalavam o seu assombro em exclamações, contemplando Umbopa — quando elle nos interpellou, com um gesto que começava a ser regio:

— E vós, homens brancos de quem comi o pão? Quereis vós ajudar-me tambem? Nada tenho que vos offerecer em troco do vosso braço forte. Mas essas pedras brancas que reluzem, e que vós amaes, se, como rei, eu as vier a possuir, podereis leval-as, tantas quantas quizerdes... Basta isto?

Traduzi de novo aos meus amigos esta deslumbrante offerta. O Barão franziu o sobr'olho:

— Quartelmal, diga-lhe que um inglez não se vende por diamantes. Mas de graça, porque sempre o achei leal, porque gosto d'elle, e porque me appetece derrubar esse monstro de Tuala, estou prompto a ajudar Umbopa com o pouco que posso, que é o meu braço. E tu John?

O capitão encolheu os hombros:

— Que lhe havemos nós de fazer? Além d'isso homem que não briga enferruja. Em todo o caso ponho uma condição: quero as calças.

Communiquei estas adhesões a Umbopa — que apertou ardentemente as mãos dos meus dois amigos.

— E tu, Macumazan, mestre da caça, olho vigilante, mais fino que o bufalo, estarás tu tambem por mim?

Coçei a cabeça, pensativamente:

— Eu te digo, Umbopa, ou Ignosi, ou o que és; eu não gosto de revoluções... Sou um homem de ordem e demais a mais um cobarde. Escusas de te rires, sei perfeitamente o que digo, sou um cobarde. Por outro lado, tenho por costume ser fiel a quem me foi fiel; e tu, n'esta jornada, andaste sempre como um servo dedicado e bravo. Portanto, ás ordens! Mas ha uma coisa. Eu sou um pobre caçador de elephantes e tenho de ganhar a minha vida. Tu fallaste ahi nos diamantes. Eu aceito os diamantes. Se lhe podermos lançar mão, aceito-os, e quantos mais e mais graúdos melhor! Não é que eu acredite muito n'elles. Mas, se apparecerem, desde já te prometto que, com licença tua, hei de abarrotar as algibeiras...

— Tantos quantos puderes levar! exclamou Umbopa radiante.

E já se voltava para Infandós, n'aquelle triumphal enthu-

siasmo de pretendente a quem as adhesões affluem — quando eu o interrompi vivamente:

— Alto! Temos ainda outra, Ignosi. Nós viemos, como tu sabes perfeitamente, á procura do irmão do Incubú (era a alcunha do Barão, em Zulú). Quero que me promettas que has de fazer tudo o que puderes como rei para nos ajudar a encontral-o... Começa por te informar agora com teu tio Infandós.

Ignosi pousou os olhos em Infandós, com singular magestade:

— Meu tio Infandós, em nome do emblema sagrado que me envolve a cinta, e como teu rei legitimo, intimo-te a que me digas a verdade. Houve já algum homem branco que, antes d'estes, tivesse vindo á terra dos Kakuanas?

— Nunca, meu senhor!

— E poderia algum ter vindo, sem que tu o soubesses?

— Nenhum poderia ter vindo sem que eu o soubesse.

O Barão deu um longo suspiro.

— Bem! Bem! exclamei logo, para lhe não matar de todo a esperança, e cortar os tristes pensamentos. Quando Ignosi fôr rei teremos então mais facilidade de procurar o irmão do Incubú, até aos confins do reino, e nas terras que estão além! Agora vamos ao que urge. Que plano tens tu, Ignosi, para recuperar a corôa? Porque emfim, meu rapaz, é bom ser rei de direito divino, mas...

— Não tenho plano. E tu, meu tio Infandós?

Infandós pensou um instante, com a barba sobre o peito.

— Esta noite, disse elle por fim, é a caça aos feitiços. Muitos vão morrer, e em muitos outros mais recrescerá o odio contra Tuala. Depois da dança, fallarei a alguns dos grandes chefes que podem dispôr de regimentos. É necessario que os chefes te venham vêr, Ignosi, se convençam com seus olhos que és o rei. E se elles pozerem as mãos nas tuas, ámanhã tens vinte mil lanças para combater por ti. Porque a guerra é certa. Depois da dança, se eu viver, se todos vivermos, virei aqui, para combinar na escuridão. Mas a guerra é certa!

N'este momento houve fóra do terreiro um brado, an-

nunciando que se avisinhavam mensageiros do rei. E tres homens entraram, cada um d'elles trazendo erguida nas mãos uma cóta de malha que rebrilhava como prata e uma magnifica acha de batalha.

Um arauto que os precedia exclamou, batendo no chão com o conto da lança:

— Presentes de Tuala, o Rei, aos homens que vêm das estrellas!

— Agradecemos ao rei, volvi eu sêccamente. Ide!

Apenas os homens partiram, examinamos as cótas com grande interesse. Eram maravilhosas, d'uma malha tão fina, tão cerrada, tão elastica e macia, que uma armadura toda podia caber no concavo das duas mãos. Perguntei a Infandós se eram fabricadas no paiz.

— Não, meu senhor, são coisas que existem ha muito, e que herdamos de paes para filhos. Já muito poucas restam. Só os de sangue real as podem usar. E o rei que as mandou é que está muito contente ou que está muito assustado. Em todo o caso não ha ferro que as atravesse, e bom será, meus senhores, que as useis esta noite na dança.

Quando Infandós sahiu, ficamos conversando n'este estranho incidente — que transformava a nossa pacifica jornada n'uma aventura politica. Como notou o Barão fôra este deserto, desde a nossa partida de Natal, um dos dias mais ricos de emoções e surprezas.

— Extraordinario, disse o capitão. Tem de ser registrado no *Livro de Bordo*.

Chamava elle *Livro de Bordo* a um Almanach do anno, com folhas brancas intercaladas, onde costumava assentar os episodios notaveis da nossa espantosa empreza.

— Que dia é hoje? perguntou elle, sentando-se, com o almanach sobre o joelho.

— 3 de julho.

O Barão e eu voltaramos a examinar as dadivas de Tuala — quando, d'ahi a instantes, o capitão exclamou com os olhos no almanach:

— É curioso! Ámanhã, 4 de julho, ha um eclipse total, visivel em toda a Africa! Deve começar ás duas e quarenta minutos... Bom terror vão ter os pretos!

Escassamente demos attenção áquella noticia: e como o capitão findára de escrever, preparamo-nos para partir para a grande dança, porque o sol já descia, e já ia fóra um rumor de regimentos passando. Pelo prudente conselho de Infandós envergamos as cótas de malha, — que achamos confortaveis e leves. A do Barão, homem de forte estatura, vestia-o como uma pellica: a do capitão e a minha dançavam-nos sobre as costellas com pregas pouco marciaes.

A lua surgia, magnificamente clara, quando Infandós appareceu, com todas as suas plumagens e armas de gala, acompanhado de vinte guerreiros, para nos escoltar a palacio. Afivelamos os revólvers á cinta, empunhamos as achas de guerra, e largamos — consideravelmente commovidos.

No terreiro, onde estiveramos de manhã, encontramos a mesma formidavel parada de regimentos, perfazendo talvez vinte mil homens — mas formados de modo que entre cada companhia ficava um carreiro aberto «para as farejadoras de feiticeiros» (como nos foi explicando Infandós). Não havia outra luz além da lua, cheia e lustrosa, que punha longas fieiras de faiscas nos ferros altos das lanças. D'aquella escura massa d'homens, do luar, do silencio, sahia uma indefinivel impressão de magestade e tristeza.

— Está aqui todo o exercito, murmurei eu para Infandós.

— Um terço, não mais, meu senhor. Outro terço ficou nas guarnições. E o outro está fóra, em torno a palacio, para o caso de sedição, quando começar a matança...

— Escuta, Infandós! Achas que corremos perigo?

— Não sei, espero que não... Mas não mostreis medo! E se escaparmos com vida esta noite — quem sabe? Talvez ámanhã Tuala seja como o raio que feriu e se apagou.

Iamos no entanto caminhando, através dos regimentos mais immoveis que bronzes, para espaço vasio diante da cubata real, onde havia como de manhã uma fila de escabellos d'honra. E

ao mesmo tempo outro grupo, com um brilho e ruido d'armas, sahia da aringa real.

— É Tuala, disse baixo Infandós, e Scragga, e Gagula, e os homens que matam.

Os « homens que matavam » eram uns doze negros gigantescos, de faces hediondas, com plumagens vermelhas, armados de facalhões e de azagaias pesadas.

— Bem vindos, gentes das estrellas! gritou logo Tuala abatendo-se pesadamente sobre um escabello. Sentai, sentai! E não percamos o tempo que a noite é curta para as grandes coisas que têm de ser feitas. Olhai em roda, e dizei-me se nas estrellas tivestes jámais tantos valentes juntos... Mas vêde tambem como elles já tremem, os que abrigam maldade no seu coração!

— *Começai! começai!* — ganiu na sua silvante voz Gagula, que se agachára aos pés do rei. As hyenas têm fome de ossos, os abutres têm sêde de sangue... *Começai! começai!*

Houve durante momentos um silencio lugubre, que pesava horrivelmente, como um prenuncio de matança e de horror.

O rei então agitou a lança. Immediatamente vinte mil pés se ergueram, e tres vezes, em cadencia, bateram no chão que tremia. Depois, lá ao fundo, d'entre as densas e escuras filas de homens, subiu ao ar um canto solitario, arrastado, plangente, infinitamente triste, findando n'este estribilho:

— Qual é a sorte, sobre a terra
De quem teve de nascer?

E os regimentos todos volviam, n'uma unica, grande e rolante voz:

— Morrer!

Mas pouco a pouco, as companhias, umas após outras, foram entoando uma estrophe da canção, até que toda a vasta multidão armada formava um côro — côro barbaro, rude, informe, onde todavia por vezes distinguiamos como conscientes ex-

pressões de sentimentos — notas suaves e lentas de amor, brados triumphaes de guerra, canticos solemnes de oração. Depois os cantos varios fundiam-se n'um lamento unico, contínuo, ululado, como d'um povo n'um funeral. De repente tudo estacava. E de novo o lugubre estribilho gemia no ar:

— Qual é a sorte, sobre a terra,
De quem teve de nascer?

E de novo a multidão clamava n'um unisono desolado:

— Morrer!

O canto por fim findou, um sombrio silencio cahiu, o rei levantou as mãos. Immediatamente, sentimos como o trote ligeiro de pés de gazellas: e, d'entre os profundos renques dos soldados, appareceram correndo para nós estranhas e medonhas figuras. Percebi que eram mulheres, quasi todas velhas, pelos longos cabellos brancos e soltos que lhe batiam as costas. Traziam as faces pintadas ás listas brancas e vermelhas: dos hombros pendiam-lhe esvoaçando, e misturadas ás madeixas, longas pelles de serpente: em torno á cinta cahiam-lhe como breloques de ossos humanos que chocalhavam sinistramente: e cada uma brandia na mão uma curta forquilha.

Ao chegarem em frente a Gagula pararam, ferindo o chão com as forquilhas. E uma, a mais alta, alargou os braços, gritou:

— Mãe, aqui estamos!

— *Bem, bem,* ganiu o decrepito monstro. Tendes hoje os olhos bem claros, Isanusis?

— Bem claros, oh mãe!

— Tendes hoje os ouvidos bem abertos, Isanusis?

— Bem abertos, oh mãe!

— Ide então! Farejai, farejai! Entre esses todos descobri os que querem mal ao seu visinho, os que possuem o gado indevido, os que tramam contra o rei, os que devem morrer por or-

dem de «cima»! Farejai! vêde os pensamentos que se não mostram, ouvi as palavras que se não dizem! Ide, meus lindos abutres! Os homens das estrellas têm fome e sêde de vêr a grande Justiça! *Agora!*

Com uivos horrendos, as sinistras creaturas dispersaram correndo, para todos os lados, através das fileiras armadas. Não as podiamos seguir a todas na sua obra mortal. De sorte que, por mim, cravei a attenção na que ficou junto de nós, uma velha, esgalgado feixe d'ossos, que deitava lume pelos olhos. Quando esta Harpia chegou em frente aos soldados parou *farejando*. Depois rompeu a dançar, girando sobre si mesma, tão rapidamente, que as longas grenhas soltas pareciam uma estrella feita de estrigas de linho a redemoinhar pelo ar. No entanto ia gritando por entre silvos de alegria: — «Já o farejo, o homem do mal! Alli está elle, o que envenenou a mãe! Acolá treme, o que pensou mal do rei!»

E, cada vez mais vertiginosamente, vinha girando, girando, até que a espuma lhe sahia aos flocos da bôca e os ossos lhe rangiam alto! De repente estacou, hirta, tesa, como petrificada. Depois, devagar, devagar, como uma fera que rasteja, avançou de forquilha estendida para a fileira de soldados, que visivelmente se encolhiam n'um indominavel terror. Parou ainda, outra vez tesa e hirta. Por fim, com um brado estridente, arremetteu, e bateu com a forquilha no peito d'um rapaz soberbamente forte.

Dois camaradas immediatamente o agarraram pelos braços, o empurraram para defronte do rei. O desgraçado caminhava sem resistencia, inerte, já morto na alma. O bando dos executores avançára a passos graves:

— Mata! disse o rei.

— Mata! ganiu Gagula.

— Mata! rugiu Scragga.

E antes que as palavras se perdessem no ar, o miseravel tombára morto, com uma azagaia cravada no peito, o craneo aberto por uma pancada de clava.

— *Um*, contou Tuala, sorrindo com satisfação.

Mal findára o feito horrivel, já outro soldado era arrastado como uma rez, — um chefe decerto, esse, porque lhe pendia dos hombros a capa de pelle de leopardo. Dois golpes de facalhão vibrados com destreza bastaram para o acabar sem um suspiro.

— *Dois!* contou o rei.

E assim até cem! Até *cem!* E nós alli, aterrados, immoveis, impotentes para suster a carnificina, maldizendo surdamente a nossa impotencia! Eu findára por fechar os olhos. Á meia noite emfim houve uma suspensão. As farejadoras esfalfadas, em grupo defronte do rei, limpavam lentamente o suor. Respirei, n'um infinito allivio, suppondo que findára todo este incomparavel horror. Mas de repente, com desagradavel surpreza, descobrimos Gagula, erguida, apoiada n'um cajado, dando alguns passos que tremiam e lhe sacudiam o craneo calvo de abutre. Coisa pavorosa, vêr o velhissimo monstro, ordinariamente vergado em dois pela decrepitude, ganhando alento, remoçando quasi, já direito, já vibrante, á medida que se acercava da fileira dos homens, a recomeçar por gosto proprio a obra sinistra das « farejadoras »! Mas n'ella o estylo era differente. Não dançava, não uivava. Dando umas corridinhas curtas, aqui e além, cantava baixinho e tristemente, como para se embalar. Assim trotou, assim cantarolou, até que de repente se precipitou sobre um magnifico velho, perfilado em frente a um regimento — e tocou-o silenciosamente com o cajado. Um murmurio de dôr, de contida indignação, correu entre os soldados que elle evidentemente commandava. Todavia dois d'elles, empolgando-lhe os pulsos, arrastaram-no como um boi para o açougue. Soubemos depois que era um chefe de grande riqueza e de grande influencia, primo do rei. Foi trucidado com azagaia, facalhão e clava — e Tuala contou *cento e um!*

Quasi immediatamente Gagula, depois de alguns saltinhos curtos de macaca, começou a avançar para nós, n'um movimento muito lento de valsa, que era medonho na repulsiva bruxa.

— Justos céos! murmurou o capitão John, querem vêr que agora é comnosco!

— Tolice! acudiu o Barão, pallido todavia.

Eu por mim sentia um suor frio na espinha. E Gagula, cada vez mais perto, — com os olhos a saltar-lhe do craneo, um fio de baba na bôca.

Por fim estacou, como um perdigueiro que avista a caça.

— Qual será? murmurou o Barão.

Como se lhe respondesse, a velha deu um pulo, e tocou Umbopa (ou Ignosi) sobre o hombro:

— Morte! gritava ella. Morte! Cheiro-lhe o sangue! Está cheio de maleficio e de traição. Mata-o depressa, oh Rei, mata-o depressa antes que por elle gema em desgraça o reino!...

Houve um silencio, um pasmo. E nem sei como (porque sou realmente um cobarde) achei-me diante de Tuala, fallando com soberana firmeza:

— Este homem, oh Rei, é o servo dos teus hospedes, e quem deseja o seu sangue é como se desejasse o nosso! Pela lei de hospitalidade, que cumpre aos reis manter, exijo a tua protecção para elle!

Tuala franziu o sobr'olho:

— Gagula, mãi das Isanusis, sabedora das artes, cheirou-lhe a traição dentro das veias. O homem tem de morrer, oh brancos!

— Quem lhe tocar, exclamei, batendo furiosamente com o pé no chão, é que tem de morrer!

— Agarrem-no! bradou Tuala aos carrascos que esperavam em roda, já todos manchados de sangue.

Dois brutos romperam para nós — mas hesitaram. Ignosi erguera a azagaia, decidido a morrer combatendo.

— P'ra traz, cães! berrei eu, n'um tom tremendo. Tocai n'um só cabello do homem, e vós mesmos, e a vossa feiticeira, e o vosso rei, não vereis mais a luz do dia!

E bruscamente apontei o revólver a Tuala. O Barão tinha já o seu erguido contra um dos carrascos: e John marchára sobre Gagula.

Houve um instante de indisivel assombro.

— Decide depressa, Tuala! gritei, tocando-lhe quasi a testa com o cano do revólver.

O monstro, visivelmente apavorado, rosnou, n'um tom surdo:

— Tirai para lá os vossos canos magicos! Invocastes as leis da hospitalidade, e só por amor d'ellas, não por medo de vós, poupo a vida a esse cão... Ide em paz.

— Está bem, Tuala! E lembra-te sempre que contra os homens das estrellas, nada podem os homens da terra!

O rei, ainda tremulo de furor impotente, ergueu a lança. Os regimentos começaram logo a desfilar.

D'ahi a pouco estavamos na nossa aringa — conversando á luz de uma das curiosas lampadas que usam os Kakuanas, em que o pavio é feito de fibra de palmeira, e o azeite de toucinho de hippopotamo. E o que affirmavamos todos com convicção, com ardor, era a necessidade e a justiça urgente de ajudar a conspiração de Umbopa contra um villão como Tuala!

CAPITULO VIII

A GRANDE DANÇA

Já muito tarde, quasi de madrugada, Infandós appareceu, como promettera, com os chefes seus amigos, todos homens de porte marcial e decididos. A conferencia foi longa e curiosa. Ignosi, convidado a expôr a sua romantica historia e os seus direitos ao reino dos Kakuanas, começou por tirar a tanga em silencio e mostrar o emblema sagrado, a grande serpente tatuada na cinta. Cada chefe, um a um, tomava a lampada, e agachado examinava o signal com respeito; depois, em silencio, passava a lampada a outro.

Em seguida Ignosi, reatando a tanga, contou a sua vida

estranha, desde a fuga com a mãe através do deserto. Os chefes permaneceram calados. Infandós, por seu turno, recordou os longos crimes de Tuala, retraçou as matanças d'essa noite de festa em que dois guerreiros valentes, de casas illustres, tinham sido trucidados só por possuirem grandes rebanhos que Scragga appetecia. Por fim fez um grande appello á razão e ao coração dos chefes, que só tinham a escolher entre o monstro que por avidez e capricho lhes arrancava a vida, ou o homem que lhe garantia a existencia feliz nas suas senzallas e a posse tranquilla dos seus gados. Mas, com espanto nosso, os chefes pareciam hesitantes e desconfiados.

Finalmente, um d'elles, homemzarrão possante, de carapinha branca, deu um passo, e declarou que a terra na verdade gemia sob a crueldade de Tuala, e que seu proprio irmão n'essa noite estava sendo pasto das hyenas... — Mas aquelle era um singular e confuso caso! E quem lhes afiançava que elles não ergueriam as suas lanças por um impostor? A guerra era certa. Muitos ficariam fieis a Tuala, porque mais se adora o sol que brilha, que o sol que ainda não nasceu. Necessitavam pois uma evidencia. E quem melhor lh'a poderia dar que os homens das estrellas, senhores das grandes artes magicas, que tinham trazido Ignosi ao paiz, e sabiam decerto os segredos?

— Se elle é o herdeiro legitimo, os homens que o trouxeram das estrellas que o provem, fazendo um grande milagre. Só assim o povo acreditará e tomará armas por elle!

— Mas a cobra, o emblema sagrado! exclamei eu.

— Não basta. A cobra podia ser pintada no ventre já depois de elle ser homem... Necessitamos um milagre! O povo não se move, nem nós mesmos, sem um milagre!

Um *milagre!* A situação era terrivel e grotesca. Exigir-se um milagre a tres honestos e ingenuos mortaes, que nem sequer sabiam, como qualquer prestidigitador de feira, escamotear uma noz dentro da manga! E terem os honestos mortaes de fazer o milagre — ou de perder a vida!... Voltei-me para os meus companheiros, a explicar rapidamente o risivel e perigoso lance.

— Parece-me que se póde arranjar, disse John, depois de um curto silencio. Peça a estes amigos que nos deixem sós, Quartelmar.

Abri a porta da cubata, os chefes sahiram. E apenas os passos morreram na sombra:

— Temos o eclipse! exclamou o nosso admiravel John.

Era o eclipse que elle descobrira na vespera, folheando o almanach (o *Livro de Bordo*), e que n'esse dia, ás duas e quarenta minutos, devia ser visivel em toda a Africa.

— Ahi está o milagre! affirmava John. É annunciar aos chefes que para lhes provar que Ignosi é o rei, e que devem pegar em armas por elle, nós faremos desapparecer o sol!

A idéa era esplendida. O unico receio é que o almanach estivesse errado.

— Não! E um almanach maritimo, não póde estar errado. Os eclipses são calculados mathematicamente. Não ha nada mais pontual que um eclipse... Durante meia hora, tres quartos de hora talvez, esta região toda ficará em trevas.

— Eu, por mim, disse o Barão, parece-me que devemos arriscar o eclipse.

— Vá pelo eclipse!

Mandamos Umbopa buscar os chefes. Quando voltaram, cerrei a porta da cubata com um sombrio apparato de mysterio, e comecei por lhes declarar, magestosamente, que nós os homens das estrellas não gostavamos de alterar o curso natural das coisas e mergulhar o mundo em terror e confusão... Mas, como se tratava d'uma grande e santa causa, estavamos decididos a fazer um milagre.

— Escutai! Julgais vós que um homem póde soprar sobre o sol, e *apagal-o?*

Os chefes olharam para mim, recuando com assombro.

— Não, murmurou um d'elles, não ha homem que o possa fazer! O sol é mais forte que toda a terra!

— Perfeitamente, conclui eu. Pois ámanhã, depois do meio dia, nós homens das estrellas *apagaremos o sol* durante uma hora, espalharemos trevas sobre a terra, e será o signal de que

Ignosi é o verdadeiro rei dos Kakuanas e que o povo deve tomar armas por elle. Será bastante este milagre?

O chefe da carapinha branca abriu os braços para nós, esgazeado:

— Oh gentes das estrellas, senhores das grandes artes, esse milagre será mais que bastante!

— Bem. Tereis o milagre. Agora Infandós, que é experiente, diga o momento em que mais convem que nós apaguemos o sol.

— Apagar o sol! murmuravam os chefes entre si. A grande lampada! O pae de tudo, que brilha eternamente!

— Falla, Infandós!

— Meu senhor, é na verdade um milagre espantoso que vós prometteis! Mas emfim... O melhor momento é o da dança das Flôres, que ha de logo começar ao meio-dia. As mais lindas raparigas de Lou estão lá, para dançar. E aquella que Tuala achar mais linda de todas é, segundo o costume, morta por Seragga em sacrificio aos *Silenciosos*, as figuras de pedra que estão além na montanha vigiando. Que os meus senhores n'esse momento apaguem o sol, salvem a rapariga, e o povo acreditará!

— O povo na verdade acreditará! exclamaram todos os chefes.

— A duas milhas de Lou, continuou Infandós, ha uma collina em fórma de meia lua, que é realmente uma fortaleza, onde estão aquartellados o meu regimento e tres outros que estes chefes commandam. Mas podemos arranjar de modo que ainda esta manhã cedo marchem para lá tres ou quatro regimentos dos mais fieis á minha vontade. E se os meus senhores apagarem com effeito o sol, eu poderei, a favor da escuridão, fazel-os sahir do terreiro real e da cidade, e leval-os para essa fortaleza, onde ficarão a salvo e d'onde começaremos a guerra contra o rei.

— Está entendido, resumi eu. Agora ide, que queremos dormir e depois combinar com os Espiritos!

Com longas reverencias, Infandós e os chefes deixaram a nossa aringa. O sol ia nado.

— Oh meus amigos, exclamou Ignosi, apenas elles partiram. É certo que podeis fazer esse milagre, ou estaveis vós ganhando tempo e soltando no ar palavras vãs?

— Parece-me que não nos ha de ser difficil, meu Umbopa, quero dizer, meu Ignosi, declarei eu sorrindo.

— É espantoso! Apagar o sol... E' todavia sois inglezes, e o inglez tudo póde! Mas ah, se vós fizerdes isso por mim, o que não farei eu por vós?

— Uma coisa já tu nos podes prometter, Ignosi! acudiu gravemente o Barão. É, se chegares a ser rei com o nosso auxilio, acabar com as «farejadeiras de feitiços», com matanças como as d'esta noite, e não consentir que homem algum seja condemnado sem provas de crime, e sem ter sido julgado pelos doze mais velhos do logar.

Era o jury, santissimo Deus! Era a nobre instituição do jury, que este digno Barão queria implantar no centro selvagem da Africa! Não ha senão um liberal inglez para estas esplendidas imposições de civilisação e de ordem. Com razão hesitou o astuto Ignosi! Com razão conservou longo tempo dois dedos sobre a testa, calculando. Por fim n'um rasgo de generosidade, ou de condescendencia:

— Os costumes dos pretos não se podem moldar pelos costumes dos brancos. Comtudo uma coisa te prometto, Incubú! É que não haverá no meu reino, nem matanças de festa, nem execuções sem julgamento. Estás contente?

O Barão apertou-lhe a mão em silencio.

D'ahi a pouco estavamos estendidos nos leitos de folhas sêccas, e profundamente dormimos, até que Ignosi nos acordou ás onze horas. O nosso primeiro cuidado foi instinctivamente correr fóra da cubata, olhar para o sol. Nunca esse divino astro me pareceu tão brilhante e tão seguro da sua luz. Nem um signal de eclipse! Uma radiancia firme, absoluta, que nenhum movimento dos corpos celestes parecia poder alterar!

— Pois, meu digno astro — murmurei eu, ousando interpellar directamente a fonte de toda a vida — se continuas assim, todo o dia, acabas, sem querer, com tres honrados homens!

Depois de almoçar, um solido e valente almoço que nos amparasse na crise imminente, revestimos as cótas de malhas, afivclamos os cinturões de cartuchame, e de outros modos nos apetrechamos para a grande dança. E ao meio dia para lá voltamos os passos — que a inquietação interior e a certeza do perigo não permittiam que fossem nem bem alegres nem bem ligeiros!

O terreiro real offerecia n'essa manhã um aspecto bem diverso — e onde na vespera reinára o horror transbordava agora a graça. Em logar de fuscos e duros guerreiros, todo o espaço estava occupado por longas filas de raparigas kakuanas, escuras tambem é verdade, mas lindas, pelas fórmas, a expressão, a viçosa mocidade. *Toilette*, não tinham nenhuma — nem mesmo o *panno*, a tanga da Africa civilisada: mas salvavam esta encantadora deficiencia pelo franco luxo das flôres. Todas traziam na cabeça uma corôa de flôres; grinaldas de flôres, grandes como festões, envolviam-lhe a cinta; e cada uma segurava nas mãos uma palma verde e um lyrio branco. Nos escabellos de honra já estava o rei — acompanhado por Infandós, Scragga, guardas emplumados e a sinistra Gagula. Reconhecemos tambem, de pé, por traz d'elle, alguns dos chefes que n'essa noite tinham comnosco conspirado.

Tuala acolheu-nos com muita cordealidade ostensiva — dardejando ao mesmo tempo sobre Umbopa um olhar sangrento e mau.

— Bem vindos, homens das estrellas, bem vindos! Vêdes hoje aqui coisas diversas; mas não tão bellas, não tão bellas! Beijos e festas de mulheres são dôces; mas é mais dôce o brilho das lanças e o cheiro do sangue. Olhai em redor, gentes das estrellas: e se quizerdes casar n'esta terra, escolhei, escolhei... Podeis levar d'estas raparigas as melhores, e tantas quantas pedirem os vossos desejos.

O nosso John, extremamente sensivel e amoroso como todos os marinheiros, deu logo um passo, teve um sorriso, como se se preparasse a aceitar e a recrutar alli, para occupar o seu coração na terra dos Kakuanas, um serralhosinho de don-

zellas escuras. Mas eu, homem idoso e experiente, receiando as complicações do eterno feminino, apressei-me a recusar:

— Não, Tuala, obrigado! Os homens brancos que vêm das estrellas só se ligam ás mulheres brancas que estão nas estrellas...

Tuala riu:

— Está bem, está bem... Nós temos um proverbio kakuana que diz: « — Aproveita a que está perto, porque com certe- « za a que está longe te engana! » Mas talvez seja d'outro modo nas estrellas... Sêde pois bem vindos, e comece a dança!

Um grande tam-tam resoou, acompanhado por finas flautas de cana em que tres mocinhos sopravam agachados no chão. As fileiras de raparigas avançaram, cantando um canto muito lento e dôce, — e fazendo ondular nas mãos as palmas e os lyrios. Era um grande bailado barbaro, infinitamente pittoresco. As raparigas ora saltavam brandamente sobre as pontas dos pés, n'uma graciosa languidez de gestos; ora, enlaçadas aos pares, redemoinhavam vivamente; ora, fileira contra fileira, simulavam uma batalha, tendo por armas os ramos de palma; ora, ajoelhando em reverencia, offertavam os lyrios ao rei. Depois eram grandes marchas bem ordenadas em que o canto tomava um tom triumphal; e logo uma alegre confusão, n'uma grulhada melodiosa, com um vivo saltar de corpos ageis — que espalhava pelo ar as petalas das flôres desfolhadas.

Por fim o bailado parou: e uma esplendida rapariga, de olhos radiantes, mais airosa que uma Diana caçadora, avançou devagar, e rompeu n'uma dança estranha, cheia de graça e de brilho, em que os movimentos tudo traduziam, desde os requebros fugidios da noiva timida até os pulos bravos da corça ciosa... Assim dançou longamente: os seus olhos cada vez mais rebrilhavam: a grinalda que lhe envolvia a cinta desfizera-se flôr a flôr; e todo o corpo adoravel lhe reluzia ao sol como um bronze humedecido. Por fim, cançada, sorrindo, recuou até ao grupo das bailadeiras onde ficou de olhos baixos, a refrescar-se com o seu ramo de lyrios. Veio então outra, muito alta, dançar; e outra depois, e muitas ainda, todas bellas e habeis;

— mas nenhuma como a Diana caçadora tinha belleza, graça, e consummada arte.

O rei ergueu a mão, o tam-tam cessou.

— Gentes das estrellas, disse elle, qual d'ellas achaes mais linda?

— A primeira, respondi eu irreflectidamente.

E logo me arrependi, lembrando o que annunciára Infandós — que a mais linda tinha de perecer, sacrificada aos idolos. Ao mesmo tempo deitei um olhar ao sol que continuava a refulgir com uma teima desesperadora.

Tuala no entanto sorria:

— Os vossos olhos, gentes das estrellas, vêem então como os meus. A primeira é a mais bonita. E mau é para ella que tem de morrer!

— *Tem de morrer!* echoou Gagula que parecera dormitar durante a festa, e acordava, já interessada, desde que presentia sangue e dôr.

— Morrer! exclamei eu, sorrindo tambem, como se não acreditasse. Porque, oh Rei? Ella dançou bem, a todos agradou. Além d'isso é moça e linda. Seria cruel e estranho recompensal-o com a morte.

A fera affectou uma sympathia, que, n'elle, arripiava:

— Tambem o lamento, mas é o costume do meu reinado. Os *Silenciosos*, que estão além na montanha vigiando, precisam receber o seu tributo. Ha uma prophecia do nosso povo que diz: «O rei, que no dia da grande dança não sacrificar aos Silenciosos a mais linda das donzellas, perecerá, e com elle a sua casa.» Por não ter cumprido a ordem de «cima», cahiu meu irmão e em seu logar reino eu... Ide (voltando-se para os guardas), trazei a virgem! E tu, meu Scragga, aguça a lança!

Dois da guarda real marcharam para a pobre e dôce rapariga, que desfolhava nervosamente as pétalas do seu lyrio branco. De repente, e só então, ella pareceu comprehender a fatalidade que a perdia, por ser formosa e pura. Deu um grito, tentou fugir. Duas mãos fortes agarraram-na e trouxe-

ram-na, toda em lagrimas e debatendo-se, para diante de Tuala.

— Que nome é o teu, linda moça? ganiu a horrivel Gagula. Não respondes? Queres que o filho do rei tenha de erguer a lança, sem saber quem tu sejas?

A isto, Scragga deu um salto com sofreguidão, alçando a sua immensa azagaia. Vendo o ferro luzir, a pobre rapariga cessou toda a lucta entre as mãos fortes dos guardas. E com grandes lagrimas que lhe cahiam, ficou toda, toda a tremer.

O medonho Scragga teve uma risada bestial:

— Como ella treme, como ella treme diante da minha força!

— Ah canalha, se te apanho a geito! rosnou o capitão, apertando na mão o revólver.

No entanto Gagula, com atroz zombaria, animava a desgraçada:

— Socega! Dize o teu nome. Vem, filha! Não temas!

— Oh mãe! balbuciou a pobre creatura entre soluços, n'uma voz que desfallecia. Oh mãe! O meu nome é Fulata, e sou da casa de Suko. Mas porque hei de eu morrer, eu que não fiz mal nenhum?

— Tens de morrer, proseguiu a hedionda velha, para contentar os que vigiam além na montanha. Mais vale dormir de noite que trabalhar de dia. Mais vale estar quieta e morta que agitada e viva. E tu, filha ditosa da casa de Suko, vais morrer ás mãos reaes do filho do nosso rei.

Olhei anciosamente para o sol. Nada! Um brilho impassivel, que achei quasi cruel!

No entanto a pobre Fulata, apertando desesperadamente as mãos, supplicava, com gritos de angustia:

— Oh mãe, oh Rei, não me deixeis morrer!... E eu tão nova! Pois nunca mais hei de vêr a aringa de meu pae? nem embalar meus irmãos pequeninos? nem cuidar dos cordeiros doentes? E porque? Mandaram-me aqui para dançar e eu dançei! O meu noivo está lá fóra á minha espera! Minha mãe ficou sentada debaixo das machabelles até que eu volte para mugir as vaccas... E porque hei de eu morrer? Nunca fiz mal

nenhum; e no terreiro da nossa casa deixava sempre cahir grãos de aveia para os passaros levarem aos ninhos...

Nas proprias faces dos guardas e dos chefes perfilados junto a Tuala se espalhava um ar de piedade. Muitas raparigas soluçavam baixo. E subitamente, o capitão John, sem se poder conter mais, arrancou o revólver da cinta e fez um movimento tão saliente, de tão clara intervenção — que a rapariga viu, n'um relance comprehendeu... Desprendendo-se dos guardas, que a seguravam frouxamente, veio arrojar-se aos pés de John, abraçando-lhe as pernas núas:

— Oh pae branco, que vens das estrellas! gritava ella. Deixa acolher-me á sombra da tua força... Salva-me d'estes homens, e de Gagula, a mãe que é tão cruel...

Tornei a olhar para o sol... E com um allivio, uma alegria tão intensa que ainda hoje o recordal-a me aquece o coração, vi uma linha de sombra, muito fina ainda, surgindo á orla do disco radiante!

— O eclipse! gritei eu para os outros. John, conserve ahi a rapariga atraz! E armas na mão, rapazes!

Immediatamente, avancei para o rei:

— Tuala, exclamei com firmeza e arrogancia. Nós, gentes das estrellas, não podemos consentir n'esta maldade! Tal não será! Deixa que a rapariga volte para a sua morada!

Tuala ergueu-se com um pulo brusco de surpreza e de colera. E dos chefes, das agitadas filas de mulheres, subiu um murmurio que era de assombro, e talvez de esperança.

— *Não consentis!* bramiu o rei, com o olho sangrento dardejando lume. E quem és tu, perro branco, para vir latir contra o leão na sua caverna? *Tal não será!* E como o podes tu impedir? Vai talvez a tua vontade prevalecer contra a minha força? Scragga, mata a creatura! E vós guardas, olá, agarrai esses homens!

Uma multidão de soldados surgiu, correndo, detraz da aringa real. O Barão, Umbopa e o capitão (com Fulata agarrada a elle) vieram pôr-se ao meu lado de carabinas apontadas.

Outro olhar meu ao sol! A linha de sombra, lenta e gradualmente, avançava sobre o globo rutilante. Com esplendida confiança, ergui a mão, bradei:

— Parai! Nós, os filhos das estrellas, decidimos que a rapariga não morrerá! E se alguem ousar ir contra a nossa vontade, ou avançar contra nós um passo, nós, os magicos das grandes artes, *apagaremos-o sol* e mergulharemos o mundo em trevas!

O effeito foi tremendo. Os soldados estacaram. E Scragga ficou diante de nós, com a lança erguida no ar, como uma figura de pedra. Mas Gagula erguera-se, sacudindo os braços com furor:

— Ouvi, ouvi o grande mentiroso, que diz que apaga o sol como um lume da terra! Pois que o faça, e a rapariga irá livre para a sua morada! Mas se o não fizer, oh Rei, que elle morra com ella, e com elle morram os cães malditos que vêm latir contra ti!

Sem mais, ergui a mão solemnemente para o sol (movimento que logo imitaram John e o Barão) e rompi a bradar. Não me lembro já das coisas absurdas que tumultuosamente atirei ao divino astro. Recitei-lhe versos de Shakespeare, pedaços da Biblia, proverbios, datas, nomes de firmas commerciaes que me acudiram, as ruas da cidade do cabo, — que sei eu? Tudo o que me affluia aos labios, e que fosse *em inglez*, na lingua magica. Ousei mesmo espantosas familiaridades com o respeitavel centro do systema planetario. Gritava: « Anda-me assim, solzinho da minha alma! P'ra diante, valente! Deixa « avançar essa rica sombra! Ah que estás um catita, meu astro! « Mais, mais!... »

E o sol obedecia! A mancha escura, nitida e convexa, avançava, comia a luz immortal. Um grande sussurro de terror agitava a multidão. Volvi então a fallar kakuana, livremente:

— Vê tu, oh Rei! Vê tu, Gagula! Vêde vós, oh chefes! Mentem então os homens das estrellas? Quizestes a treva eterna, eil-a que vos vem tragar!... Oh sol, pai de tudo, reluzente e triumphante, retira a luz, some-te á nossa ordem, mata o

mundo com escuridão e frio, e, que sem ti, parem para sempre estes corações crueis!... O sol vai morrer!

Gritos de terror resoavam já no terreiro. As mulheres, cahidas de joelhos, choravam, implorando misericordia. E o rei, calado, tremia.

Só Gagula resistia ao pavor:

— Vai passar, vai passar! uivava ella. Eu já vi o sol assim. Ninguem o póde apagar. Ficai quietos! Socegai! A sombra vem e vai... Eu já vi, eu que sou a mais velha, e conheço os segredos!

Eu por mim animava os companheiros:

— Vá, rapazes! Já não sei que hei de dizer ao sol. Veja se se lembra de alguns versos, Barão. Tudo serve, até pragas!

E John, admiravel marinheiro, rompeu então a praguejar. Foi sublime. Teve todas as pragas classicas, — e teve-as ineditas. Nem eu suppunha mesmo que a Humanidade possuisse, no seu vocabulario, uma tal riqueza de blasphemias! O que o Rei do Dia ouviu!

No entanto a mancha negra alastrava. Estranhas, sinistras sombras fluctuavam no ar. Uma triste quietação descia sobre a terra. Todos os passaros se tinham calado. Ao longe os cães uivavam.

E a mancha crescia, crescia... A atmosphera tornára-se espessa. Já mal distinguiamos as faces crueis da gente real. Esmagadas de temor, as mulheres nem tugiam. Por fim John parou a torrente de invectivas. E o que restava do sol parecia uma luz agonisante.

— O sol morreu! berrou de repente Scragga. Os bruxos das estrellas mataram o sol! Tudo vai morrer nas trevas!...

E fosse o delirio do medo ou da raiva, ergueu a azagaia, arremessou-a a toda a força contra o peito do Barão. Mas a cóta de malha repelliu o ferro. E antes que elle podesse revibrar o golpe, o Barão arrancára-lhe a lança das mãos e passou-lh'a através do coração. Com um uivo hediondo, Scragga tombou morto.

Quasi nada restava da luz. Era como se tudo acabasse

conjuntamente, o sol, o mundo, e a descendencia do rei! N'um terror indisivel, a multidão de raparigas largou fugindo, em confusão e gritos, para as portas da aringa. Foi um panico estonteado. Os guardas, arrojando as armas, galgavam as estacadas. Os chefes, aos saltos por cima dos escabellos, desappareciam como lebres. E por fim, o proprio e ferocissimo rei, com Gagula atraz, arremetteram para as cubatas, ganindo n'um pavor vil. Uma debandada — que nos deixou sós, eu, os amigos, a pobre Fulata ainda agarrada a John, Infandós, os chefes que conspiravam, e o cadaver de Scragga.

— Chefes! gritei eu. Eis o milagre que tinhamos promettido. Sabei agora que Ignosi é o rei unico e forte. O feitiço está trabalhando. Corramos para a cidadella que dissestes, emquanto a treva dura!

— Vinde! exclamou Infandós, segurando-me pela mão. E vós todos segui! O dia é nosso!

Ao chegarmos á porta da aringa, a luz findou inteiramente.

Agarrados uns aos outros pelas mãos, com Fulata no meio, fomos tropeçando através da escuridão. Dentro das senzallas ouviamos gemidos de terror. E para o augmentar, lançavamos a espaços, através da treva, um lugubre brado de revolta e de guerra:

— Morte a Tuala!

(Continúa).

NOVOS FACTORES

DA

POLITICA PORTUGUEZA

Depois do *ultimatum* de 11 de janeiro e do fremito de indignação que percorreu todo o paiz até ás mais obscuras villas, houve um momento em que justificadamente se pôde suppôr que a nação, emfim despertada do seu somno ou da sua indifferença, prompta a retomar a posse de si mesma, e certa de que a vida que vinha levando n'estes ultimos vinte annos a votava irrevogavelmente ás humilhações e aos desastres, decidira, n'um ingente esforço de vontade, começar uma *vida nova.*

Não escaparam a esta illusão cabeças que se prezam de friamente raciocinadoras. E quem estas linhas escreve, apesar de dois lustres inteiros de desillusões, chegou a crêr que realmente existia no fundo da nação, sob a sua apparente apathia, uma grande reserva de força, capaz de inspirar e de impôr, sem resistencias possiveis, uma reorganisação politica e economica do Estado.

A illusão, como dissemos, em breve se sumiu por esses ares. Poucas semanas bastaram a evidenciar que não ha no paiz uma força latente d'onde podesse vir o movimento de reorganisação nacional, ou que se a ha (é sempre grato guar-

dar uma esperança) o *ultimatum* do dia 11 e a perda de territorios maninhos d'Africa, que quasi ninguem sabia onde ficavam, não foi abalo bastante decisivo para a fazer despertar e operar. Nem todos os choques do ferro conseguem com effeito fazer saltar o fogo das entranhas da pedra.

Mas se fóra das regiões da Politica, na massa geral da nação, o *ultimatum* não logrou produzir um movimento que viesse trazer transformações essenciaes á nossa vida administrativa e economica, succedeu que, dentro d'essas proprias regiões da Politica, esse mesmo *ultimatum*, e as manifestações tumultuarias que o acompanharam, vieram alterar o equilibrio dos elementos regulares com que a Politica jogava, fazendo apparecer n'ella elementos novos, novos factores, com que é forçoso d'ora ávante contar, e que, coisa estranha! fazem o Portugal de 1890 politicamente differente do Portugal de 1889. É esta nova situação que convem estudar com clareza e franqueza. Estender sobre ella um véo pudico, disfarçar-lhe discretamente, por falsas e injustificaveis conveniencias publicas, os perigos que ella contém, não a querer dissecar abertamente com o temor de patentear realidades desagradaveis, seria o mesmo que impedir uma cura ainda possivel pelo desejo de não alludir a um mal manifestamente certo. Seria um crime de leso-patriotismo.

I

O partido republicano não é certamente de creação recente. Desde 34, desde 20, sempre em Portugal existiram republicanos e jacobinos. Foi possivel porém durante muito tempo contal-os, como se diz, pelos dedos d'uma só mão. Eram ideologos isolados, um pouco vaidosos do seu isolamento, vaidosos sobretudo da sua independencia e isenção, e da superioridade intellectual que as suas idéas lhes davam ou lhes pareciam dar, de resto universalmente respeitados, e respeitadores elles mes-

mos do regimen sob que viviam e de quem por vezes aceitavam empregos.

O primeiro ensaio de republicanismo, com visos de organisação, foi devido, ahi por 1867 ou 68, a um guarda-livros da antiga casa Bertrand, moço excellente, mas fanatico, que consumiu o seu peculio e a sua saude no empenho de fundar um club, menos como nucleo d'acção que como nucleo de propaganda. Esse club (se nos não falha a memoria) chegou a funccionar n'uma casa da rua do Principe, e a elle pertenceram alguns homens hoje illustres nas letras, e mesmo famosos pelas suas idéas auctoritarias. De resto n'esse club tratava-se mais de estimular a fraternidade humana, de libertar as raças opprimidas, etc., do que propriamente de abalar o poder que residia na Ajuda. Era um club de humanitarios e de idealistas, d'onde apenas sahiu um acto pratico, as conferencias chamadas do *Casino*, instrumento de propaganda que tinha naturalmente mais de litteraria do que de politica. Muito bem nos lembramos de ir lá ouvir o nosso saudoso amigo Augusto Soromenho, o erudito auxiliador de Alexandre Herculano, discorrer sobre Chateaubriand; e dias depois o snr. Eça de Queiroz apresentar, muito antes de Zola, as bases d'uma nova esthetica o *Realismo*. Apesar de não ameaçarem muito seriamente a ordem, ainda assim foram estas palestras julgadas subversivas pelo duque (então marquez) d'Avila, que as prohibiu no dia em que um dos conferentes (o snr. Batalha Reis, se não nos enganamos) ia fallar sobre a «Divindade de Jesus». A imprensa de opposição exhibiu a costumada indignação liberal; o snr. Dias Ferreira fez uma interpellação ao ministerio; e não se fallou mais nas conferencias do Casino, de que apenas resta como vestigio uma verdadeira joia de critica historica, um folheto do snr. Anthero de Quental, hoje muito raro, sobre a *Decadencia dos Povos Peninsulares*. O club da rua do Principe morreu de inanição, e este ensaio jacobio fundiu-se ou perdeu-se no movimento socialista que, ahi por 1871 e 72, ainda sob a iniciativa do snr. Fontana e d'outros, englobou em si uma consideravel porção da classe operaria de Lisboa. Esse movimento socialista, que era

uma ramificação entre nós da famosa *Internacional*, fracassou quando essa sociedade, por motivos que não vem para aqui compendiar, perdeu a sua acção sobre a massa dos trabalhadores europeus. Depois d'isso a corrente republicana, que varias causas tinham continuado a desenvolver surdamente, aflorou de novo á superficie e fez sentir a sua acção por occasião do centenario de Camões. E finalmente a sua entrada como partido organisado na sociedade politica póde ser datada da questão de Lourenço Marques.

Não tomámos a penna para fazer a historia, ainda pouco accidentada, do partido republicano. Essa historia, por emquanto, reduz-se principalmente a numeros. Um deputado republicano por Lisboa ha quinze annos não reuniria *cem votos*. Nas ultimas eleições os republicanos tiveram *alguns milhares de votos*. E estes milhares de votos têm uma significação grave, não tanto por virem do apoio progressista (ainda que este apoio é tambem significativo e symptomatico), mas por virem d'uma forte massa de eleitores independentes, pertencendo pela maior parte ás classes liberaes e á classe commercial, que até aqui se abstinham de votar.

Um tal desenvolvimento de republicanismo é obra recente d'estes ultimos annos. E a sua causa tem sido simples e unicamente o descontentamento: isto é, o partido republicano tem-se alastrado, não porque aos espiritos democratisados apparecesse a necessidade de implantar entre nós as instituições republicanas, como as unicas capazes de realisar certos progressos sociaes — mas porque esses espiritos sentem todos os dias uma aversão maior pela politica parlamentar, tal como ella se tem manifestado, com o seu cortejo de males, n'estes derradeiros tempos.

O partido republicano em Portugal nunca apresentou um programma, nem verdadeiramente tem um programma. Mais ainda, nem o póde ter: porque todas as reformas que, como partido republicano, lhe cumpriria reclamar, já foram realisadas pelo liberalismo monarchico. De sorte que se vai para a republica ou se tende para ella, não por doutrinarismo, por urgencia

de mais liberdade e de instituições mais democraticas, mas porque n'uma já consideravel parte do paiz se vai cada dia radicando mais este desejo: *antes qualquer outra coisa do que o que está!*

Esta é a mais recente e desgraçada formula politica da nação. É a formula que se ouve repetida por toda a parte onde dois homens se juntam a commentar as coisas publicas. Ora que póde ser *essa outra coisa?* Não póde ser o governo pessoal, formula para que apenas se inclinam alguns espiritos superiores, mas odiosa á generalidade da nação, de todo democratisada, ou antes irradicavelmente impregnada de liberalismo; tem pois, na idéa dos descontentes, de ser a republica, uma republica, que, eliminando pelo mero facto do seu triumpho todo o pessoal do parlamentarismo e as suas praticas, proceda, sem desattender os interesses conservadores, a uma reorganisação administrativa e economica da nação. Essa reorganisação parece-nos, a nós conservadores, que poderia ser realisada dentro da monarchia. Mas os descontentes respondem que a monarchia se acha inevitavelmente, fatalmente vinculada e soldada a esse pessoal do constitucionalismo, cuja incompetencia e corrupção elles julgam ter sido superabundantemente comprovadas em annos já longos de desgoverno: que resta portanto uma unica solução, a republica: e que o momento vem chegando de salvar por esse meio o paiz, que já não póde ser salvo pela monarchia.

Crêmos que ninguem, com uma clara intelligencia das coisas, negará ser esta a corrente de idéas ou de impressões que tem desenvolvido o partido republicano. Do seu mais recente e inesperado engrossamento n'este ultimo anno houveram causas mais directas e mais especiaes, internas e externas. Das internas a maior foi sem duvida o ultimo periodo da administração progressista. Não queremos por modo algum n'estas paginas da Revista, onde só podem ter cabimento as apreciações genericas de idéas, doutrinas ou movimentos sociaes, fazer accusações especificas a grupos politicos. Mas ninguem hoje contesta, mesmo dentro das fileiras progres-

sistas onde preclaramente sobram os homens sinceros e de bem, que os erros d'essa administração foram fataes ao systema parlamentar e á monarchia que é a sua expressão suprema.

A parte sã da nação ficou sériamente desgostosa. E as lamentaveis desordens parlamentares d'esse triste anno politico, as violentissimas e desmandadas polemicas, as mutuas e terriveis recriminações com que, obsecados pela paixão, os partidos se feriam uns aos outros na sua honra, deixaram no paiz, que assistia espantado a uma tal *lavagem publica de roupa suja*, o sentimento desalentado que elle exprime por esta formula: — *Tão bons são uns como outros!* É esta uma outra das recentes e desgraçadas formulas da opinião publica em Portugal. Ora se, dos que estão, *tão bons são uns como os outros* no systema parlamentar — para onde ir, para que appellar? Naturalmente para a republica e para os homens novos e puros que ella possa trazer.

Uma outra causa exterior que veio concorrer para o engrossamento do partido republicano foi a revolução do Brazil. Feita por uma raça filha da nossa, que falla a nossa lingua e tem tantos interesses ligados aos nossos, e feita apparentemente com uma cordura, uma generosidade, uma ordem que espantou (e enganou) o mundo, esta revolução veio entre nós, de mil maneiras indirectas, desenvolver o sentimento republicano; já provando como sem desordem social se póde melhorar um regimen politico; já mostrando tentadoramente a que fastigios de poder póde galgar, n'uma manhã, qualquer obscuro articulista ou qualquer obscuro professor; já dando a esperança d'um forte apoio moral e (porque o não diremos?) d'um forte apoio material. A revolução do Brazil tranquillisando os ordeiros, excitando os ambiciosos, e dando confiança a todos pela esperança de apoio e recursos positivos — foi um golpe que das instituições brazileiras repercutiu indirectamente sobre as nossas instituições.

Não menor acção estimuladora trouxe aos nossos republicanos a consolidação da republica em França, tão ameaçada,

ainda antes das eleições de setembro, pela colligação monarchico-cesarista. A França, pelo simples facto de ser republica e como tal prosperar, é hoje o mais poderoso instrumento de propaganda republicana entre os povos latinos. Não se reflecte bastante que ás qualidades da sua raça, não á fórma das suas instituições, deve ella a sua prosperidade; e que a Exposição seria tão brilhante sob o reinado de Filippe v, como foi sob a presidencia de Carnot. O que se vê é a Republica robustecendo o exercito e a armada, construindo enormes obras de defeza, reorganisando superiormente os seus novos dominios, alargando immensamente a instrucção, favorecendo o movimento dos negocios a ponto de tornar o proprio capital republicano, mantendo admiravelmente a ordem, e, apesar da sua democratisação, conservando todas as elegancias da vida e da sociedade. Tudo isto se attribue á Republica, quando é unicamente obra da França.

Finalmente entre as causas estranhas se póde contar o *ultimatum* do dia 11, que, se não arrancou o paiz á sua apathia, lhe deu subitamente o sentimento mais claro, e por assim dizer agudo, da sua propria fraqueza e desorganisação; fraqueza e desorganisação que, apparecendo dentro d'este regimen, podem ser (e são) obra de certas fatalidades, mas são evidentemente tambem obra d'esse regimen. «*Aqui está onde nós chegamos!*» foi então a dolorida exclamação que resumia o sentir publico.

Assim, progressivamente, se tem ido o partido republicano recrutando entre todas as classes e todas as profissões, a advocacia, a magistratura, o professorado, o commercio, e mesmo a propriedade rural, pela acção lenta de causas differentes, das quaes a maior incomparavelmente, e a unica que incessantemente opéra, é a d'um forte descontentamento politico.

E o que torna este descontentamento politico tanto mais vivo, e por assim dizer activo, é que elle tem o estimulo constante d'um immenso descontentamento individual, nascido das difficuldades de vida que cada um experimenta. É a nossa pobreza geral que complica singularmente a nossa crise politica.

Em casa onde não ha pão todos ralham e *todos* têm razão — porque é d'este modo que o proverbio deve ser entre nós emendado. O celebre publicista Edmundo About affirmava que nada era mais favoravel aos governos em França do que o vento do sudoeste — porque é elle que traz as chuvas e prepara as boas colheitas. A opposição a um governo ou a um regimen nunca toma com effeito um caracter impaciente, violento e destructivo quando cada um tem pão bastante na prateleira ou um saldo favoravel no seu banco. Todo o regimen parece bom, pelo menos perfeitamente toleravel, ao pae de familia que se sente na abundancia. A mudança de regimen, e as perturbações sociaes que lhe vêm inherentes, só lhe inspiram então inquietação, por poderem alterar ou annullar as condições favoraveis em que a sua prosperidade se produziu. Entre nós é justamente o contrario que succede. Ninguem vive na abundancia e todos se encontram em difficuldades. Soffre o empregado pela pequenez dos ordenados; soffre o operario pela escassez dos salarios; soffre o logista pelos limitados meios de comprar de que dispõe o publico; soffre o commerciante pela estagnação das transacções; e soffre o agricultor pela longa crise agricola que lhe desvalorisa a propriedade. Todos soffrem; e ainda que muitos só se deveriam queixar da sua falta de iniciativa, de persistencia, e mesmo de coragem civil, todos á uma se voltam contra um regimen que elles consideram como o causador de todos esses males publicos d'onde datam os seus males particulares. Em todas estas classes se encontra com effeito a mesma opinião expressa pela mesma formula: — *isto assim não póde continuar! Isto* é a desorganisação administrativa, politica e economica.

Constitue esta massa já consideravel de descontentes um partido militante e organisado? Não, certamente. Esta massa não está ainda filiada no partido republicano, não pertence ainda a clubs, não obedece ainda a um programma. Quando muito lê o *Seculo*. Mas constitue essa classe, por assim dizer, *não-monarchica*, que no Brazil permittiu que se fizesse a Revolução no espaço de duas horas, e que é tão perigosa para a segurança das instituições pela sua total indifferença e des-

amor, como o seria pela sua intervenção hostil e combatente.

Taes são os elementos de que já effectivamente se compõe ou com que condicionalmente já conta o partido republicano. É todavia este partido um perigo immediato e imminente para as instituições? Longe de toda a illusão optimista, afigura-se-nos que esse partido, no dia de hoje, offerece um perigo ainda minimo, porque tem a impotencia de uma multidão a que falta a direcção. Entre os republicanos organisados, filiados, arregimentados, quantos se contarão que sintam confiança real no seu directorio e seus chefes officiaes? Raros, segundo nos affirmam aquelles que por experiencia propria o sabem. Póde haver, e ha, por esses chefes sympathia individual; póde haver, e ha, crença na sua sinceridade. Mas não ha já a fé na sua coragem, na sua habilidade, ou na sua competencia como organisadores d'um movimento. E emquanto á massa dos descontentes, dos que chamamos *não-monarchicos*, esses nunca consentiriam certamente em admittir como chefes, e portanto como futuros promotores da reorganisação nacional, os individuos, aliás pessoalmente estimaveis, que hoje têm a direcção apparente, e queremos suppôr que real, dos interesses republicanos. E sem desejar ser descortezes para com personalidades, — somos forçados a constatar que os actuaes chefes republicanos, como taes, como chefes, fazem sorrir toda a parte séria da nação.

Isto todavia adia simplesmente o perigo até ao momento em que homens de capacidades mais altas, animos mais decididos, e sobretudo de mais habeis manejos, tomem conta do partido já organisado e da multidão descontente que em torno d'elle se agita, e dêem a este conjunto de forças vagas a direcção que ellas reclamam e parecem promptas a aceitar de quem lhes traga uma garantia de exito.

Mas ainda mesmo sem direcção, ou com uma direcção impotente porque incompetente, o partido republicano existe, exhibe-se, falla, escreve, vota; e por este mero facto de existir obriga as classes governamentaes a uma attitude legitima de defeza e de resistencia. E eis-aqui, se não erramos, uma outra fatalidade que vem augmentar os perigos do republicanismo.

Desde que, desgraçadamente, se não pôde impedir por uma sabia administração que se viesse a formar esta massa de descontentes, prestes a tornar-se revolucionaria, as classes governamentaes são necessariamente obrigadas, desde que ella se formou, a mantel-a em respeito e a procurar inutilisal-a por meio da repressão. Os proprios republicanos por mais fanaticos não esperam decerto que o governo lhes entregue espontaneamente as secretarias, o thesouro e a direcção dos serviços publicos. Desde que do seu lado comece a acção — do lado do poder deve começar a repressão. Ora esta repressão só se póde effectuar coarctando certas liberdades, — liberdade de imprensa, liberdade de reunião, liberdade de associação — que entre nós penetraram profundamente nos costumes publicos, e que formavam além d'isso o unico recurso deixado ao descontentamento para desafogar e se consolar. A perda do direito de usar (e sobretudo de abusar) d'essas liberdades vai portanto originar uma immensa irritação, e um accrescimo de descontentamento tanto mais intenso quanto mais comprimido. As repressões são sempre as grandes fautoras das revoluções. Um partido perseguido cresce na proporção geometrica d'essa perseguição. Na Allemanha, ha sete annos, os socialistas reuniam menos d'uma *dezena de milhares* de votos; vieram as famosas leis de repressão, e a politica terrorista de Bismark; e ao fim de seis annos os socialistas obtinham *mais d'um milhão* de votos, e o proprio Bismark cahia. As classes governamentaes sabem isto perfeitamente bem, e não procedem por obsecação ou por um leviano desdem das repetidissimas lições da Historia. Fazem o que não podem deixar de fazer — o que é o seu dever que façam; sobretudo quando o partido de revolução reclama não um conjunto de justas reformas, que ellas poderiam *opportunamente* conceder, mas a derrocação pura e simples de todo o regimen constituido, sem um programma melhor de idéas para substituir as d'elle, só com o fim de destruição e de deslocação de pessoas. A repressão porém só se póde fazer com certeza de exito pacifico quando exista por traz, a sustental-a, uma quasi unanime corrente de opinião, uma larga maioria na-

cional, fielmente vinculada e aferrada ás instituições monarchicas, só d'ellas esperando a salvação, e não comprehendendo que a nação possa sem ellas ser nação. Foi esta funda corrente de opinião, esta forte maioria nacional que faltou no Brazil ao ministerio Ouro-Preto. Existe essa maioria nacional entre nós, uma maioria amando tanto as Instituições que esteja prompta, e com alacridade, a dar por ellas o dinheiro dos seus cofres e o sangue das suas veias? Infelizmente, por mais que lhe contemos e recontemos os elementos, não nos parece que exista. Na classe média uma minoria é republicana; uma parte importante é indifferente senão hostil; e uma outra parte tende para a hostilidade pelo mero facto de estar excluida do poder e dos seus beneficios. No povo, o das cidades é republicano; e o do campo, alheio a principios politicos, nunca se move e nunca se moverá talvez senão para defender o seu pão, se novos e fortes impostos lh'o ameaçassem.

Resta portanto uma metade da classe média fiel ás instituições, porque fiel ao partido politico que n'esse momento as defenda. Mas foi essa mesma metade da classe média que no Brazil, acabando de dar uma larga maioria parlamentar ao ministerio Ouro-Preto, e estando justamente a *promover uma subscripção para levantar uma estatua ao visconde de Ouro-Preto* (!) — ficou muito quieta nas suas casas, nos seus empregos ou nos seus escriptorios, quando alguns jornalistas e alguns tenentes que iam reclamar uma mudança de ministerio se lembraram de proclamar uma mudança de regimen! Esta curiosa lição da Historia actual, se outras não tivessemos, bastaria a mostrar que confiança se póde ter, n'este ultimo quartel do seculo XIX, na fidelidade politica da classe média.

Ora se esta maioria nacional falta ás instituições, ellas têm de se apoiar necessariamente n'uma outra força que, entre nós, só póde ser o exercito.

II

Em geral desde que o regimen constituido, para se manter, necessita o apoio d'uma força disciplinada; e quando, por outro lado, existe um partido de revolução que não póde tirar dos seus proprios elementos populares os meios precisos de acção, e só poderia triumphar pelo auxilio d'uma força indisciplinada — o exercito torna-se necessariamente o ponto para onde convergem todas as esperanças e o elemento de exito com que contam todos os interesses politicos. O exercito é assim fatalmente arrastado para dentro da esphera dos partidos; e começa logo a haver em torno d'elle uma surda e constante campanha de seducção ou de pressão. Pela logica das affinidades e das ligações naturaes, o partido de revolução procura attrahir o sargento que é o mesmo que conquistar o soldado; e o regimen constituido procura muito justamente, e com honrosa facilidade, conservar fieis os coroneis e os generaes. É isto o que durante longos annos se deu (e ainda se dá) na Hespanha; e é isto o que desde já se vai annunciando entre nós, onde, como dizia ultimamente um official superior, « o exercito está sendo requestado como uma menina rica ». A responsabilidade da desorganisação assim introduzida no corpo social (e quanto é formidavel essa responsabilidade a anarchia do Brazil o prova) pertence toda e exclusivamente, está claro, ao partido de revolução. Não tratamos porém aqui de averiguar a quem pertencem as responsabilidades de que a Historia mais tarde julgará, mas de constatar e enfileirar os factos taes como elles são e de os seguir nas suas consequencias. Ora o facto incontestavel (e que seria anti-patriotico disfarçar) é que o partido republicano procura attrahir o exercito; e que, forçado a defender-se, o regimen constituido appella por seu turno para o concurso leal do exercito, decerto inabalavel na sua lealdade.

Mas pelo simples facto do exercito ser a força essencial com que conta o regimen constituido, e com que conta o parti-

do de revolução, elle toma fatalmente uma preponderancia inesperada nos nossos destinos politicos. D'elle parece depender tudo, e portanto elle torna-se tudo. Assim como em Inglaterra, e já agora em França, o boletim de voto é tudo, e sobre elle se exerce ardentemente a propaganda dos partidos, assim entre nós parece desenhar-se o momento em que a espada do exercito será tudo, e sobre ella, e só sobre ella, se concentrará a acção e a influencia dos que legitimamente possuem, ou que subversivamente pretendem, o poder.

Isto, se não nos enganamos, póde importar proximamente no advento do militarismo. Dirão (e dizem) os optimistas que o o exercito em Portugal nunca sahirá da sua devida submissão ao poder civil. Assim o suppomos. Mas nunca se deve basear um systema de acção politica no optimismo, na hypothetica perfeição dos homens e das coisas, e em phrases. O exercito não é composto de entidades abstractas, e impessoaes como principios: é composto de homens de carne e osso, susceptiveis de todas as fraquezas e de todas as tentações humanas. Ora desde que uma classe sente que só ella é a força unica, e que tudo gravita em torno d'ella, póde, mesmo mau grado seu, e pelo irresistivel impulso da sua propria força, ser levada a tudo querer dominar, e fazer prevalecer, como superior a todos, o seu interesse de classe. Póde-o mesmo fazer por uma nobre illusão patriotica, considerando que, desde que tudo em torno d'ella é fraco e impotente, e está morrendo d'essa impotencia e d'essa fraqueza, no predominio da sua força reside a salvação da patria.

Decerto ao general Deodoro foi agradavel e vantajoso passar d'um commando n'uma provincia remota ao governo absoluto da nação, com cento e vinte contos de lista civil, um palacio para habitar, honras regias e a adulação de todos: mas é bem possivel que o general Deodoro muito sinceramente acreditasse (visto que assim lh'o affirmavam os que da sua espada necessitavam) que elle, e só elle, podia fazer a felicidade do Brazil. E de resto a historia está cheia de exemplos em que chefes militares muito candidamente viram no seu engrandeci-

mento pessoal o meio unico de promover a regeneração nacional.

É claro, claro como o sol, que não ha o minimo, o mais remoto symptoma de que possa surgir entre nós um general ambicioso. Mas dar uma importancia suprema ao elemento militar é preparar o terreno propicio ao desenvolvimento possivel d'essas ambições. Querer systematicamente afastar esta supposição, declarando que «tal é impossivel, que nunca tal se dará na nossa terra, porque o exercito sabe o que deve á honra e á patria, etc.», é fazer acto de imprevidencia ou de ingenuidade, ambas culpadas. O homem de estado, digno d'esse nome, deve tudo prevêr, tudo calcular — e ter sempre presente que os homens são homens, nascidos com as paixões humanas, e não anjos, abstracções ou principios encarnados. Eis de resto tudo o que convém dizer; porque n'isto se encerra tudo o que convem meditar.

III

Assim viemos expondo, taes como os comprehendemos, os elementos da crise politica que se desenha, e que, nascendo da nossa crise chronica, a crise economica, se vai ajuntar a ella ajudando a aggraval-a por diversos modos.

A situação é esta. Uma parte importante da nação perdeu totalmente a fé (com razão ou sem razão) no parlamentarismo, e nas classes governamentaes ou burocraticas que o encarnam; e tende, por um impulso que irresistivelmente a trabalha, a substituil-as por *outra coisa,* que ella ainda não definiu bem a si propria. Qual póde ser *essa outra coisa?* Que soluções se apresentam?

Por um lado a Republica não póde deixar de inquietar o espirito de todos os patriotas. Ella seria a confusão, a anarchia, a bancarrota. Além d'isso (é de urgente patriotismo fallar com franqueza) a Republica entre nós não é uma *questão de politica interna, mas de politica externa.* Um movimento insurrecional em Lisboa, triumphante ou semi-triumphante, se-

ria no dia seguinte um exercito de intervenção marchando sobre nós da fronteira monarchica da Hespanha. E se a Hespanha, pela morte da creancinha innocente que é rei, se convertesse n'uma republica conservadora — um movimento parallelo em Portugal, apoiado por ella e coroado de exito, seria o fim da nossa autonomia, da nossa civilisação propria, da nossa nacionalidade, da nossa historia, da nossa lingua, de tudo aquillo que nos é tão caro como a propria vida, e porque temos, durante seculos, derramado sangue e thesouros.

Por outro lado uma «revolução feita de cima», uma concentração de força na Corôa (que a muitos espiritos superiores, e que vêem claro, se apresenta como a nossa salvação), concentração, que, apoiada na parte mais intelligente e mais pura das classes conservadoras, procedesse ás grandes reformas que a consciencia publica reclama, não seria comprehendida pela nação irremediavelmente impregnada de liberalismo e que n'essa concentração de força só veria uma restauração do absolutismo e do poder pessoal.

Que resta no meio d'estas duas soluções? Restaria ainda a solução quasi milagrosa de que as classes conservadoras e parlamentares, conscias emfim dos perigos que as envolvem, procedessem heroicamente á sua propria depuração e moralisação; e, tendo readquirido por esse nobre regeneramento o apoio da maioria sã do paiz, se lançassem á obra patriotica e exclusiva de reorganisar a nação administrativa e economicamente. Mas este milagre não é provavel. Não ha exemplo na Historia dos seculos de que uma classe conservadora, por uma lenta evolução da consciencia, a si mesma se regenere, se depure e se moralise.

Que resta pois? Resta, como esperança, o sabermos que as nações têm a vida dura, e que o nosso Portugal tem a vida durissima. E se os que estão no poder porfiarem sempre em commetter a menor somma humanamente possivel de erros e realisar a maior somma humanamente possivel de acertos, muitos perigos podem ser conjurados e a hora má adiada. O interesse de quem tem o poder (como dizia ultimamente, n'estas

mesmas paginas, tratando do Brazil, o snr. Frederico de S) está *todo e unicamente em acertar*. Senão já por dever de consciencia e de patriotismo, ao menos por egoismo, por vantagem propria e individual, por ambição mesmo do poder, o esforço constante d'um governo *deve ser acertar*. Entre nós tem-se visto governos que parecem absurdamente apostados em errar, errar de proposito, errar sempre, errar em tudo, errar por frio systema. Ha periodos em que um erro mais ou um erro menos realmente pouco conta. No momento historico a que chegamos, porém, cada erro, por mais pequeno, é um novo golpe de camartello friamente atirado ao edificio das instituições; mas ao mesmo tempo tal é a inquietação que todos temos do futuro e do desconhecido, que cada acerto, cada bom acerto, é uma estaca mais, solida e duradoura, para esteiar as instituições. Toda a duvida está em saber se ainda ha, ou se já não ha, em Portugal, um governo capaz de sinceramente se compenetrar d'esta grande, d'esta irrecusavel verdade.

Um espectador.

AS FINANÇAS E A ADMINISTRAÇÃO

DA

DICTADURA BRAZILEIRA

I

Ha poucas semanas o governo dos Estados-Unidos mandou apresentar ao Marechal Deodoro o acto do reconhecimento da Republica Brazileira. O governo americano serviu-se para esse fim d'um simples Encarregado de Negocios, não fazendo com a republica caloira a ceremonia de lhe mandar um Enviado de maior categoria. Isto porém não impediu que o Ministro dos negocios estrangeiros do Brazil praticasse a *rastacuerada* de ir elle proprio buscar o Encarregado de Negocios para o levar á presença do « Generalissimo » ; coisa usada talvez em Guatemala e na Bolivia, mas não em outras terras republicanas ; porque, mesmo em Washington, o Secretario de Estado nunca desempenha este papel ainda quando se trate de Enviados Extraordinarios ou de Embaixadores. O Encarregado de Negocios, o snr. Lee, descendente d'uma illustre familia norte-americana, defensora da escravidão, não é decerto um d'esses americanos que, por incapacidade de ganhar a vida na difficil concorrencia dos Estados-Unidos, solicitam um cargo diplomatico que a politicagem dos amigos lhe obtem a custo. O snr. Lee pronunciou, porém, no seu discurso ao Marechal uma phrase monumentalmente comica.

Os diplomatas americanos, dependentes da politica e nomeados por influencias eleitoraes, não representam a *élite* intellectual do seu paiz. São, em grande parte individuos que, pelo seu cargo official, querem ir ter na boa sociedade estrangeira uma posição que a sua educação não lhes permitte ter na boa sociedade da sua terra. O Encarregado de Negocios no Rio de Janeiro não pertence seguramente a essa classe; mas a sua phrase não destoaria na bôca d'um diplomata americano do typo que tanto ridicularisam os espirituosos jornalistas yankees, os romancistas observadores, e os divertidos salões de New-York, onde correm tão boas anecdotas sobre os diplomatas improvisados. O que o snr. Encarregado de Negocios disse foi que «o *Brazil acabava de assumir* o SELF GOVERNMENT!» O generalissimo não entendeu com certeza as duas palavras. O Marechal Deodoro contentava-se até ha pouco tempo em ser valente: e a erudição em palavras estrangeiras deixou-a sempre ao snr. Benjamim Constant, general de tribuna, que tem ganho sómente (dizem os seus amigos) as batalhas pacatas da sciencia, e cuja estrategia se limita ao problema de occupar militar e simultaneamente o maior numero possivel de empregos e de fazer, á frente da sua familia, incruentas marchas forçadas e ascendentes através dos altos postos. Mas o que entenderá o snr. Encarregado de Negocios pelo *self government?* Nos tempos do systema parlamentar no Brazil, quando se tratava d'uma reforma qualquer, era ella a principio aventada nas camaras, nas circulares dos candidatos, na imprensa, nos programmas dos partidos, nos discursos do poder executivo; um parlamento eleito discutia-a largamente, depois do Conselho de Estado a ter examinado com madureza; e o poder legislativo, nomeado pela Nação que representava, transformava a idéa em lei. O paiz tomava, pois, alguma parte no seu proprio governo, ou pelo menos influia no destino da nação um avultado numero de cidadãos. Isto, porém, na opinião do snr. Encarregado de Negocios da terra de Jorge Washington, não era para o Brazil o exercicio do governo proprio, do *self government.* Se um general norte-americano, esquecido das

grandes lições de civismo que fornece a historia da sua patria e do que lhe ensinaram na Escóla Militar de West-Point a respeito de disciplina e de dever militar, destruisse o governo de Washington, e se mancommunasse com meia duzia de advogados e de jornalistas para governar sem restricção alguma o povo norte-americano, julga o snr. Encarregado de Negocios que os seus compatriotas pensariam continuar a ter o *self government?* Um humorista dos Estados-Unidos poderia affirmar que este *self government* actual do Brazil basta para mestiços sul-americanos, a quem os homens do norte se referem sempre com orgulhoso desprezo, como se os povos da parte austral do continente fossem uma raça inferior, incapaz das altas virtudes que a liberdade exige, e que só florescem debaixo da bandeira estrellada. Mas o snr. Encarregado de Negocios, esse, se conhecesse a Constituição da sua patria e as doutrinas dos grandes homens, seus compatriotas, não deveria dizer que o governo absoluto de quatorze milhões de almas por um dictador omnipotente — é o *self government.*

O Governo Provisorio do Brazil não foi eleito pela nação; ninguem lhe conferiu a missão de legislar; e todavia este «simples agente temporario da soberania nacional» tem legislado com frenesi, tem alterado todas as relações sociaes, politicas e juridicas a seu unico e bel-prazer. O Czar tem o seu Conselho da Corôa, o Padischa dos Turcos tem uma especie de representação dos interesses nacionaes junto da sua pessoa. O generalissimo Deodoro e os seus escrevinhadores de decretos dispensam tudo isso e julgam-se, apesar de se intitularem ainda Governo Provisorio, com o direito divino de tudo innovar e inverter na organisação do paiz.

Apenas uma vez descobrimos entre os actos do governo a idéa de que o mesmo governo não póde fazer tudo. Tratava-se de dar uma subvenção a um theatro: e o ministro do interior declarou «que a natureza transitoria de um Governo Provisorio não lhe permittia occupar-se de assumptos d'essa especie». Bravo! é sempre agradavel vêr reconhecida a boa doutrina. O Governo Provisorio pôde dizer: — os individuos em taes

e taes condições são cidadãos brazileiros ou deixam de o ser; só podem ser eleitores e elegiveis os cidadãos taes e taes; a familia só ficará constituida legitimamente se o casamento se effectuar segundo as prescripções assignaladas pelo snr. Deodoro; as relações do Estado com a sociedade religiosa serão estas e aquellas; tal pedaço do territorio brazileiro ficará pertencendo á Republica Argentina; o thesouro brazileiro pagará tantos contos mais por anno de pensões vitalicias aos militares e aos amigos; o mesmo thesouro pagará todas as despezas que ordenarem os ministros sem que estes dêem explicações a pessoa viva; o exercito será elevado ao dobro; o regimen monetario e a organisação bancaria serão regulados pelo collega Ruy Barbosa; o ensino será dado d'este e d'aquelle modo; taes dias do anno serão santificados; o enthusiasmo nacional deverá sómente irromper com a solfa e os bemoes do hymno que o governo tiver approvado; as camaras municipaes não serão as eleitas pelo povo, mas as nomeadas pelo governo, e (reforma do mais alto alcance) hão de ser intituladas Intendencias, á hespanhola; haverá mais um Ministerio, o da Instrucção Publica e, conjuntamente, dos Correios, assumptos evidentemente connexos porque isto de livros e de cartas, afinal, tudo é papel; fica decretado e entendido que a historia do Brazil começou a 15 de novembro, e que Pedro Alvares Cabral e Pedro II nunca existiram; etc. etc. O «agente temporario da soberania nacional» pôde decretar tudo isto sem que o caracter provisorio e não representativo da sua natureza lhe fosse obstaculo. Agora, a subvenção a um theatro, isso é coisa differente! O assumpto é por demais grave, as suas consequencias de demasiado alcance, para que tão ponderosa questão fique resolvida pelo Governo Provisorio! Para este ponto ser decidido convem que a soberania immanente da nação se manifeste! Não disse o Encarregado dos Negocios do snr. Blaine, que para fazer essa solemne declaração ao snr. Deodoro se serviu com justo motivo de um agente diplomatico de quarta classe, que o Brazil está finalmente no gozo do *self government?*

Pois o Brazil, apesar do singularissimo *self government* de que está gozando no momento presente, tem a consciencia clara de que o supremo interesse da sua dignidade e da sua civilisação está hoje simplesmente em que esse *self government* absoluto-republicano seja extincto. Ha mezes, certamente o ideal de muitos brazileiros era a republica. A republica era para muitos a *outra coisa, a coisa* differente do que se tinha. Desejar a republica era aspirar simplesmente a uma mudança. A mudança effectuou-se, mas os males antigos cresceram e males novos surgiram. E já hoje de novo se começa a desejar *outra coisa.*

Os militares effectuando o *pronunciamiento* de 15 de novembro, para terem uma justificativa no paiz, necessitariam dar provas do seu desinteresse. O *pronunciamiento* do marechal Deodoro foi como quasi todos os *pronunciamientos* hespanhoes, venezuelanos, guatemalescos, peruanos e nicaraguenses, que a Europa não considera do dominio da Historia mas sim da Opereta. Todos os militares que tomaram parte n'esse *pronunciamiento* foram promovidos e o pret dos seus soldados augmentado. O acto de 15 de novembro não foi portanto um acto heroico: foi um bom negocio. Os ultimos *pronunciamientos* hespanhoes já não se revestiam d'este caracter de utilitarismo individual, traço que dominou o *pronunciamiento* brazileiro. A 3 de janeiro de 1874 o general Pavia, capitão general de Madrid, dissolveu as Côrtes Federaes. Mas tendo assim attingido a uma situação dictatorial que é o maximo dos sonhos mais caros a todo o Hespanhol, o general Pavia não quiz que por um momento o seu desinteresse fosse suspeitado, e em telegramma a todas as auctoridades hespanholas disse: «Em nome da salvação do exercito, da liberdade e da patria occupei o Congresso. Convoquei *os representantes de todos os partidos* que assim entrarão no *governo nacional* de que *eu não farei parte.*» E o general persistiu no seu proposito de não assumir o governo [1]. O general Martinez Campos, auctor principal do *pro-*

[1] Houghton: *Les Origines de la Restauration des Bourbons en Espagne*, pag. 111.

nunciamiento de Sagunto, que derrubou a republica de Serrano em 1875, recusou o titulo de tenente-general que lhe queria conferir o novo governo. E n'uma carta das mais dignas, dirigida ao ministro da guerra, diz: « O governo não deixa subsistir a menor duvida de que esta recompensa me é conferida por serviços antigos e *não é uma consequencia* do acto que tive a felicidade de executar. Nós, os iniciadores d'esse acto, tinhamos porém o compromisso de não aceitar nenhuma recompensa pela sua acção, recompensa que tornaria essa acção parecida com os mais *pronunciamientos que têm empobrecido e arruinado a nossa patria.* Tenho a honra de supplicar a Vossa Excellencia que se digne admittir a minha recusa do posto que se me quer conferir [1]. »

Na Hespanha fechava-se então, e em boa hora, para bem d'aquella infeliz nação, a dolorosa éra das revoltas militares, desgraça d'um generoso paiz que só o militarismo politico tem conservado excluido do numero das grandes potencias europeias. A dura lição da experiencia e o patriotismo esclarecido dos homens de Estado hespanhoes educaram e elevaram o espirito nacional; e ainda, ha poucos dias, vimos como a legalidade triumphou, vencendo uma tentativa parlamentar de *pronunciamiento* politico feita pelo general Daban, que se enganou julgando a sua patria menos civilisada, e pensando ser ella ainda a terra classica do General derrubador de governos.

O militarismo politico está porém no Brazil em toda a crueza do seu primitivo typo. O militarismo hespanhol tem ainda a consciencia confusa, porém verdadeira, da reprovação universal que attrahe sobre si: o militarismo politico do Brazil, esse, gloria-se de factos que os militares hespanhoes procuram disfarçar pela ostentação do desinteresse. O militarismo do Rio de Janeiro faz um *pronunciamiento;* e os seus chefes recompensam-se logo a si mesmos, assumindo o poder absoluto, conferindo-se pensões, subindo todos de postos pelos meios mais irregulares. E esse militarismo acha apologistas civis. Os actos

[1] Obra citada, pag. 393.

de indisciplina, o desrespeito da soberania nacional não provocam uma palavra de censura, um sentimento de indignação!

Os homens publicos do Brazil aprendiam outr'ora nas instituições parlamentares inglezas e no regimen livre dos Estados-Unidos. Hoje, os dictadores brazileiros estudam na anarchia da Colombia, nos annaes revolucionarios de Venezuela, nas chronicas lamentaveis dos maus tempos da Hespanha. Bem diz Houghton, e com perfeita applicação ao Brazil:

« Quando se ouve os militares e os homens politicos hespanhoes fallarem com desenvoltura de actos que parecem inauditos e inqualificaveis n'outros paizes civilisados, é licito acreditar talvez que a consciencia humana soffre eclipses e alterações devidas ao clima, ao meio, á raça, á hereditariedade, ao passado, ás tradições, aos precedentes; e que são esses eclipses que, em pleno seculo XIX, ainda dão em resultado o criterio politico e militar da nação hespanhola! » [1]

II

Os militares a quem o elemento civil republicano póde com verdade chamar

... socios meus e meus tyrannos

não quererão entrar no exame do que elles chamarão talvez « uma subtileza propria de paizanos rabulas », isto é, a questão de saber se haverá ou se não haverá no Brazil uma Assembléa Constituinte. Esta é no entanto a questão que discutem os ultimos jornaes do Brazil.

[1] Obra citada, pag. 105.

Os systemas para fazer adoptar uma Constituição são numerosos: querem uns que o Governo Provisorio decrete desde já uma Constituição qualquer, que a Constituinte terá o direito de emendar, cortando, alterando e accrescentando; outros pensam que é preciso deixar alguma coisa mais a fazer á Constituinte, e que uma corporação d'esse nome não terá nada que fazer se não constituir alguma coisa, ao menos uma Constituição. Ha, além d'esses, os que desejam que o Governo adopte um projecto qualquer, e que o sujeite a um plebiscito, devendo os eleitores declarar se aceitam ou se recusam o projecto ao mesmo tempo que elegerem os deputados de uma camara sem nome que poderá ser ou não será uma Constituinte. Se o plebiscito fôr favoravel ao projecto constitucional, os eleitos do povo se reunirão em legislatura ordinaria; se o plebiscito fôr contrario ao projecto, os eleitos do povo formarão uma Assembléa Constituinte que discutirá, e se puder votará, uma Constituição. Como tudo isto é simples e claro!

Não sabe pois ainda o povo brazileiro como nem quando ha de ser feita a lei que lhe vai regular a vida. O povo brazileiro só tem uma certeza; a de estar vivendo sob o dominio de militares que não ouviram o povo para mudar o governo do paiz, e de jacobinos que insultam o povo *bestificado* (como diz o ex-ministro Aristides Lobo) ou que francamente declaram que o povo não é capaz de eleger uma Constituinte decente, nem essa assembléa será capaz de cumprir a sua missão!

O radicalismo brazileiro, durante mais de sessenta annos, accusou o primeiro imperador de não ter tido a paciencia de esperar pela Constituição, que discutia em 1823 a Constituinte Brazileira. Os republicanos dos ultimos tempos tinham a affectação de chamar á constituição brazileira Carta Constitucional, e viam n'essa lei fundamental, que foi admiravelmente redigida pelos homens mais illustres do seu tempo e que o Brazil acclamou, não o resultado do consentimento nacional, mas a expressão da vontade individual do principe. O Governo Provisorio, esse, verdade seja, não tem impaciencia alguma de vêr bem depressa os direitos dos cidadãos salvaguardados por uma

Constituição. Uma Constituição será para o Governo Provisorio o fim do seu absoluto dominio; e o Governo Provisorio não tem pressa de morrer porque a vida tem para elle encantos e vantagens. Por isso afasta do seu espirito até o pensamento da data fatal em que, votada uma Constituição, os homens do absolutismo republicano terão de ceder o logar á vontade nacional. A Constituição de 1824 foi a expressão da vontade do Principe; a Constituição de 1890, que vontade exprimirá? Nada é possivel prevêr, ao cabo de seis mezes de omnipotencia dictatorial. Nem se póde mesmo saber se essa constituição sahirá de uma Assembléa — ou se sahirá da vontade absoluta do governo, homologada á pressa por um plebiscito feito sob o regimen de dictadura.

O Governo dictatorial alugou uma casa em Petropolis onde installou cinco cidadãos, dando-lhes o encargo de, ao abrigo do calor e na frescura da pittoresca cidade, redigirem um projecto de Constituição. No fim de alguns mezes a Commissão dos cinco tinha feito mais do que o seu dever; porque, tendo obrigação de apresentar um projecto, apresentou tres, que não são modelos extraordinarios de clareza, e que não terão muito prestigio desde que a critica descobriu em mais de um artigo graves attentados contra a grammatica. Isto porém é um pequeno lado de um grande assumpto. O certo é que, se a Constituição não fôr feita, não será por falta de projectos. E é possivel que o Governo Provisorio adopte qualquer dos tres projectos, ou que, amalgamando os tres, faça de todos um quarto projecto para o sujeitar, como dizem os jornaes officiosos, primeiro á discussão da imprensa, e depois ao plebiscito nacional.

O que serão porém n'esse caso o plebiscito e a discussão da imprensa — se essa discussão, e o consequente esclarecimento da opinião, são quasi impossiveis pelo amordaçamento da imprensa?

Esta contradicção causa espanto a todos que não conhecem a incongruencia caracterisca das dictaduras militares sul-americanas. O grande orgão republicano francez *Le Temps*, de 26 de abril, diz, ao terminar um artigo em que examina a theo-

ria do plebiscito constituinte preparado pela discussão na imprensa e o qualifica de *haute fantaisie politique:* «Não parece realmente extravagante que essa especie de omnipotencia constituinte conferida á imprensa possa conciliar-se, no espirito do Governo Provisorio, com as restricções que este impõe, por decreto, á mesma imprensa?»

A 29 de março o Governo Provisorio, que cada vez se sente mais querido do povo, mais forte e mais acclamado, julgou indispensavel para a sua segurança tomar de novo providencias contra a imprensa. O *Diario Official* de 23 de fevereiro declarára, em nome do Governo, estar a imprensa livre e desembaraçada de toda a restricção á sua liberdade. Ficou assim revogada a interpretação Bocayuva do decreto de 23 de dezembro cujas penas, segundo aquelle antigo jornalista e homem de Estado ainda fresco, deviam ser applicadas aos seus collegas culpados do crime de opposição ao Governo. Ao cabo de trinta e seis dias, o governo mudou de opinião pela segunda vez e lavrou novo decreto contra a imprensa. Não nos causou surpreza esse decreto vasado nos moldes usados em Venezuela e no Hayti. A dictadura republicano-militar tem as suas praxes e os seus estylos, em toda a parte identicos.

A proposito d'este decreto, um jornalista illustre do Brazil que, na esperança de vêr melhores tempos e com o temor de exacerbar os senhores do dia, tem revelado uma patriotica resignação á dictadura, atacou o escriptor que na Revista de Portugal defende a liberdade brazileira. O jornalista a quem nos referimos não escreve a favor da liberdade da imprensa: junta argumentos a favor da liberdade e do direito que o governo tem de se defender, mesmo quando essa defeza tiver de consistir n'um ataque á liberdade de pensamento. No desenvolvimento d'esta idéa o jornalista diz que — «mascarados, atacamos o Governo Provisorio a algumas mil leguas de distancia!»

Não julgamos com effeito praticar um heroismo escrevendo em favor da civilisação brazileira. Exercemos um direito, o mesmo direito que Hippolyto da Costa, nos tempos do despo-

tismo colonial, exerceu durante longos annos escrevendo de Londres o seu admiravel *Correio Braziliense*. Sabemos porém que o adjectivo *heroico*, e outros tão usados em certa imprensa, não são para os escriptores opposicionistas. Só é *heroico* quem está no poder; para ter o titulo de heroico é preciso dispôr de alguns empregos para distribuir. Não é, pois, heroico atacar de longe a dictadura. Agora, elogiar, incensar de perto sob o braço que póde punir, ao alcance da mão que póde recompensar, isso sim que é virtude, honra, gloria, coragem e patriotismo!

O jornalista, que tão corajoso se mostra e tão irritado está contra nós, colloca-nos entre os que «*visam ao fructo sem querer ter o trabalho de regar a terra com o seu esforço*», entre os que passeando pela Europa «*julgam ter mais bom senso e mais illustração*» do que os que estão no Brazil «*a trabalhar dia por dia, hora por hora, na obra de constituição da patria*»[1]. O jornalista é injusto. Não visamos a fructo algum, nem mesmo, como Guilherme Tell, a uma maçã; quem visa a fructos, para si ou para os seus, não offende o poder que dispõe dos preciosos fructos. O jornalista é ingenuo se julga ser dos taes que estava trabalhando na constituição da sua patria. O jornalista não está constituindo coisa alguma. A dictadura faz o que bem lhe apraz, não ouve os seus conselhos, nem precisa da sua collaboração. A dictadura delibera comsigo, resolve, decreta, executa: o jornalista que não deliberou, não resolveu, não decretou, não executou coisa alguma, limita-se a approvar: e depois, de muito boa fé, vem dar-se ares de estar a constituir a patria!

Assim, a 16 de setembro do anno passado, o jornalista escrevia contra a Federação e dizia: «O ultimo ponto a que a monarchia póde chegar, é a descentralisação administrativa; mas a centralisação politica é-lhe indispensavel, como *será á republica* emquanto estiver por fazer a educação do povo. Se o poder central não fizer sentir a sua influencia em toda a vasta

[1] *Gazeta de Noticias* de 31 de março.

extensão d'este paiz, se abandonar inteiramente á inspiração dos influentes locaes a orientação politica, chegaremos á impossibilidade de organisar um governo que dure seis mezes [1]. » Dois mezes depois, dia por dia, um general e mais sete cidadãos declaravam Federação republicana o governo do Brazil. O que fez o jornalista? Protestou? Não; approvou. Será isto collaborar na constituição da patria? O jornalista exercia real influencia n'outro tempo, quando a discussão era livre e a sua opinião pesava nas resoluções do governo. A dictadura porém faz o que quer; quiz a federação de que o jornalista é adversario, e o jornalista teve de applaudir. Nem discutiu. Talvez este seu silencio tenha como motivo a sua opinião sobre o povo brazileiro, opinião que destacamos ainda do notavel artigo de 16 de setembro: « Nós somos um povo de ignorantes e indifferentes; de que vale fallar a tal gente de reformas que não entendem, ou que ella pensa que não entendem directamente com o seu bem-estar, com a sua fortuna, com o seu socego, com a sua vida? »

O jornalista escreveu muitos artigos para mostrar que o ministro da fazenda da dictadura estava arruinando o credito e as finanças. O *Diario de Noticias*, jornal do ministro, agitou logo o espantalho do decreto de 23 de dezembro contra a imprensa. Sabe porém todo o mundo que interveio o Marechal Deodoro, e que declarou ao seu ministro da fazenda que se tratava de uma delicada questão de dinheiro de que elle dictador não entendia, e que era sua vontade, para se esclarecer, deixar á imprensa a liberdade de criticar as medidas financeiras. O jornalista usou d'essa permissão, que lhe recordou decerto os bons tempos da liberdade antiga. Conseguiu porém fazer diminuir de algum modo a illimitada confiança que o chefe da dictadura diz depositar no gestor dos dinheiros nacionaes? Não. O jornalista ha de no seu intimo reconhecer que não influe em coisa alguma. O jornalista disse, tratando do regimen do Conde

[1] *Gazeta de Noticias* de 16 de setembro de 1889. Artigo *Coisas Politicas*.

de Lippe applicado á imprensa pelo decreto de 23 de dezembro: «Pela nossa parte nunca nos sentimos coactos [1].» Vigorava então o artigo de fundo do *Diario Official* de 23 de fevereiro, declarando que a liberdade de imprensa existia em toda a sua plenitude, e o decreto de 29 de março parecia ao jornalista — «um desnecessario acto de paciencia do governo!»

Dias depois foi preso o snr. Pedro Tavares [2], redactor da *Republica*, de Campos, e trazido ao Rio de Janeiro. O jornalista, vendo que a dictadura passava das palavras aos actos, achou a coisa grave, e em novo artigo vem dizer que o decreto fôra um erro, e que o decreto velho de 23 de dezembro tinha dado em resultado que «questões importantes deixassem de ter durante algum tempo a ampla discussão que requeriam» [3]. Não insistamos. Deve ser realmente penosa sob o regimen da dictadura a vida de um escriptor publico liberal, digno, esclarecido e civilisado (e estes predicados são os do jornalista a quem nos referimos). Mas elle, se tem de ouvir os conselhos do patriotismo, de zelar a liberdade, de seguir a justiça, é dominado tambem pelo bom senso, que lhe murmura a todo o instante: — «Prudencia! Prudencia! Muita prudencia!» É difficil a situação de quem vive sob o imperio do arbitrario.

A 26 de março appareceram pregados nos muros do Rio de Janeiro uns cartazes impressos atacando a dictadura. Só um jornal da capital transcreveu o texto d'esses pasquins. As outras folhas fallaram d'elles como de um sacrilegio, de um d'esses crimes mysteriosos e inauditos que é perigoso até mencionar. Os cartazes eram, porém, muito republicanos: e a linguagem era a mesma dos oradores ambulantes do republicanismo nos tempos da monarchia, quando a eloquencia de botequim e

[1] *Gazeta* de 31 de março.
[2] Jornaes do Rio, de 2 de abril.
[3] *Gazeta* de 7 de abril.

os editoriaes das folhas da republica, que se estava preparando nos quarteis, usavam da liberdade que hoje perderam. Diziam os cartazes:

« Cidadãos:

« A patria está em perigo!...

« O governo vendeu-nos traiçoeiramente á Republica Argentina!...

« A perspectiva da nação é aterradora!...

« Os ministros esbanjam escandalosamente os cofres publicos e o filhotismo impera desassombrado!...

« Povo! ergue-te intrepido em face de taes acontecimentos e levanta o estandarte do patriotismo!

« Vivam os revolucionarios de 89!...

« Abaixo a Dictadura! »

O Governo Provisorio reconheceu o estylo de que usavam os seus membros quando eram simples jornalistas. A policia abriu uma devassa, effectuou varias prisões; e o delegado, n'uma curiosa linguagem, declarou que o facto « não encerrava nenhum perigo para a politica, parecendo-lhe antes *producto de um acto explosivo e irreflectido* » [1]. O que entenderá a policia da dictadura por um acto explosivo que produz cartazes nas paredes? [2]

O que o acto explosivo ajudou a produzir foi o decreto de 29 de março sobre a não-liberdade de imprensa, da pobre imprensa que o governo ora solta, ora prende, e intimida sempre.

Dias antes do decreto de 29 de março um grande jornal *O Estado de São Paulo*, do dia 26, estudava a questão da liberdade de imprensa. Esse jornal, que sempre foi republicano, encarava com esta tristeza e este desanimo a situação:

« Temos ou não temos liberdade de imprensa? »

[1] *Jornal do Commercio* de 2 de abril.

[2] Apesar d'esta declaração da policia um dos indigitados auctores dos cartazes foi condemnado a um anno de prisão com trabalho, sendo dois outros condemnados a penas menores. Pela primeira vez no Brazil depois de 1825 funccionou um tribunal militar para julgar um civil.

«Eis o problema que actualmente se impõe, de bom ou mau grado, a todos os espiritos.

«O simples facto do apparecimento de tal questão, de pôr-se em duvida a existencia da liberdade de pensamento sob o regimen democratico, em uma republica americana, é, só por si, motivo bastante para tristes apprehensões e sérios desgostos.

«Ora, essas duvidas têm fundamento. A promulgação do famoso decreto-rolha, de 23 de dezembro de 1889, que produziu o desapparecimento da *Tribuna Liberal* e o retrahimento, prudente ou medroso, da quasi totalidade dos jornaes; a intimação de silencio ou de commedimento ao velho jornalista C. von Koseritz; a suppressão por ameaças da parte dos governadores, da *Gazeta da Tarde,* no Rio Grande do Sul e do *Globo,* no Maranhão; a prisão do capitão Saturnino, redactor da *Democracia* [1], e o constrangimento corporal, a que tambem esteve sujeito, segundo constou, com ou sem verdade, o capitão Jayme Benevolo, em consequencia do artigo que escreveu contra o ministro do interior a proposito de negocios da intendencia municipal; esses factos, mesmo accitando-se as explicações official ou officiosamente dadas pelo governo, quando não representem violações do sagrado principio da liberdade de imprensa, provam, pelo menos, *que ella tem hoje, na republica, garantias menos seguras e menos efficazes do que as que lhe dava a monarchia.*»

A estes factos, que o orgão republicano de S. Paulo aponta, muitos outros podem ser accrescentados.

[1] Com a *Democracia* o Governo Provisorio teve de recuar porque tratava-se de officiaes do exercito. Segundo conta o editorial da *Gazeta de Noticias* de 7 de abril, no dia seguinte á prisão do redactor da *Democracia,* este jornal «inseriu um artigo assignado por outro official do exercito, cujo tom não era menos livre que o dos artigos mencionados, e constou que diversos outros officiaes se tinham inscripto para continuar no exercicio d'aquillo que elles consideram um direito, e que o governo parecia considerar um delicto».

Um advogado que tomou a defeza do capitão Saturnino Cardoso, que foi solto em vista da attitude dos militares seus collegas, lembrou que em 1887, quando o snr. Deodoro começou a escóla do *pronunciamento,* queria o mesmo snr. Deodoro que o militar tivesse toda a liberdade de escrever.

Em Pernambuco a policia fez rasgar todos os numeros do *Tribuno* [1], e supprimiu pelo mesmo modo violento os numeros da *Lanceta* [2]. Nas Alagôas o governador mandou intimar o proprietario do *Orbe* para assignar um escripto responsabilisando-se por tudo quanto d'ahi por diante imprimisse no jornal, sob pena de suppressão [3]; e no dia seguinte o delegado de policia, com força armada, invadiu a officina do *Orbe* e destruiu a typographia [4]. O snr. Fernando Mendes, redactor do *Diario do Commercio* do Rio de Janeiro, foi chamado á policia para se explicar e principalmente para lhe ser explicado que o governo não tolera opposições [5]. Igual intimação recebeu um dos redactores do *Correio do Povo*. De varios pontos do paiz chegam noticias do estado de coacção em que a dictadura põe a imprensa [6].

Eis o estado actual da questão da liberdade de imprensa no Brazil. O velho democrata snr. Christiano Ottoni, insuspeito á dictadura a quem offereceu os seus serviços [7], publicou uma brochura em que diz, referindo-se ao decreto de 23 de dezembro, agora fortalecido pelo de 29 de março: «Aquelle decreto restringiu a liberdade da imprensa e tornou impossivel toda a discussão politica. A censura a um acto do governo, a duvida sobre as intenções d'um seu agente, a defeza d'um official ou soldado, que ao escriptor pareça ter soffrido injustiça, quem ga-

[1] *Provincia*, de Pernambuco, de 13 de dezembro de 1889. O redactor do *Tribuno* protestando diz: «Em pleno dominio da Republica e em plena praça publica, a policia ataca cobardemente a liberdade da imprensa. Estou satisfeito. Já vi a obra da Republica na minha terra.»

[2] *Provincia* de 12 de dezembro.

[3] *Gazeta de Noticias* de 28 de março.

[4] *Diario do Povo* de Maceió, de 8 de março.

[5] Vid. editorial da *Gazeta de Noticias* de 7 de abril.

[6] De Aracajú (Sergipe) escrevem ao *Pequeno Jornal*, da Bahia, de 18 de março: «A imprensa não póde balbuciar uma palavra e só é permittido elogiar o governador; quando não, ahi estão os tenentes Avila Franco e Ivo do Prado para apontar o caminho de Fernando de Noronha áquelles que querem fallar um pouco mais alto.»

[7] *O Advento da Republica*, Rio, 1890, 8.º Vid. pag. 136.

rante que qualquer d'estes actos não será reputado provocação á indisciplina ou á revolta? *Que valor moral terá o pronunciamento das urnas realisado sob as ameaças d'aquelle decreto?* A primeira e a mais efficaz garantia da liberdade das urnas é a liberdade da imprensa e a imprensa está amordaçada [1].»

III

A dictadura militar e republicana importa para o Brazil a desmoralisação no interior e o descredito no estrangeiro. Os factos apresentados demonstram esta verdade lamentavel. A imprensa dos Estados-Unidos e a imprensa franceza, exprimindo os sentimentos e as idéas de democracia proprias ás duas

[1] Exemplos da liberdade de que goza a imprensa no Brazil, acham-se nos editoriaes do *Jornal do Commercio* de 18 de janeiro e 18 de fevereiro.

O primeiro, alludindo á questão de Missões, disse: «limitamo-nos a expôr os factos, não só porque... mas porque não temos analysado nem discutido desde certa data nenhum acto do governo; lamentando devéras, silenciosamente, não podermos applaudir algumas resoluções merecedoras de applauso». — A 18 de fevereiro: «... da serenidade com que a situação creada a 15 de novembro vai correndo, esperamos poder tirar a conclusão de que não tardará o dia em que seja revogado o decreto de 23 de dezembro».

«A certos artigos foi dada ultimamente interpretação tão lata, que a mais timida observação, a mais innocente phrase, segundo o capricho do momento, podia ser considerada provocadora de sedição.»

Eis a lista dos jornaes supprimidos por intimidação, por ordem expressa, pela evidencia, ou cujos redactores foram presos ou chamados á policia e advertidos:

Tribuna Liberal, a 24 de dezembro o ministro dos Negocios Estrangeiros declarou ao seu redactor que este, fazendo opposição ao governo, sujeitava-se ás penas de insurreição militar; *Folha da Tarde,* de Porto Alegre, supprimida; *Globo,* do Maranhão, supprimido; *Tribuno,* de Pernambuco, e *Lanceta,* do mesmo Estado, exemplares confiscados; *Orbe,* de Maceió, por ordem do governador destruida a typographia; *Republica,* de Campos, redactor preso; *Democracia,* do Rio de Janeiro, redactor preso; *Reforma,* de Porto Alegre, redactor chamado á policia e advertido; *Koseritz Blatte,* de Porto Alegre, idem; *Diario do Commercio,* do Rio de Janeiro, idem; *Correio do Povo,* do Rio de Janeiro, idem.

republicas, têm julgado com a maior severidade a dictadura e o militarismo revolucionario no Brazil. Uma revolução do povo póde ser uma coisa nobre e grande; uma revolução exclusivamente militar é, para os paizes civilisados e livres, uma monstruosidade.

Mais alto, porém, do que a imprensa falla a opinião insuspeita dos capitalistas. A desconfiança do capital, o retrahimento do credito são as provas mais evidentes da má reputação do militarismo revolucionario. Ha um mez, publicámos um quadro da depreciação soffrida pelos titulos da divida externa do Brazil depois da inauguração do absolutismo militar, especie de miguelismo sem padres e sem D. Miguel. Hoje completamos essa informação restricta, apresentando um quadro geral da depreciação, em Londres, dos fundos brazileiros de toda a especie cotados n'aquella praça. Por esse quadro, feito segundo as publicações officiaes do Stock-Exchange, vê-se que antes de 15 de novembro todos os titulos brazileiros cotados em Londres tinham o valor de £ 90.883.916, e que depois do estabelecimento do absolutismo este valor baixou a £ 75.069.620, seja uma depreciação total de £ 15.814.296. Isto quer dizer que o rebaixamento do credito brazileiro importou para os portadores dos titulos brazileiros uma perda de *cento e cincoenta e oito mil contos* de moeda brazileira, e uma destruição de valor correspondente a 17 $\frac{2}{5}$ % do valor anterior.

Pelo quadro que ora publicamos vê-se que depois de 15 de novembro todos os titulos brazileiros ficaram depreciados. Não foram só os titulos do governo; foram as acções e as obrigações dos caminhos de ferro, dos bancos, dos telegraphos, das companhias d'aguas, de gaz, de todas as emprezas brazileiras sem excepção d'uma só. E porque? É que o capitalista inglez, que é insuspeito porque não tem interesses politicos no Brazil, e se guia sómente pela verdade material dos factos, sabe que a propriedade diminue fatalmente de valor com a suppressão do regimen legal. O valor da propriedade e da moeda é a mais exacta medida da confiança que um governo inspira. Ora a propriedade estrangeira no Brazil diminuiu 17 $\frac{2}{5}$ % do seu valor e

o cambio brazileiro que estava a mais de 27, isto é, acima do par, cahiu a 20 $\frac{1}{4}$, o que corresponde a uma perda de mais de 25 %! Cada mil reis brazileiro vale hoje só setecentos e cincoenta reis. Os capitalistas inglezes não ignoram as circumstancias do Brazil; os homens influentes do mercado perfeitamente sabem como vão ahi as coisas financeiras. Os capitalistas de Londres não são conspiradores contra a Republica Brazileira; cidadãos d'um paiz livre, o absolutismo republicano ou monarchico é-lhes talvez repugnante, mas sobretudo têm experiencia e memoria; e na sua bolsa ha lembranças dos prejuizos que invariavelmente têm dado aos seus crédores *todos* os militarismos politicos da America hespanhola.

Eis o quadro demonstrativo da diminuição de valor em Londres dos fundos do Brazil desde que o regimen constitucional representativo foi substituido pelo absolutismo republicano:

Quadro da depreciação dos fundos brazileiros publicos e particulares em Londres depois do inicio da dictadura.

DESIGNAÇÃO dos EMPRESTIMOS e das EMPREZAS	CAPITAES E DIVIDAS EXISTENTES	COTAÇÃO anterior a 15 de novembro (maxima)	VALOR TOTAL anterior a 15 de novembro £	COTAÇÃO posterior a 15 de novembro (minima)	VALOR TOTAL posterior a 15 de novembro £	DEPRECIAÇÃO £
Brazil 1863 4 1/2 0/0	£ 72.800. .	102	74.256	90	65.520	8.736
Brazi 1879 4 1/2 0/0 Interno e externo (ouro)	MR 33.579.500. .	102 1/4	3.821.066 (*)	81	3 059.931	761.135
Brazil 1883 4 1/2 0/0	£ 4.248.600. .	103	4.376.058	78 1/4	3.324.530	1.051.528
Brazil 1888 4 1/2 0/0	£ 6.265.900. .	103 1/4	6.469.541	79	4.950.061	1.519.480
Brazil 1889 int. 4 0/0.	£ 11.250.000. .	cotado só no Brazil				
Brazil 1889 4 0/0 (conversão) . . .	£ 20.000.000. .	90	18.000.000	71 1/4	14.250.000	3.750.000
Alagoas Railway . .	£ 300.000. Acções de £ 20.	18 3/4	281.250	13	195.000	86.250
	£ 197.500. Debentures £ 100.	109 1/2	216.262	98	193.550	22.712
	£ 127.300. Acções de £ 20.	sem cotaçao				
Bahia e São Francisco	£ 1.800.000. Acções de £ 20.	25	2.250.000	14	1.260.000	990.000
Ramal do Timbó . .	£ 270.000. Acções de £ 20.	15 7/8	214.312	10 3/4	145.125	69.187
Brazil Great Southern C°.	£ 225.000. Acções de £ 20.	13	146.250	8	90.000	56.250
	£ 125.000. Acções de £ 20.	sem cotação				
	£ 59.500. Debentures de £ 100.	113 3/4	6.768.125	106 1/2	6.336.750	431.375
	£ 125.500. Debentures de £ 100.	114 1/2	14.369.750	106 1/2	13.365.750	1.004.000
	£ 242.000. Debentures de £ 100.	108 1/2	262.570	96	232.320	30.250
Imperial Bahia C° .	£ 580.612. Acções de £ 20.	108	627.060	78	452.877	174.183
	£ 374.048. Acções	emittidas no Brazil				
	£ 437.420. Debentures.	121	529.278	95	415.549	113.729
	£ 80.000. Debentures.	107 1/2	86.000	88	70.400	15.600
Imperial Brazilian Natal e Nova Cruz C°	£ 250.000. Acções de £ 20.	10 3/4	134.375	7 1/2	93.750	40.625
	£ 146.700. Acções de £ 20.					
	£ 302.900. Debentures de £ 100.	102	308.958	83	251.407	57.551
	Transporte.		58.935.111		48.752.520	10.182.591

(*) Moeda brazileira MR (milreis) reduzida a libras esterlinas.

DESIGNAÇÃO des EMPRESTIMOS e das EMPREZAS	CAPITAES E DIVIDAS EXISTENTES	COTAÇÃO anterior a 15 de novembro (maxima)	VALOR TOTAL anterior a 15 de novembro £	COTAÇÃO posterior a 15 de novembro (minima)	VALOR TOTAL posterior a 15 de novembro £	DEPRECIAÇÃO £
	Transporte. .		58.935.111		48.752.520	10.128.591
Campos e Carangola C°	M 6.000.000. Acções					
	£ 336.400. Debentures de £ 100.	107 1/2	361.630	98	329.672	31.958
Conde d'Eu C° . . .	£ 425.000. Acções de £ 20.	15 7/2	326.895	10	212.500	114.395
	£ 294.900. Debentures de £ 100.	105	309.645	93	274.257	35.388
Espirito Santo e Caravellas Navigation e Ry C°	M 2 000 000. Acções					
	£ 2.000.000. Debentures de £ 100.					
	£ 308.940. Acções de £ 20.	7 1/8	110.060	3 1/2	54.064	55.996
Donna Thereza Christina C°	£ 100.000. Acções de £ 20.					
	£ 291.600. Debenture de £ 100.	90	262.440	72 1/2	211.410	51.030
Great Western of Brazil C°	£ 20.000. .					
	£ 10.000. .					
	£ 300.000. Acções de £ 20.	21 7/8	328.125	16	240.000	88.125
	£ 306.250. Debenture.	126 1/2	387.406	104	318.500	68.906
	£ 165.000. .	116 7/8	192.844	100	165.000	27.844
Leopoldina C° . . .	£ 4.095.000. Acções de £ 20.					
	£ 1.530.000. Acções					
	£ 466.800. Debentures de £ 50.	56	522.816	50	466.800	56.016
	£ 1.978.900. Debentures £ 100.	106	2.097.634	93	1.840.377	257.257
Macahe e Campos C°	M 12.000.000. Acções.					
	£ 792.000. Debentures de £ 100.	105 1/2	835.560	93	736.560	99.000
Cantagallo branch .	£ 500.000. Debentures de £ 100.	100 1/8	500.625	95	475.000	25.625
Minas e Rio C°. . .	£ 1.000.000. Acções de £ 20.	27 1/4	1.362.500	20	1.000.000	362.500
	£ 671.400. Debentures de £ 100.	113 1/2	762.039	100	671.000	91.039
Minas Central C°. .	£ 150.220. Acções.					
	£ 30.000. Acções.					
	£ 15.720. Debentures.					
	Transporte. .		67.295.330		55.747.660	11.547.670

DESIGNAÇÃO des EMPRESTIMOS e das EMPREZAS	CAPITAES E DIVIDAS EXISTENTES	COTAÇÃO anterior a 15 de novembro (maxima)	VALOR TOTAL anterior a 15 de novembre £	COTAÇÃO posterior a 15 de novembro (minima)	VALOR TOTAL posterior a 15 de novembro £	DEPRECIAÇÃO £
	Transporte.		67.295.330		55.747.660	11.547.670
Porto Alegre e New Hamburg C° . . .	£ 88.300. Acções.					
	£ 154.000. Debentures de £ 20.	9 1/2	73.150	7 1/2	57.750	15.400
	£ 173.409. . .	103	178.705	89	154.415	24.290
Recife e San Francisco (Pernambuco) C°.	£ 1.200.000. . .	108 1/2	1.300.000	84	1.008.000	292.000
Rio Claro San Paulo C°	£ 450.000. Acções de £ 10.	13 5/8	613.000	10 7/8	489.375	123.625
	£ 600.000. Debenture.	103	618.000	100	600.000	18.000
Rio de Janeiro e Northern C° . . .	£ 137.500. Acções de £ 20.					
	£ 112.750. Acções de £ 20.					
	£ 250.000. Debentures de £ 100.	109 3/4	274.375	95 1/2	238.750	35.625
Grao Para.	£ 1.200.000. Debentures.	100 3/4	1.209.000	83	996.000	213.000
San Paulo e Rio de Janeiro C°. . . .	£ 600.000. Acções de £ 20.					
	£ 461.100. Debentures de £ 100.	112	516.432	100	461.100	55.332
	£ 142.600. Debentures de £ 100.	110 1/4	157.216	106 1/2	151.869	5.347
San Paulo C° . . .	£ 2.000.000. Acções de £ 20.	50 1/2	5.050.000	40	4.000.000	1.050.000
	£ 750.000. Debentures.	138	1.035.000	127	952.500	82.500
Sorocabana C°. . .	M 5 846.380. Acções					
	£ 191.250. Debentures de £ 50.					
Southern Brazilian Rio Grande de Sul C°.	£ 600.000. Acções de £ 20.	20 3/4	622.500	11 3/4	352.500	270.000
	£ 947.807. Debenture.	122 1/4	1.158.685	98	928.844	229.841
Western of San Paulo C°	M 16.753.230. Acções					
	£ 126.500. Debentures de £ 100.	112 1/2	142.312	108 1/4	136.936	5.376
Mogyana C°. . . .	M 9.140.000. Acções					
	M 1.400.000. Acções					
	£ 460.700. Debentures de £ 100.	106 3/4	491.797	99	456.093	35.704
London and Brazilian Bank	£ 625.000. Acções de £ 20.	22 1/4	695.312	17	531.250	164.062
English Bank of Rio de Janeiro. . . .	£ 500.000. Acções de £ 20.	16	400.000	12 3/4	318·750	81.250
	Transporte.		81.830.814		67.581.792	14.249.022

*

DESIGNAÇÃO dos EMPRESTIMOS e das EMPREZAS	CAPITAES E DIVIDAS EXISTENTES	COTAÇÃO anterior a 15 de novembro (maxima)	VALOR TOTAL anterior a 15 de novembre £	COTAÇÃO posterior a 15 de novembro (minima)	VALOR TOTAL posterior a 15 de novembro £	DEPRECIAÇÃO £
	Transporte. . .		81.850.814		67.581.792	14.249.022
Ceara Harbour Corporation.	£ 85 070. Acções de £ 10. £ 181.200. Debentures de £ 100	7 7/8	66.993	6 1/4	53.169	13.824
Rio de Janeiro (city)	£ 562.500	87 1/2	492.189	83	466.875	25.314
City of Santos. . .	£ 100.000	111	111.000	102 3/4	102.750	8.250
Emprestimo da Provincia de São Paulo	£ 779.700	105	818.685	91 1/2	713.425	105.260
Bahia Central Sugar C°	£ 196.300. Acções de £ 20. £ 45.000. Acções de £ 20. £ 136.200. Debentures de £ 100.					
Extract of Meat and Bide Factory. . .	£ 96.500. Acções de £ 5.	5 1/4	101.325	4 7/8	94.087	7.238
Cantareira Water Supply and Drainage of the City of San Paulo	£ 109.400. Debentures de £ 100 £ 350.000. Debentures de £ 100	108 1/2 104	118.689 364.000	103 3/4 92	113.502 322.000	5.187 42.000
City of Santos Improvement C° . .	£ 100.000. Acções de £ 10. £ 35.000. Acções de £ 10. £ 30.000. Debentures de £ 100.	14 1/2	145.000	12 3/4	127.500	17.500
North Brazilian Sugar Factories. . .						
Recife Drainage C°.	£ 50.000. Acções de £ 100 £ 73.500. Debentures de £ 100.					
Rio de Janeiro City Improvements C°.	£1.000.000. Acções de £ 25. £ 468.700. Debentures de £ 100.	36 7/8 106	1.475.000 496.822	26 98	1.040.000 459.326	435.000 37.496
Rio de Janeiro Flour Mills and Granaries C°	£ 250 000. Acções de £ 10.	10 1/4	256.250	9	225.000	31.250
Bahia Gas C° . . .	£ 100.000. Acções de £ 20. £ 20.000. Acções de £ 20. £ 30.000. Acções de £ 20.	27 1/2 25 1/4	137.500 25.250	20 5/8 25	103.125 25.000	34.375 250
Ceara Gas C° . . .	£ 30.000. Acções de £ 10.					
Para Gas C°. . . .	£ 166.870. Acções de £ 10. £ 4.065 Acções de £2.300. Debentures £4.900. Debentures	6	100.122	5	83.435	16.687
	Transporte. . .		86.539.639		71.510.986	15.028.653

DESIGNAÇÃO des EMPRESTIMOS e das EMPREZAS	CAPITAES E DIVIDAS EXISTENTES	COTAÇÃO anterior a 15 de novembro (maxima)	VALOR TOTAL anterior a 15 de novembre £	COTAÇÃO posterior a 15 de novembro (minima)	VALOR TOTAL posterior a 15 de novembro £	DEPRECIAÇÃO £
	Transporte . . .		86.539.639		71.510.986	15.028.653
San Paulo Gas Cº. .	£ 150.000. Acções de £ 10.	17 3/4	266.250	15	225.000	41.250
Brazilian Submarine Telegraph Cº. . .	£ 1.300.000. Acções de £ 10.	14 1/16	1.828.125	12 1/8	1.657.500	170.625
	£ 84.500. Debentures de £ 100.	104	87.880	101	1.657.500	170.625
	£ 75.000. Debentures de £ 100.	109	81.750	107	80.250	1.500
London Platino Brazilian Telegraph Cº	£ 383.480. Acções de £ 10.	» 109 1/2	» 109.500	» 100	» 100.000	» 9.500
	£ 100.000. Debentures de £ 100.					
Montevideo et Brazilian Telegraph Cº.	£ 83.140. Acções de £ 10.					
	£ 6.000. Acções de £ 10.	14 1/16	912.642	8 3/8	543.529	369.113
	£ 8.500. Debenture					
Western and Brazilian Telegraph Cº.	£ 973.483. Acções de £ 15.	7 5/8	205.768	6	161.916	43.852
	£ 202.395. Acçoes de £ 7 10/00.	7 1/8	192.275	3	80.958	111.317
	£ 225.000. Debentures A de £ 100.	109 1/2	246.375	106	238.500	7.875
	£ 225.000. Debentures de £ 100.	110	247.505	104	234.000	13.500
Pernambuco Water Cº	M 1.500.000 Acções					
	£ 91.600. Debentures de £ 100.	107	98.012	104 5/8	5.8	2.176
	£ 50.000. Debentures de £ 100.					
Brazilian Street Railway Cº. . . .	£ 99.200. Acções de de £ 2.	1 3/8	68.200	1 1/8	55.800	12.400
	£ 12.930. Acções de de £ 2.					
	£ 27.700. Debentures.					
	TOTAES		90.883.916		75.069.620	15.814.296

Este quadro demonstra minuciosa e indiscutivelmente que a dictadura arruina o credito do paiz no estrangeiro.

Não estão incluidos no quadro os titulos da Companhia do Gaz do Rio de Janeiro cotados em Bruxellas, o Banco Nacional, e mais duas emprezas de vias ferreas brazileiras cotadas em Paris. Esses titulos, como os de Londres, baixaram consideravelmente com grande prejuizo dos seus portadores e com grande desvantagem para o credito do Brazil. Os capitaes francezes, tão avultados e até ha pouco tempo tão arredados do Brazil, começavam a ser empregados em larga escala n'aquelle paiz: este movimento parou subitamente: d'aqui um damno incalculavel para o futuro industrial e financeiro do Brazil.

E como tem o ministro da fazenda da dictadura procurado remediar este descredito?

Este ministro, o snr. Ruy Barbosa, foi o auctor d'um decreto monstro relativo á organisação bancaria — decreto que devia fazer reviver no Brazil as aventuras financeiras de Law. Esse decreto, polvo gigantesco sahido d'um cerebro *surmené*, teve de ser amputado a grandes golpes, tal foi o alarido que provocaram os cem tentaculos do monstro intromettendo-se em todos os cantos do paiz. Os capitaes fabulosos attribuidos aos bancos creados pela dictadura foram reduzidos a menos de metade; e o grande Banco dos Estados-Unidos do Brazil, gloria do snr. Ruy Barbosa, reduziu á 50.000:000$000 reis o capital de 100.000:000$000 reis que aquelle ministro, com sua assignatura, annunciára á Europa haver sido subscripto em quatro horas. « O decreto bancario de 17 de janeiro, disse o snr. Ruy Barbosa, foi recebido no meio de applausos. » Chegaram os jornaes do Rio; e a Europa verificou que, á excepção de dois jornaes pertencentes a dois ministros, toda a imprensa havia condemnado essa extravagancia financeira. O systema Ruy Barbosa é o mais singular dos systemas bancarios que este seculo tem visto. O eminente economista Paul Leroy-Beaulieu estudou comparativamente no *Économiste Français*, de 22 e de 29 de março, o Brazil financeiro e a Republica Argentina. O sabio francez diz do Brazil, sob o dominio financial do snr. Ruy Barbosa:

«O Brazil tinha abusado menos do credito, o seu desenvolvimento era mais lento; e a sua situação seria menos grave se não tivesse havido mudança de governo e, sobretudo, se o Governo Provisorio não espantasse cada semana o mundo pelas resoluções as mais phantasticas e extravagantes (*abracadabrantes*) no que diz respeito aos bancos e aos monopolios.

«Os males do Brazil foram complicados por uma crise politica. Parece que no Brazil estão vendo as coisas em ponto demasiado grande. Fundam-se bancos com o capital de 200 milhões, de 300 milhões de francos, e mesmo mais, e esquecem-se, no Brazil, que o Banco de França não tem mais de 182 milhões de capital, e que a nossa segunda instituição de credito tem apenas 100 milhões de capital realisado. Um paiz como o Brazil não saberá o que fazer de bancos com capital de 200 ou 300 milhões. Estes estabelecimentos gigantescos deixam de ser bancos; elles não podem remunerar os seus capitaes pelas operações normaes e proprias dos bancos, isto é, pelo desconto, pelo desempenho do papel de caixa do commercio, servindo de transmissores de capitaes por conta alheia, e fazendo emissões em nome de terceiros. Estes bancos de capital enorme tornam-se necessariamente os *factotum* das tarefas e das emprezas as mais diversas e as mais aleatorias; emprehendem tudo ao mesmo tempo; tornam-se agricultores, industriaes; e vão ao encontro fatal das maiores difficuldades. Um banco, um verdadeiro banco, não é coisa feita para a utilisação industrial ou commercial dos recursos de uma provincia; essa é a missão das differentes Sociedades anonymas agricolas, industriaes ou commerciaes, cujo papel, de praso curto, o banco póde descontar com prudencia e discrição, e a cujas emissões de obrigações póde ainda o banco prestar o seu concurso sem comtudo, commetter a imprudencia, que logo seria castigada, de ligar o seu destino á sorte d'esses negocios.

«É tambem preciso (continúa o grande escriptor), que a dictadura cesse o mais depressa que fôr possivel no Brazil. Um Estado, como a Russia, póde viver debaixo de um governo absoluto, regular, porque tem uma organisação tradicional, e toda a

circumspecção e seriedade de uma administração bem baseada. Um Estado, porém, não póde viver por muito tempo sob uma dictadura improvisada, nas mãos de uns militares que não estando ligados por precedente algum, nem contidos por fiscalisação alguma, têm a mania de tudo innovar, ao acaso, ou sob a inspiração de concepções phantasiosas, bem ou mal deduzidas de uma escóla philosophica.»

O sabio economista, se conhecesse o modo pelo qual foi fundado o Banco dos Estados-Unidos do Brazil, não se limitaria a essas observações de uma justiça absoluta. O ministro confiou a uma banda de flibusteiros da finança todos os escandalosos privilegios de que ficou investido esse banco. A lista dos subscriptores apresenta nomes de individuos que não possuem nem a millionesima parte do capital que assignaram; e o applauso telegraphado para a Europa foi decerto o d'essa gente que, á sombra do snr. Ruy Barbosa, queria ganhar dinheiro vendendo os titulos que lhe tinham sido dados, titulos cujas entradas elles não tinham os meios de fazer, mas cuja venda lhes parecia segura porque o snr. Ruy Barbosa, pelos favores accumulados sobre o banco, tornava certa a alta d'esses titulos. Um jornal publicou a lista d'esses accionistas suspeitos [1]. E apesar de todas as

[1] O BANCO DOS ESTADOS-UNIDOS DO BRAZIL

FINANÇAS DO SNR. RUY BARBOSA

Já é, hoje, fidelmente conhecida a lista dos accionistas do Banco dos Estados-Unidos do Brazil.

A opinião publica póde agora sortear-se com segurança e fazer justiça aos contendores, que entraram no debate pró e contra o estabelecimento de credito, cuja fundação foi promovida pelo decreto de 17 de Janeiro e que o Sr ministro da fazenda declarou ser um grande serviço prestado ao paiz.

O estado da lista dos accionistas é necessario para confirmar e que temos dito e demonstrar ao Povo e ao Governo provisorio, que são inabalaveis outro fim senão evidencias e desproposito e a impopularidade do tal creação.

Divergemos entre de todo dar os parabens ao nosso paiz pela generosa iniciativa dos seus capitalistas, que não se prestaram e sacrificar o patriotismo ao espirito de ganho, pois recusaram-se a subscrever acções do Banco dos Estados-Unidos, apesar dos extraordinarios favores com que o decreto de 17 de Janeiro cumulou os bancos do seu systema.

O Sr ministro da fazenda terá ao estudo dessa lista criterio seguro para julgar os beneficios e, do futuro, S Ex com certeza, não se apressará em mandar telegraphar para a Europa como triumpho o que realmente não é senão a estrepitosa derrota, de um systema Bancario, que perturbou por mais de meio seculo as finanças da União Norte Americana e agora mesmo desbarata as finanças da republica Argentina.

Lista dos principaes accionistas do Banco dos Estados-Unidos do Brazil

Instituições fundadas e presididas pelo Snr. Mayrink:

	Acções
Banco Constructor do Brazil	150.000
Banco de Credito Real do Brazil	50.000
Camillo Martins Lage, *escrevo do Sr. Mayrink*	2.000
Domingos Siqueira Bittencourt, *director repartição de Construcção*	5.000
Eveblin Augusto Harper, *ordenador do S. da C. R. do Brazil*	1.000
Francisco de Paula Palhares, *corretor do Snr. Mayrink*	4.000
Antonio Ferreira Butler, *avô do corretor Palhares*	4.000
Pedro Aguiaga, *colleiro e genro do corretor Palhares*	2.000
Francisco de Faro Oliveira, *irmão do guarda-livros do Banco de Credito Real do Brazil*	2.000
Florencio José de Freitas Rais, *director do Banco Predial*	3.000
Gasper da Silva, *ajudante de guarda-livros do B. de C. R. do Brazil*	1.000
Dr. Roberto Augusto Ribeiro, *fiscal do B. de C. R. do Brazil*	1.000
José Alves Ferreira Chaves, *ex-director do Banco Predial*	1.000
José Ricardo Augusto Leal, *mestre d'obras do Banco Constructor*	5.000
João Pinto Ferreira Leite, *caixeiro do Snr. Mayrink*	5.000
João José Ferreira Junior, *socio do Snr. Mayrink na Estrada de Ferro Sorocabana*	5.000
Dr. João de Matta Machado, *director do Banco Constructor*	5.500
Joaquim de Mattos Faro, *director do Banco Constructor*	3.000
Luiz Augusto de Silva Canedo, *ex-director do Banco Predial*	1.000
Conselheiro Lourenço de Albuquerque, *chefe do consulado de B dos Estados-Unidos do Brazil*	1.000
Luiz de Faro e Oliveira, *guarda-livros do Banco de Credito Real do Brazil*	1.000
Manoel Teixeira da Silva Costa, *thesoureiro do Banco dos Estados-Unidos do Brazil*	1.500
Visconde de Assis Martins, *presidente do Banco Constructor*	3.000
Barão de Alto Mearim, *do Banco Constructor e do Credito Real do Brazil*	10.000
Manoel Francisco de Araujo, *porteiro do Banco dos Estados-Unidos*	6.243
	Rs 1.345

Familia do Sr. Mayrink:

Francisco de Paula Mayrink	20.000
José Ferreira da Rocha Paranhos	10.000
Diversos parentes	14.000
	74.000

Imprensa amiga do Sr. Mayrink:

Luiz de Andrada (*co-proprietario do Diario de Noticias*)	1.500
Antonio de Azevedo (*co-proprietario do Diario de Noticias*)	1.500
Jos. de Souza Magalhães (*co-proprietario do Diario de Noticias*)	1.500
Francisco Guilherme dos Santos (*proprietario do Novidades*)	1.500
Somma	6.000

Amigos:

José Antonio de Araujo, *solicitador do escriptorio do Sr Ruy Barbosa*	1.000
Luiz Mendes Ribeiro e sua senhora	2.000
Luiz Braga Junior (*gerador da organisação*)	1.100
HERMANO JOPPERT (*representando a opulenta nacional e estrangeira*)	50.000

Vê, pois, o Sr ministro da fazenda que a somma de 405 mil acções foi toda ella subscripta pelos bancos fundados e presididos pelo Sr Mayrink; por seus capitalista, seus parentes, empregados, raros amigos e varios homens de palha.

S. Ex. mandou declarar pelo *Diario Official* de 30 de Janeiro:

> «A creação do Banco dos Estados-Unidos do Brazil foi objecto de muito detido estudo; FORAM CONSULTADOS TODOS OS REPRESENTANTES DOS INTERESSES REAES DO PAIZ em numerosas banqueiras, cujo espirito está isento das considerações de interesse pessoal; foi a comprehensão verdadeira dos interesses geraes do paiz, sinda mesmo em opposição a alguns interesses particulares, o unico objectivo que o governo teve em vista.
>
> «Postas ordeiros, julgo e governo encarado e defina de seu acto.
>
> «Que mesmo se arreda da grita dos interesses contrariados, que, procurando transviar o espirito, tem, ora com mil fé, ora com ignorancia palpavel de exemplo, anarchisado a discussão, procurando contra o Banco dos Estados-Unidos do Brazil uma guerra desleal, cuja victoria seria a derrota dos legitimos interesses do paiz em beneficio de certeiro de meia duzia de especuladores.»

Entretanto S. Ex. depara agora com esta lista de accionistas, na qual escasseiam os nomes dos representantes dos interesses reaes do paiz e as vagas são preenchidas pelos jornalistas, que mais se extremaram na defesa do Banco dos Estados Unidos do Brazil, por empregadas deste o de outros bancos do Sr. Mayrink e até pelo solicitador do antigo escriptorio de advocacia do Sr. conselheiro Ruy Barbosa.

Como contra-prova de monstruosidade de semelhante organisação vieram os factos.

A pressão da praça, apesar de uma operação que devia, pela compra de apolices, dar-lhe folga com descontos, fez pender em que, provavelmente, os titulos da divida publica haviam sido empregados por letras, e prazo, e d'ahi não haver affluido, aos bancos, a numerario de que tanto carecia o commercio.

Ao mesmo tempo, sabia-se que o deposito havia sido feito ao Banco do Credito Real, e que importava uma enorme perplexidade, havendo quasi a certeza de que não entrou para lá um real.

Para onde se escoaram os dois por cento do novo banco, que d'elles não carecia, porque tinha emissão propria, em troca dos titulos?

Publicada agora a lista dos accionistas entre o espirito publico um mais vasta serie de duvidas, principalmente depois que foi permittido á arithmetica de banco demonstrar que cada haria mais claro de que ser indifferente tirar 10 °/o dos lucros brutos ou 2 ½ °/o trimestraes do lucro liquido.

Não queremos tirar todas as conclusões que, naturalmente, acordam no espirito, meditando sobre a lista dos portadores de acções do Banco dos Estados Unidos do Brazil.

Elle por si só basta para demonstrar ao Sr ministro da fazenda que foi victima de uma miragem, por aquelles que o deslumbraram com calculos phantasiosos, e gabaram-se de posse de elementos, de que não dispunham.

O novo banco, por mais que fosse o esforço dos seus organisadores, era inviavel, como está, hoje, palmarinamente provado.

O Sr. ministro da fazenda foi grosseiramente enganado; e camisão do patriotismo aconselhou a abandonar, enquanto é tempo, o malsinado systema, este alias, sempre praticado em beneficio da carteira de alguns especuladores.

Para quem tiver duvidas sobre a veracidade da lista dos accionistas, fica á disposição do publico, no escriptorio da "Cidade do Rio"—Rua do Ouvidor n. 74, a Certidão de Junta Commercial.

promessas, tal é o descredito da dictadura, que esses titulos ficaram, e ainda estão, sem cotação na praça do Rio de Janeiro. A dictadura não ousou ainda fazer baixar um decreto obrigando o capitalista a comprar por bom dinheiro e com premio os titulos que os amigos, socios e collegas de redacção, tinham obtido de graça.

A gente que o cercava, que o lisongeava para fazer valer a influencia do «poderoso amigo» [1], e ajudava a injuriar a monarchia cuja politica elle sempre defendera quando deputado, (pois o snr. Ruy Barbosa foi sempre deputado ministerialista e até *leader* do ministerio escravocrata do snr. Martinho Campos, sendo opposicionista na camara sómente de 6 de maio de 1885 a fins de setembro do mesmo anno); a confiança illimitada do Dictador que, em signal de apreço, o havia declarado seu herdeiro em caso de morte, transmittindo-lhe a dictadura como se tratasse de uma propriedade particular; as costumadas *manifestações* que no Brazil todo o ministro recebe dos seus subordinados e dos que dependem do seu ministerio [2] — tudo isto deslumbrára o financeiro da dictadura. Nada lhe parecia impossi-

[1] O snr. Ruy Barbosa tinha como secretario e nomeou fiscal da emissão de um banco um individuo que a camara municipal do Rio tinha despedido d'entre os seus empregados, por desvio de dinheiros municipaes. O Marechal Deodoro ordenou ao ministro que se desfizesse d'esse collaborador e foi obedecido, cessando assim o contacto official entre o dito individuo e o ministerio da fazenda.

[2] Os jornaes publicaram o seguinte, com a assignatura da gente do banco dos Estados-Unidos do Brazil:

Manifestação de apreço ao conselheiro Ruy Barbosa

«Tendo-se resolvido adiar a reunião convocada para o dia 25, por ser dia santificado, a commissão abaixo assignada convida a reunirem-se, no dia 2 de abril proximo no salão do club de engenheria, ás 3 horas da tarde, todas as pessoas que receberam listas para agenciar os donativos em favor da manifestação projectada ao eminente cidadão dr. Ruy Barbosa. — *Francisco de Paula Mayrink*, presidente; *Manoel José da Fonseca*, vice-presidente; *Carlos Augusto de Miranda Jordão*, thesoureiro; *Luiz Plinio de Oliveira*, 1.º secretario; *Paulo Ferreira Alves*, 2.º secretario.»

Dias antes da revolução o commercio do Rio tinha votado uma estatua ao visconde de Ouro Preto.

vel. Ficou mesmo assentado que o retrato do snr. Ruy Barbosa figuraria nas novas notas do banco, facto que lembra o que se passou entre Rosas e a Honrada Sala dos Representantes, em 1840, quando essa corporação luctava com o Dictador Argentino, acclamado *Gran Mariscal*, para que elle consentisse em que a sua effigie fosse cunhada nas moedas da Republica Federal.

O clamor dos direitos e dos interesses offendidos cresceu porém terrivelmente; e o ministro teve de deixar cahir aos pedaços o seu famoso decreto e o seu estupendo banco, cujo capital, de reducção em reducção, chegou á metade nominal da quantia primitiva, a uma tenue sombra de banco, sustentado á força de sacrificios pelo Thesouro Nacional. Robert Macaire anda por isso de crista cahida.

Cedamos n'este ponto a palavra a um jornalista brazileiro, que qualifica a sobrevivencia d'esse banco de *Magica Financeira:*

«A leitura do balancete do Banco dos Estados-Unidos do Brazil, publicado ante-hontem, produz uma tal impressão, que se chega a pensar que o que alli está é um escarneo feito ao bom senso publico, ou então que aquillo é obra dos inimigos occultos, a que tantas vezes se refere o *Diario de Noticias*, que andam á espreita de occasiões para comprometter o nosso credito na Europa.

«N'estas questões de dinheiro não é licito andar a inventar modas; e se as circumstancias de momento, as influencias de meio, para que tanto se tem appellado, permittem que até certo ponto se modifique o que é aceito e assentado no mundo inteiro; se permittem que, em vez de exigir augmento de garantias, como se faz nos Estados-Unidos, se diminua aquellas que mesmo as nossas leis anteriores exigiam; não se deve levar o favor a ponto de consentir que, com o capital de um banco, se faça o milagre que fez o Christo com o pão e o peixe.

«Pelo que se sabe, o Banco dos Estados-Unidos, que se instituiu com o capital de 100.000:000$000 de reis, e que ainda o annuncia, apesar de ter sido reduzido por decreto a

50.000:000$000 reis, só chamou uma entrada de 10 %, isto é, 10.000:000$000 reis; é esta a cifra que consta do recibo de deposito passado pelo Banco de Credito Real. De então para cá, não se fez outra chamada, nem as acções obtiveram cotação na praça, porque para isso era preciso que tivessem 20 % realisados. No entanto, o balancete publicado diz no activo que o saldo de entradas a receber é de 60.000:000$000 reis, como se 40.000:000$000 reis tivessem sido recebidos.

«Evidentemente, estes 40.000:000$000 reis figuram no balancete para explicar o deposito de apolices no Thesouro, no valor de 39.321:000$000 reis, apolices sobre as quaes o Thesouro já entregou ao Banco notas em igual valor; mas n'este caso, o que se devia lealmente dizer não era que os accionistas tinham realisado entradas no valor de 40.000:000$000 reis, o que é evidentemente inexacto, mas sim que o Thesouro fez ao Banco mais este novo favor, de não inquirir da procedencia das apolices que elle deposita, de não querer saber se ellas estão pagas por quem quer que seja, ou foram compradas a praso, para serem pagas com as notas emittidas, e de permittir que o Banco, emittindo notas sobre o valor das apolices que deposita, venha a emittir realmente o quadruplo do seu capital realisado.

«E como se isto não bastasse, ainda figura no passivo do Banco a verba de 13.579:679$170 reis de credito que lhe fez o Thesouro; isto é, o Thesouro emprestou ao banco mais tres mil quinhentos e tantos contos do que é o seu capital realisado. Este, que, como dissemos, é de 10.000:000$000 reis, responde por 23.503:000$000 reis de notas já emittidas, isto é, mais do duplo do seu valor, e o Thesouro já lhe deu o direito de emittir até o quadruplo.

«Temos visto sustentar pelos defensores anonymos do banco a estranha theoria de que o Thesouro nada tem que vêr com o modo por que este obtem as apolices; desde que ellas estão no Thesouro, a emissão está garantida. Perfeitamente quanto aos portadores das nótas, que apenas perderão a differença entre o preço por que ellas forem compradas e o par, ou

a differença entre este e o preço por que ellas forem vendidas; mas de onde sae o dinheiro para pagar as apolices? dos accionistas? mas a responsabilidade d'estes cessa desde que as contas sejam approvadas, segundo a nova lei de sociedades anonymas, e quando não cessasse, quem leu a lista nominal d'elles deve lembrar-se que cêrca de dois terços não póde responder pelo compromisso que assumiram.

« Não se trata de um estabelecimento qualquer que, se fizer maus negocios, será o unico a soffrer. O Banco dos Estados-Unidos foi creado em virtude da reforma financeira, planeada pelo snr. ministro da fazenda, e em suas transacções está envolvido o credito do Estado.

« Nunca, em parte alguma do mundo, se permittiu que um banco emittisse sobre titulos de divida publica mais do que o valor nominal d'elles; em toda a parte em que funccionam taes estabelecimentos, na America do Norte, onde estas coisas são tomadas a serio, e onde ainda assim têm havido consideraveis fracassos, a emissão é inferior ao valor nominal dos titulos, e o numero d'estes inferior ao capital realisado; aqui passou-se sobre isso, permittiu-se que o banco emittisse até o valor nominal dos titulos; mas o que não se permittiu expressamente e está sendo tolerado de facto, é que a emissão seja tantas vezes superior ao capital realisado quantas o permittir o jogo de escripta de dois ou tres bancos, que se associaram para fazer estas multiplicações phantasticas de dinheiro, inundando a praça com as notas representativas d'essa magica financeira.

« Que ao menos isto se regularise, e que um decreto declare terminantemente que não ha proporção a guardar entre o capital do banco privilegiado e a sua emissão, e que com os seus dez mil contos, depositados no Banco de Credito Real do Brazil, o Banco dos Estados-Unidos póde emittir cincoenta mil, até que se lhe permitta emittir cem mil ou mais.

« Uma vez iniciado este systema de fabricar dinheiro, não ha razão para que se pare, e quem vier atraz que feche a porta.

« Sómente, parece que toda a gente anda esquecida de que na Europa os crédores do Estado, os crédores de hontem, que

são tambem os homens com quem contamos hoje e ámanhã para nos podermos desenvolver, sabem lêr cifras, e é de crêr que interpretem mais severamente do que nós o fazemos as irregularidades extravagantes denunciadas por este balancete [1]. »

O que acima fica dito mostra a espantosa organisação bancaria creada pela dictadura. Nos tempos da liberdade parlamentar no Brazil, um ministro que tão caprichosamente dispuzesse assim do dinheiro do Thesouro cahiria debaixo da condemnação inevitavel da representação nacional. Hoje, supprimida a liberdade e installado o absolutismo, não ha recurso algum contra um ministro cujos actos, pela sua inconsequencia, seriam sómente do dominio do theatro comico se alguns d'elles não roçassem pelo codigo criminal. A dictadura póde suster a execução das leis, deixar de lado o codigo. Não póde porém conter a risada universal.

Infelizmente, nem essa hilaridade póde ser permittida desde que se reflicta sobre os males que freneticamente vai causando ao paiz a inconsciencia dictatorial. A dictadura, que detem brutalmente a marcha progressiva do paiz, ainda mesmo sem os decretos bancarios do snr. Ruy Barbosa, arruinaria as finanças brazileiras pelo augmento de despezas feitas sem calculo, sem orçamento, sem regra, sem limite — e não ousamos dizer sem auctorisação legislativa, porque escarneceriam de nós os defensores interessados do absolutismo dominante. As pensões a militares e, de vez em quando, a alguns civis, enchem columnas e columnas do *Diario official;* as commissões a amigos tanto no Brazil como no estrangeiro, as gratificações, as aposentadorias, succedem-se sem conto. Nos Estados, os governadores, depois de dissolvidas as assembléas provinciaes, lançam impostos indiscriminadamente. As camaras municipaes eleitas foram substituidas por intendentes nomeados pelo go-

[1] *Gazeta de Noticias* de 10 de abril.

verno; e estes funccionarios decretam impostos novos. Assim está no Brazil obliterada a noção primordial do governo entre os povos civilisados, isto é — de que só o povo, por meio dos seus representantes, tem a faculdade de crear impostos!

A dictadura não se limitou no Brazil a atacar a liberdade do pensamento, e a apoderar-se da fazenda publica com detrimento do credito e da fortuna nacional. A usurpação do poder, por meio da revolta da tropa, teve como consequencia o desprestigio do direito e a insolencia da força — da força com todos os delirios que lhe dá a consciencia da propria injustiça.

A liberdade, a dignidade das pessoas não tem sido mais respeitada do que a expressão individual do pensamento e o dinheiro dos cidadãos.

Não recordaremos as barbaridades do Maranhão, mencionando o facto do governador de Sergipe mandar prender cincoenta e duas pessoas, mettel-as no vapor *Estrella*, e deportal-as para o Rio de Janeiro, onde ficaram presas a bordo [1]. Diariamente, no Rio de Janeiro e no interior occorrem casos de insubordinação, de violencias e de brutalidades praticadas por soldados contra cidadãos desarmados. Os soldados invadem os carros publicos e n'elles transitam armados sem que os conductores ousem pedir-lhes o preço das suas passagens; frequentemente insultam os passageiros; esses insultos por vezes partem dos officiaes. Não ha um só jornal do Rio de Janeiro que não traga noticia de alguma altercação em que o militar figura sempre como provocador, e d'onde o civil sae brutalisado, espancado, muitas vezes preso. Os superiores, como observa o *Diario da Manhã*, de Santos, nos ultimos dias de março, dão sempre razão aos seus subordinados — o que não faz senão augmentar a insolencia do soldado, seguro assim da impunidade.

[1] *Gazeta de Noticias, Jornal do Commercio, Cidade do Rio, Democracia* de 28 de março.

Aquelle jornal faz esta dolorosa observação, ao noticiar que um cidadão tinha ido ao escriptorio da redacção mostrar as feridas e contusões que, a golpes de espada, lhe fizera um soldado, de quem a victima se fôra inutilmente queixar ao commandante. A leitura dos jornaes da provincia revela mil factos [1] de indisciplina, de que poderiamos fazer uma longuissima lista, provando que o mais claro dos direitos conferidos ao cidadão brazileiro pela dictadura é o direito de ser impunemente espancado. As rixas succedem-se ás rixas e aos disturbios; as tropelias da policia associada aos soldados aterrorisam a população pacifica; e nunca os jornaes que noticiam os crimes podem accrescentar que o criminoso foi preso. O soldado domina tudo, a começar pelos seus superiores que não ousam pôr cobro aos desatinos de uma insubordinação que vai fazendo em pequeno o que alguns chefes fizeram em grande, iniciando no Brazil o *pronunciamiento* militar.

IV

Será preciso mais uma vez resumir os factos caracteristicos da situação do Brazil?

Vimos que a liberdade de pensamento está coacta na sua expressão; que a fortuna publica está á mercê de todos os azares de um governo que a ninguem presta contas; que a lei suprema da segurança individual é desrespeitada pela violencia militar.

Accusar estes males, lamentar essas desgraças, não é desacreditar o Brazil. Os que desacreditam o seu paiz são os que perpetram actos capazes de dar ao estrangeiro e á posteridade uma idéa atroz da civilisação brazileira no seculo XIX. Um *pronunciamiento* militar é para a reputação de um paiz serio a

[1] Vid. *Gazeta de Noticias* de 8 de abril.

maior desgraça que lhe póde advir. Para os povos de civilisação adiantada, mesmo na America Latina, para o Chile e para a Republica Argentina, de hoje, esta simples menção de — revolta militar — é intoleravel. A Hespanha envergonha-se dos seus *pronunciamientos;* e hoje, na Europa, apenas entre os pequenos estados semi-barbaros dos Balkans uma revolta militar é possivel.

A concentração de todos os poderes nas mãos de meia duzia de individuos, renovando o absolutismo, n'um paiz que já tivera o constitucional representativo, é um retrocesso fatal na civilisação politica.

Os responsaveis por essa usurpação são os que na verdade desacreditam a sua patria; e não o fazem por palavras, que afinal são palavras, mas por actos proclamados ao mundo inteiro. Graças a esses homens, o patriotismo brazileiro nada terá que responder quando algum estrangeiro equiparar o Brazil aos peores e aos mais desacreditados dos paizes hispano-americanos. Os que protestam contra as monstruosas anomalias do absolutismo pseudo-republicano, não desacreditam o Brazil: os sectarios da dictadura militarisada esses são os grandes diffamadores e os destruidores do bom nome da patria.

Sem armas e tranquillo, o brazileiro vivia á sombra das leis. O que poderia elle fazer quando uma parte do exercito resolveu servir-se, contra a liberdade, das armas recebidas da nação para defeza da honra nacional e das livres instituições juradas? Um povo todo entregue aos trabalhos da paz não póde reagir contra a força armada. Qualquer povo da terra soffreria a mesma violencia supportada pelos brazileiros no dia em que lhe foi imposta a dictadura por um exercito que, de boa fé, julgando fazer a republica, não estava senão a crear o despotismo. Os directores do exercito, installados no Rio de Janeiro, deixaram-se logo deslumbrar pelas vantagens pessoaes que entreviam na revolução, e dando-se logo a si todas as promoções e todos os altos postos, enganavam as provincias para onde telegraphavam que o Imperador partira recebendo cinco mil contos, e que o rei de Portugal e o Papa tinham mandado

comprimentar o dictador Deodoro [1]. Os republicanos, que conduziram um general á dictadura dizem hoje, cheios de si, que os *militares foram o braço mas nunca a cabeça, que creou o movimento do dia 15* [2]. A acclamação da dictadura não podia ser impedida pelo povo; e a verdade é que a maioria do exercito não a póde approvar. No Rio Grande do Sul, um dos mais brilhantes e bravos officiaes do exercito brazileiro, o coronel Manoel Luiz da Rocha Osorio, herdeiro da tradição gloriosa do general Osorio, exprimiu-se com toda a patriotica altivez do soldado que comprehende a sua missão n'um paiz culto e livre. Eis o que elle diz no final da Ordem do dia de 18 de novembro ao entregar ao seu successor o commando da fronteira de Bagé:

«N'este momento, e em face dos acontecimentos politicos que tiveram logar no Rio de Janeiro no dia 15, devo tambem á guarnição de Bagé uma solemne declaração que guardarei

1 Vid. jornaes do Rio Grande do Sul e do Pará, da segunda quinzena de novembro.

2 *Vida Fluminense*, transcripção da *Gazeta de Noticias* de 13 de março. Diz mais esse artigo, escripto antes de 29 de março, data do segundo decreto contra a imprensa:

«O que tem havido desde o dia 15 de novembro é outra coisa muito differente de republica, da boa e honesta republica que ambicionavamos.

«O ideal republicano está falsificado, cruel e atrozmente falsificado, e a republica não existe.

«Por emquanto, o que tem havido são scenas quasi burlescas de promoções por acclamação, antecipadamente preparadas com todos os *ff* e *rr*.

«Eis o que tem sido a republica até hoje.

«Não, senhores, definitivamente não é sério o que se faz, e nós temos o direito de procurar a republica, porque a republica não existe, porque a republica não se fez.

«O que se fez foi um arranjo de familia, que é preciso acabar a bem da moralidade administrativa e publica.

«Não é com acclamações, nem com accusações injustas a este povo de carneiros, taxando-o de ingrato, como fez o snr. ministro da guerra, que se reorganisa politicamente uma sociedade.

«O que se tem feito até agora nada mais tem sido que promoções de militares, *que foram o braço, mas nunca a cabeça, que crearam o movimento do dia 15.*»

como um compromisso sagrado: se o exercito e a armada, no posto de honra em que se collocaram, em logar de esperarem o santo e a senha dos nossos concidadãos, tiverem a anti-patriotica pretensão de governar a Patria querida pela força dos seus canhões, das suas bayonetas e das suas lanças, o coronel do 5.º regimento de cavallaria, deixará de ser soldado para ser cidadão [1]. »

Para honra do exercito do Brazil póde-se affirmar que estas nobres palavras hão de encontrar echo entre os defensores da patria brazileira. A dictadura não ha de ser eterna. Rosas dominou em Buenos-Ayres de 1829 a 1851. Mas n'essa data o exercito brazileiro destruiu o poder do Gran Mariscal.

O Brazil não soffrerá por tanto tempo a confiscação da liberdade constitucional pela dictadura.

Tomada a situação tal qual a violencia a creou a 15 de novembro, aceita a suppressão da monarchia por toda a parte, como não se cansa de proclamar o Governo Provisorio, — para que serviria com effeito a prolongação da dictadura?

A immediata consulta á nação seria o primeiro dever dos responsaveis pela revolução.

Mas o Governo Provisorio desde logo repelliu a idéa de entregar o poder aos representantes do paiz. Alliado á classe militar, o partido republicano não quiz organisar um governo nacional. Quiz organisar um syndicato: o exercito entrou com a força, o partido republicano entrou com o seu pessoal de escriptores capazes de redigir decretos, de ter idéas novas, etc. etc. Os lucros, isto é, os empregos, os postos elevados, as commissões, os ordenados, as honras são proventos divididos entre os dois socios. A maioria da nação limita-se a pagar.

O que esperar d'esta organisação? Os dois socios terão um dia de divergir. Os despojos a dividir têm um limite; os appetites, porém, não conhecem medida. Terá o exercito a parte do leão, porque afinal elle é a força?... Póde ser tambem que

[1] Nenhum jornal do Rio de Janeiro transcreveu dos jornaes do Rio Grande esta Ordem do dia.

outra fabula venha a realisar-se: a do cavallo que querendo vingar-se do cervo se deixou cavalgar pelo homem. O caçador correu o cervo e matou-o; mas o cavallo ficou escravisado. O exercito, para vingar-se dos ministros da monarchia, prestou-se aos desejos dos republicanos; corridos os ministros e morta a monarchia póde ser que a astucia vença a força, e que o exercito, domado e domesticado, seja tratado pelo partido que d'elle se serviu para ganhar o poder, como o cavallo é tratado pelo homem.

Emquanto não se desenlaça a situação, o estado do Brazil é bem lamentavel, sobretudo bem incerto!

Só o Sultão de Marrocos, segundo publicam os jornaes do Rio, parece estar bem informado das tendencias da dictadura, naturalmente sympathica ao seu coração sultanesco. Nos ultimos jornaes lê-se a carta pela qual, em nome de Sua Magestade Cherifiana, o vizir Mohammed el Meddel ben Mohammed el Gharrit reconhece o governo do poderoso generalissimo Deodoro da Fonseca. O vizir barbaresco abraça o dictador brazileiro sentindo n'elle um irmão. Só Deus na verdade é grande!

Frederico de S.

Supplemento ao numero de Abril de 1890 da REVISTA DE PORTUGAL

ANNUNCIOS

Preço: 200 reis a linha de trinta e quatro letras no typo do corpo da REVISTA

Os annuncios devem ser dirigidos aos administradores Lugan & Genelioux, no Porto e aos agentes: em Paris, Amedée Prince et Cie — 36, Rue Lafayette; em Londres, Amedée Prince et Cie — 10, Coleman Street; e em Leipzig, Karl W. Hiersemann — 2, Königsstrasse

LIBRAIRIE HACHETTE ET Cie, Boulevard Saint-Germain, 79 — PARIS

Pour paraître en Juin 1890 en même temps que l'édition originale anglaise

H. M. STANLEY

DANS LES TENÈBRES DE L'AFRIQUE

Relation authentique de sa dernière expédition

RECHERCHE, DÉLIVRANCE ET RETRAITE

D'EMIN PACHÁ

Gouverneur de l'Equatoria

Deux magnifiques volumes in-8° d'environ 500 pages chacun contenant 150 gravures et 3 cartes:

BROCHÉS: 30 francs — RELIÉS: 38 francs

La LIBRAIRIE HACHETTE ET Cie prie ses correspondants de lui adresser d'avance leurs demandes pour cet important ouvrage.

Les commandes seront exécutées dans leur ordre de réception.

EN VENTE:

Comment j'ai retrouvé Livingstone, 1 vol. in-8° illustré, broché 10 fr.

A travers le Continent mystérieux, 2 vol. in-8° illustrés, brochés 20 fr.

PUBLICATIONS NOUVELLES

DE LA

LIBRAIRIE HACHETTE ET Cie

Boulevard Saint-Germain, 79, à Paris

DIEULAFOY (Marcel): **L'Acropole de Suse**, d'après les fouilles exécutées en 1884, 1885, 1886 sous les auspices du musée du Louvre. — *Première partie.* Histoire et Géographie. 1 vol. in-4°, avec 45 gravures, broché, 25 fr.

VIVIEN DE SAINT-MARTIN, président honoraire de la Société de géographie de Paris, et **ROUSSELET** (Louis): **Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle.**

Mise en vente du tome IV. (Lettres N-Q).

1 vol. in-4°, broché, 33 fr.

EN VENTE:

Tome Ier (A-C). 1 vol., broché, 27 fr. 50.
Tome II (D-J). 1 vol., broché, 32 fr.
Tome III (K-M). 1 vol., broché, 34 fr.
La demi-reliure en chagrin se paye en sus, par volume, 5 fr.

CHERBULIEZ (Victor), de l'Académie française: **Une Gageure.** 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

GEBHART (Émile), professeur à la Faculté des lettres de Paris: **L'Italie Mystique.** *Histoire de la Renaissance religieuse au moyen âge.* 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

MINISTÈRE DE L'INSTRUCTION PUBLIQUE ET DES BEAUX-ARTS

Correspondance secrète du comte de Mercy-Argenteau avec l'empereur Joseph II et le Prince de Kaunitz, publiée par M. le chevalier Alfred D'ARNETH, directeur des archives de la Maison, de la Cour et de l'État d'Autriche, et M. Jules FLAMMERMONT, professeur d'histoire à la Faculté des lettres de Lille. Tome Ier. 1 vol. grand in-8°, br., 12 fr.

Lettres de Peyresc aux frères Dupuy, publiées par PHILIPPE TAMIZEY de LARROQUE, correspondant de l'Institut, membre non résidant du comité des travaux historiques et scientifiques. Tome II (janvier 1629 — décembre 1633). 1 vol. in-4°, broché, 12 fr.

Description des échinides fossiles recueillis en 1885 et 1886 dans la région sud des haut-plateaux de la Tunisie par M. PHILIPPE THOMAS, membre de la mission de l'exploration scientifique de la Tunisie, par VICTOR GAUTHIER. Brochure in-8°, 2 fr.

Description des mollusques fossiles des terrains tertiaires inférieurs de la Tunisie, recueillis en 1885 et 1886 par M. PHILIPPE THOMAS, membre de la mission de l'exploration scientifique de la Tunisie, par ARNOULD LOCARD. Brochure in-8°, 2 fr.

Illustrations de la partie paléontologique et géologique. — Fascicule 1. — Echinides fossiles, par VICTOR GAUTHIER. — Espèces nouvelles de mollusques fossiles des terrains tertiaires inférieurs. par ARNOULD LOCARD. Album in-4° renfermant onze planches en taille douce dessinées d'après nature par M. F. Gauthier, 8 fr.

(Exploration scientifique de la Tunisie).

1290

SOLUÇÃO e CAPSULAS DE ANTIPYRINA do Dr CLIN

Laureado pela Faculdade de Medicina de Pariz.— Premio Montyon.

O Melhor Remedio contra a Enxaqueca.

A **Verdadeira Solução de Antipyrina do Dor Clin** possue uma poderosa acção para acalmar as dôres de : *Lumbagos, Torticolis, Nevralgias, Sciatica, Menstruação difficil, Colicas violentas* e os *Accessos de Gota e de Rheumatismo.*

« A Antipyrina pode ser considerada scientificamente como o medicamento mais poderoso contra a dôr. »

(Academia das Sciencias, Sessão de 18 de Abril de 1887).

DOSE : Tome-se cada dia de 2 á 4 colhères da **Verdadeira Solução de Antipyrina do Dor Clin.**

NOTA. — As **Capsulas de Antipyrina do Dor Clin** são destinadas as pessoas que não podem tomar a Solução.

CASA **CLIN & Cia** EM PARIZ, E PHARMACIAS.

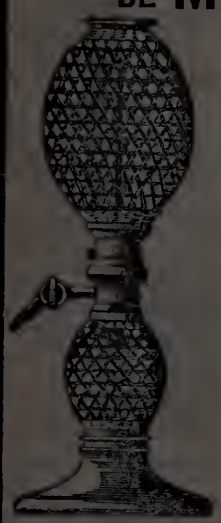
Medalha de Ouro, Exposição de Paris 1878

APPARELHO GAZOGENEO BRIET

Privilegiado s. g. d. g.

DE MONDOLLOT

Unico approvado pela Academia de Medicina e admittido nos Hospitaes de Paris.



Com o apparelho GAZOGENEO-BRIET, hoje tão conhecido, qualquer pessoa pode preparar instantaneamente e com um gasto mui pequeno, uma excellente AGUA DE SELTZ e outras varias *bebidas gazosas*, como sejão as de *Vichy, Soda, Limonada gazosa, Vinho espumoso*, etc.

O GAZOGENEO-BRIET se vende em todas as bôas drogarias e nas bôas casas que vendem artigos de Paris.

Exigir a marca de fabrica :

Fabrica em PARIS, 72, rua du Château-d'Eau.

Depositos nas principaes Pharmacias e Drogarias.

DAVID DE CASTRO

CARTEIRA DE SATAN, 1 volume 800 reis

PRODIGIO NAS SALAS, 1 volume 600 reis

ALVAIADES PARA A CIDADE

PÓ de Arróz de JAVA

Doce — Adherente Invisivel

A. BOURJOIS
14, Boulevd Saint-Martin, 14
PARIS

e nos Cabelleireiros e Perfumistas.

MOCIDADE INALTERAVEL

PRODUCTOS para a BELLEZA das SENHORAS

ALVAIADES DE THEATRO

LINIMENTO GÉNEAU

Para os Cavallos

Empregado com o maior exito nas cavalhariças reaes de SS. MM. o Imperador do Brazil, o Rei da Belgica, o Rei dos Paizes-Baixos e o Rei da Saxonia.

Suppressão do Fogo e da Queda do Pello

35 Annos de Exito

SEM RIVAL

Só este precioso ***Topico*** é o unico que substitue o ***Caustico*** e cura radicalmente em poucos dias as **manqueiras** novas e antigas, as **Torceduras, Contusões, Tumores e Inchações das pernas, Esparavão, Sobre-Cannas, Fraqueza** e **Engorgitamento** das *pernas* dos potros, etc., sem occasionar nenhuma *chaga*, nem *queda do pello* mesmo durante o tratamento.

Os resultados extraordinarios que tem obtido nas diversas **Affecções do Peito**, os **Catarrhos, Bronchitis, Molestias da Garganta, Ophtalmia**, etc., não dão logar á concurrencia.

*A **cura** faz-se com a mão em **3 minutos**, sem dor e sem cortar, nem raspar o pello.*

Deposito em Paris : Pharmacia GÉNEAU, rua St-Honoré, 275, e em todas as Pharmacias.

L'ARGUS de la PRESSE

ESTA EMPREZA RECEBE

LÊ, CORTA E TRADUZ TODOS OS JORNAES DO MUNDO

E FORNECE EXTRACTOS SOBRE TODOS OS ASSUMPTOS, ÁS PESSÔAS QUE OS PEDIREM

Informações e condições fornecidas por correspondencia que deve ser dirigida ao director

A. CHERIÉ

PARIS — 157, rue Montmartre — PARIS

Compra e Venda de

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

Especialmente de obras relativas a

PORTUGAL, BRAZIL & COLONIAS

Karl W. Hiersemann, Livreiro Editor

Catalogos *Portuguezes* e *Brazileiros*. Catalogos geraes de *Bellas-Artes, Architectura, Artes industriaes, Numismatica, Archeologia, Bibliographia, Litteratura, Costumes, Genealogia, Heraldica, Geographia* e *Linguas orientaes*. — Os Catalogos pedidos são enviados gratis.

Recebem-se encommendas : **LEIPZIG, 2, Konigstrasse, 2.**

Acaba de sahir á luz a TERCEIRA EDIÇÃO:

O PRODIGIO NAS SALAS

MANUAL DE PRESTIDIGITAÇÃO

ORNADO COM 67 ESTAMPAS

O MAIS CURIOSO E COMPLETO QUE SE TEM PUBLICADO N'ESTE GENERO

POR

DAVID DE CASTRO

Contendo: Addição de jogos de mãos, que podem ser exhibidos por qualquer amador, sem auxilio da physica, chimica ou mecanica; distinguindo-se, especialmente, nas sortes de cartas; porque, além de incluir uma collecção das já descriptas nos tratados dos principaes professores e cultores da **Arte magica**, é ampliada com mais duas séries: das quaes, a primeira comprehende uma variedade de sortes antigas, cuja composição e aperfeiçoamento lhes dão um caracter novo; e a segunda d'outras, originaes do auctor do livro.

TERCEIRA EDIÇÃO

1 volume..... 600

DO MESMO AUCTOR:

A CARTEIRA DE SATAN

NOVO MANUAL DE THEURGIA E PRESTIDIGITAÇÃO
ILLUSTRADO
COM 65 ESTAMPAS EXPLICATIVAS

E DIVIDIDO EM TRES CAPITULOS

Contendo: o 1.º — além de varias experiencias recreativas
de Chimica, Physica, Mathematica,
Jogos, Equilibrios e Dedotribica — a Grande Apotheose olympica,
Hymno mythologico e mysterioso
com o qual não só se póde praticar a Onomatomancia,
mas a mais apurada Steganographia em todos os idiomas;
o 2.º — Novas sortes de Pequena e Alta Magia,
incluindo os cinco ultimos successos dos Serni, Faure Nicolais, Clarence,
Alexandre Hermann e Cumberland;
e o 3.º — O vasto panorama phantastico da Historia Natural
por meio de projecções manuaes,
repartido em quatro secções distinctas, cuja exhibição attinge
o que ha de mais perfeito e moderno no genero

1 volume..... 800

VISLUMBRES

(COLLECÇÃO DE POESIAS)

1.ª parte, Glorias — 2.ª parte, Devaneios — 3.ª parte, Facecias

1 volume..... 500

A REVISTA DE PORTUGAL é publicada mensalmente, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um *BOLETIM BIBLIOGRAPHICO* acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os *ANNUNCIOS* são inseridos n'um supplemento especial collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6$000 reis	**3$200 reis**	**1$700 reis**

Numero avulso.	**500** reis
Pelo correio.	**540** »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

Um anno	Seis mezes
7$200 reis fortes	**3$800 reis fortes**

A REVISTA DE PORTUGAL assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores LUGAN & GENELIOUX, *e em todas as livrarias de Portugal. Agentes: em Paris,* ***Amedée Prince & Cie****, 36, Rue Lafayette, 36; em Londres,* ***Amedée Prince & Cie****, 10, Coleman Street, 10; e em Leipzig,* ***Karl W. Hiersemann****, 2, Königsstrasse, 2.*

Porto — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70